



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL MINISTÉRIO
DA EDUCAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO
DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**

**O TECER PERCEPTIVO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA
DO SEU COTIDIANO**

JOSENILDE SANTOS FEITOSA

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2024

O TECER PERCEPTIVO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DO SEU COTIDIANO

JOSENILDE SANTOS FEITOSA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Núcleo de Pós- Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB) da Universidade Federal de Sergipe — UFS, como parte de requisitos exigidos para obtenção de título de **Mestre em Ensino de Ciências Ambientais**.

Orientadora: Prof^a.Dr^a. Roseane Cristina Santos Gomes **Área de concentração:** Ensino de Ciências Ambientais **Linha de pesquisa:** Ambiente e Sociedade.

SÃO CRISTÓVÃO – SE

2024

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE**

F311t Feitosa, Josenilde Santos.
 O tacer perceptivo dos alunos do ensino fundamental acerca
do seu cotidiano / Josenilde Santos Feitosa; orientadora Roseane
Cristina Santos Gomes. – São Cristóvão, SE, 2024.
 148 f.: il.

 Dissertação (mestrado em Rede Nacional para o Ensino das
Ciências Ambientais) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

 1. Meio ambiente. 2. Educação – Aspectos sociais. 3. Estudantes
do ensino fundamental. 4. Percepção social. I. Gomes, Roseane
Cristina Santos, orient. II. Título.

CDU 502: 37.035

JOSENILDE SANTOS FEITOSA

**O TECER PERCEPTIVO DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL ACERCA DO
SEU COTIDIANO**

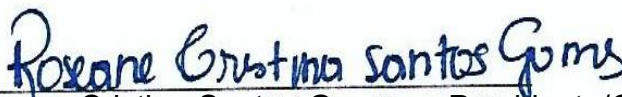
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais (PROFCIAMB), polo Universidade Federal de Sergipe (UFS), como requisito obrigatório para defesa e obtenção do Grau de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Prof^a.Dr^a.Roseane Cristina Santos Gomes

Dissertação de Mestrado defendida por Josenilde Santos Feitosa

APROVADO EM: (30/08/2024)

BANCA EXAMINADORA



Prof^a. Dra. Roseane Cristina Santos Gomes – Presidente/Orientadora
PROFCIAMB/UFS



Prof^a. Dra. Auceia Matos Dourado
Membro Externo/Titular



Prof^a. Dra. Katinei Santos Costa – Membro Interno/Titular
PROFCIAMB/UFS

AGRADECIMENTOS

Ao realizar uma pesquisa científica, uma gama de fatores surge, sobretudo, os desafios para se concretizar. Em um estudo sobre percepção ambiental, as pessoas são fundamentais, sem elas não seria possível captar a essência do mundo vivido. Todas as pessoas que estão em minha vida foram importantes nessa jornada, seja com um colo, um ombro amigo, uma palavra de conforto ou um direcionamento. Vocês sempre estiveram segurando minha mão. Palavras nunca serão o suficiente para agradecer tamanho gesto de carinho e amor que temos um pelo outro. Durante esses dois anos de mestrado, conheci muitas pessoas e, assim como as demais, tiveram sua significância para chegar até a etapa final. Sem alguns de vocês, certamente o resultado seria outro. A todos vocês, muito obrigada! A Deus, minha eterna gratidão!

RESUMO

A pesquisa em voga está centrada na análise da percepção dos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, localizada no bairro Assis Chateaubriand (Bugio), zona Norte de Aracaju/Se (oitavo ano), considerando o significado que os mesmos atribuem ao seu ambiente de vivência (escola e ambiente de morada) à luz dos conceitos de topofilia e topofobia do geógrafo sino-estadunidense Yi-Fu Tuan, ancorados nos pressupostos teóricos da fenomenologia defendida por Merleau-Ponty. Sendo assim, temos como questão de pesquisa: as relações que os sujeitos tecem com seu ambiente de vivência podem desvelar-se em uma relação topofílica, topofóbica ou outra maneira de ler e perceber o cotidiano? É um estudo voltado para a pesquisa qualitativa por se tratar de uma análise acerca das experiências dos sujeitos em relação ao seu mundo vivido. O itinerário instrumental está fundado na pesquisa bibliográfica tendo como referência leituras e análises acerca do ambiente, percepção, topofilia, topofobia, signos e significados, relação ambiente-sujeito-natureza, mapas mentais entre outros; pesquisa de campo alicerça-se na observação semiestruturada, com roteiros pré-estabelecidos, coleta de relatos informais concomitante com as observações, aplicação da técnica de mapas mentais fundamentada na metodologia Kozel. Diante do exposto, aferimos que a pesquisa em questão tem sua relevância pela possibilidade de contribuir com estudos envolvendo a relação sociedade-natureza, uma vez que cada vez mais nos é imposto um distanciamento do nosso ambiente para nos enxergarmos de forma apartada e coisificada. Em relação ao produto, foi confeccionada uma cartilha cujo foco reside na valoração dos sujeitos como parte integrante dos seus ambientes que congregam suas histórias de vida. A cartilha pode ser utilizada pelos professores da Educação Básica e Superior como instrumento pedagógico que contempla uma cartilha dos saberes, histórias, o olhar dos sujeitos no entorno do seu cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Ambiente; percepção; topofilia; topofobia.

ABSTRACT

The current research focuses on the analysis of the perception of students in the final years of elementary school at the Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, located in the Assis Chateaubriand neighborhood (Bugio), in the northern part of Aracaju/SE, with eighth-grade students, considering the meaning they attribute to their living environment (school and living environment) in light of the concepts of topophilia and topophobia by the Chinese-American geographer Yi-Fu Tuan, anchored in the theoretical assumptions of phenomenology defended by Merleau-Ponty. Therefore, our research question is: can the relationships that subjects weave with their living environment be revealed in a topophilic, topophobic relationship or another way of reading and perceiving everyday life? This is a study focused on qualitative research because it deals with an analysis of the experiences of subjects in relation to their lived world. The instrumental itinerary is based on bibliographical research that encompasses all stages of the research, with reference to the theoretical basis involving reading and analysis of the environment, perception, topophilia, topophobia, signs and meanings, environment-subject-nature relationship, mental maps, among others; field research based on semi-structured observation, with pre-established scripts, collection of informal reports concomitant with the observations, application of the mental map technique based on the Kozel methodology. In view of the above, we conclude that the research in question is relevant due to the possibility of contributing to studies involving the society-nature relationship, since we are increasingly forced to distance ourselves from our environment in order to see ourselves in a separate and objectified way. Regarding the product, a booklet was created whose focus lies in valuing the subjects as an integral part of their environments that bring together their life stories. The booklet can be used by teachers in Basic and Higher Education as a pedagogical instrument that includes a booklet of knowledge, stories, and the perspective of subjects in their daily lives.

KEYWORDS: Environment; perception; topophilia; topophobia.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Fachada do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa. Bairro Jardim Centenário, Município de Aracaju/SE, 2024	40
Figura 2 - Sala da diretoria	44
Figura 3 - Sala da coordenação	44
Figura 4 - Sala de aula	46
Figura 5 - Pátio com grama	47
Figura 6 - Quadra de esportes	48
Figura 7 - Pátio do Colégio	49
Figura 8 - Corredor que dá acesso a quadra	51
Figura 9 - Sala de Informática	52
Figura 10 - Praça do bairro Assis Chateaubriand (Bugio)	55
Figura 11 - Rua do bairro Olaria	56
Figura 12 - Rua do bairro Jardim Centenário	57
Figura 13 - Rua do bairro Parque São José	58
Figura 14 - Praça do Bairro São Carlos – Aracaju/SE	60
Figura 15 - Ruela do Bairro São Carlos – Aracaju/SE	61
Figura 16 - Rua do bairro Jardim Centenário – Aracaju/SE	62
Figura 17 – Ginásio	64
Figura 18 - Obras na rua	64
Figura 19 - Praça do bairro Bugio	64
Figura 20 - Praça do bairro Bugio	65
Figura 21 - Rótula do bairro Bugio	65
Figura 22 - Rua com buracos	67
Figura 23 - Lixão na Avenida principal no Parque São José	67
Figura 24 - Praça do Povoado Sobrado	68
Figura 25 - Mapa mental ambiente escolar S1H	80
Figura 26 - Mapa mental do ambiente escolar de S3M	81
Figura 27 - Mapa mental do ambiente escolar de S6M	82
Figura 28 - Mapa mental do ambiente escolar de S9M	84
Figura 29 - Mapa mental do ambiente de morada de S1H	87
Figura 30 - Mapa mental do ambiente de morada de S3M	88
Figura 31 - Mapa mental do ambiente de morada de S6M	89

Figura 32 - Mapa mental do ambiente de morada de S9M	90
Figura 33 - Kit de lápis de cor.....	94
Figura 34 - Sujeitos confeccionando os mapas mentais	94
Figura 35 - Coletando dados	95

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Etapas do desenvolvimento da pesquisa.....	35
Quadro 2 - Entrevista, ambiente escolar	52
Quadro 3 - Entrevista do ambiente de morada.....	69
Quadro 4 - Significado de ambiente	75
Quadro 5 - Elementos do ambiente escolar	85
Quadro 6 - Elementos do ambiente de morada.....	91
 Quadro 8 - Orçamento para confecção dos mapas mentais	 100
Quadro 9 - Estudo da Arte.....	132

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Bairros oriundos dos sujeitos protagonistas	39
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS

EJA	Educação de Jovens e Adultos
SEDUC	Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	O TECER TEÓRICO CONCEITUAL DA PESQUISA	14
2.1	Itinerários teóricos acerca do ambiente	14
2.2	O tecer relacional entre o sujeito e o ambiente	16
2.3	Sujeito e percepção – uma relação dialógica com o ambiente	18
2.4	O ambiente à luz de Yi-FuTuan	20
3	ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS	24
3.1	Itinerário fenomenológico.....	24
3.2	Itinerários instrumentais	26
3.2.1	Revisão de literatura	26
3.2.2	Observação semiestruturada	27
3.2.3	Diário de campo	29
3.2.4	Entrevista semiestruturada	30
3.2.5	Documentação fotográfica	31
3.3	Análise de prosa como itinerário de análise dos dados.....	32
3.4	Técnica de construção de mapas mentais.....	33
4	CAMINHOS ÉTICOS DA PESQUISA	36
4.1	Critérios de inclusão e exclusão	36
4.2	Riscos em participar da pesquisa.....	36
4.3	Benefícios em participar da pesquisa.....	37
5	DO UNIVERSO DA PESQUISA	38
6	MAPA DO AMBIENTE ESCOLAR E DE MORADA.....	39
7	CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO	40
8	SELEÇÃO DOS SUJEITOS PROTAGONISTAS	42
9	O TECER PERCEPTIVO DOS SUJEITOS	43
9.1	Ambiente escolar	43
9.2	Ambiente de morada	53
9.2.1	Bairros.....	54
9.2.2	Entrevistas	59
10	SIGNIFICADO DE AMBIENTE	71
11	MAPAS MENTAIS: conexões entre sujeito e o ambiente	76
11.1	Etapa “Desenhar para revelar”	76
11.2	Decodificação dos mapas	77
11.3	Ambiente escolar	77

11.4 Ambiente de morada	86
12 DIÁRIO DE CAMPO	90
12.1 Etapa “Escrever para contar”	90
12.2 Etapa “Desenhar para revelar”	91
12.3 Etapa “Capitar para compreender”	93
13 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
14 ORÇAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS MAPAS MENTAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98
APÊNDICES	102
Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE	103
Apêndice 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido	107
Apêndice 3 - Termo de Compromisso para utilização de dados (TCUD).....	111
Apêndice 4 – Termo de Compromisso e confidencialidade	112
Apêndice 5 – Termo de autorização e existência de infraestrutura.....	113
ANEXOS	114

1 INTRODUÇÃO

As Ciências Ambientais nos oportuniza um leque de reflexões envolvendo a relação sociedade-natureza, o que inclui como o sujeito concebe seu ambiente. Para Tuan (1980), o ambiente é aquele que envolve experiência, cultura, paisagem, visão de mundo do sujeito para a construção de suas percepções nas esferas do individual e do coletivo. Inferimos como percepção uma viagem reflexiva no universo do outro. É permitir-se adentrar no cotidiano dos sujeitos comum com olhar atento e sobretudo sensível.

Na seara da relação sociedade-natureza, temos como intuito adentrarmos no universo da Educação Básica no sentido de apreendermos como os sujeitos da educação básica concebem seu ambiente escolar e de moradia. Sendo assim, temos como questão de pesquisa: as relações que os sujeitos tecem com seu ambiente de vivência podem desvelar-se em uma relação topofílica, topofóbica ou outra maneira de ler e perceber o cotidiano?

A motivação para o desenvolvimento da pesquisa surgiu após as leituras das obras de Yi-Fu Tuan “Paisagem do Medo” e “Topofilia, um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”, bem como leituras relacionadas ao ambiente escolar e a percepção ambiental, visto que quando se trata das Ciências Ambientais as questões subjetivas atreladas a relação sociedade-natureza são raramente enfocadas.

Assim, partimos do pressuposto de que nas escolas, o corpo docente e a equipe pedagógica, além do aluno, acreditam que o estudo envolvendo o ambiente está inteiramente ligado ao desmatamento, produção de lixo, preservação ou conservação do ambiente material, sempre dentro deste viés. Entretanto, o estudo das Ciências Ambientais inclui não somente as questões acima descritas, como também a relação subjetiva entre sujeito-natureza (Gonçalves, 2006).

Isto posto, temos como objetivo central analisar a percepção dos sujeitos do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/Aracaju-SE acerca do seu ambiente de vivência escolar e de moradia. E como objetivos específicos: identificar as características socioambientais do ambiente escolar e de vivenciados sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/Aracaju-SE; apreender o significado que

os sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa atribuem ao cotidiano, ambiente escolar e de moradia por meio da percepção; refletir sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa à luz dos conceitos de ambiente, topofilia e topofobia; e por fim, desenvolver uma cartilha sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais sobre o ambiente escolar e de moradia como recurso pedagógico para ser trabalhado de forma transversal nas disciplinas que os docentes julgarem a temática pertinente.

Para refletirmos sobre as questões levantadas, trilharemos pelo caminho teórico-conceitual da fenomenologia de Merleau-Ponty e, sobretudo, dos conceitos de ambiente, topofilia e topofobia de Yi-Fu Tuan. A fenomenologia nos dará o alicerce, pois nos revela o campo da subjetividade, da historicidade, da cultura que permeiam as relações sociais e nos abre o trilhar para enxergarmos os sujeitos dentro das suas tensões, conflitos, afetos, da experiência perceptiva e tudo o que está relacionado a ela.

Já o conceito de topofilia é relevante para o estudo por exprimir os laços afetivos expressados por meio dos significados e símbolos atribuídos pelos sujeitos ao seu ambiente. E nessa mesma vertente, o conceito de topofobia expressa o sentimento de rejeição, repulsa ou medo que o sujeito manifesta por um ambiente. Por sua vez, expressa percepções acerca dos seus ambientes a partir da vivência que se tece no ambiente. É neste trilhar que pretendemos desenvolver o estudo sobre percepção dos sujeitos matriculados no Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, localizado no bairro Assis Chateaubriand (Bugio)/Aracaju-SE, acerca do ambiente escolar, bem como dos seus ambientes de morada.

É relevante considerar os elos estabelecidos entre os sujeitos e a escola. Alguns podem sentir tanta aversão a esses ambientes que podem lhe causar traumas, bloqueios, dificultando o desenvolvimento no processo de ensino-aprendizagem e nas relações com outras pessoas na sua vida cotidiana. Assim como o elo constituído entre o sujeito e sua comunidade, uma vez que muito da sua vivência, das suas experiências são levadas para o ambiente escolar, sendo que estas experiências podem ou não contribuir para as relações estabelecidas na escola.

A partir do exposto, este estudo em voga está estruturado da seguinte forma:

A matriz teórico-conceitual é composta pelos tópicos, “Itinerários teóricos acerca do ambiente” no qual construímos uma discussão sobre as concepções de natureza e ambiente. “O tecer relacional entre sujeito e o ambiente”, no qual desenvolvemos uma reflexão da dinâmica que envolve a relação sujeito- ambiente- sociedade-natureza. “Sujeito e percepção: uma relação dialógica com o ambiente” onde apresentamos uma discussão sobre a percepção ambiental. Em “O ambiente à luz de Yi-Fu Tuan”, relacionamos a discussão sobre o ambiente com os conceitos de topofilia e topofobia.

Posteriormente, expomos os itinerários metodológicos alicerçados pelo método fenomenológico, pela pesquisa qualitativa e os instrumentais relevantes para a apreensão da percepção dos sujeitos sobre o seu ambiente escolar e de morada. Por último, apresentamos a proposta de desenvolvimento de um produto que possa contribuir com a valoração do sujeito a partir dos seus sentidos e significados em relação ao seu cotidiano, para poder servir, entre outras funções, como recurso pedagógico numa perspectiva transversal.

A relevância social dessa pesquisa encontra-se no fato de que, a partir do estudo da percepção dos sujeitos em relação ao seu ambiente, será possível compreender como os mesmos percebem e como desenvolvem sua relação com o ambiente, partindo da realidade que vivenciam. Desse modo, por meio da análise da percepção ambiental, o presente estudo busca contribuir com o trabalho docente do Ensino Fundamental e estimular junto aos estudantes a valorização, o respeito e o reconhecimento da importância de uma relação de reciprocidade, respeito a diferentes formas de conceber o mundo e poder contribuir com o ambiente amparado na mutualidade entre os sujeitos tanto na escola, como nas suas comunidades.

2 O TECER TEÓRICO CONCEITUAL DA PESQUISA

2.1 Itinerários teóricos acerca do ambiente

A questão ambiental no mundo deve ser um assunto sempre evidente a ser discutido e estudado em todos os espaços, não se restringe apenas aos setores educacionais. Os sujeitos fazem parte desse ambiente e sem ele, é impossível nossa existência. Por essa razão, estudá-lo e compreendê-lo para sabermos como nossas ações impactam esse ambiente e como esse ambiente nos impacta se torna relevante para o sujeito. Nesse capítulo serão expostos os conceitos de natureza e ambiente.

Em vários tempos históricos a humanidade conceituou a natureza conforme o seu entendimento e suas definições foram estabelecidas de acordo com a cultura predominante na sociedade, ou seja, na época em que viviam. Gonçalves (2006) faz uma análise crítica sobre a relação homem-natureza ao afirmar que: “[...] a natureza é, em nossa sociedade, um objeto a ser dominado por um sujeito, o homem, muito embora saibamos que nem todos os homens são proprietários da natureza” (Gonçalves, 2006, p. 26).

A filosofia cartesiana concebe a natureza como recurso que se usa para alcançar um fim que perpassa pelos dias de hoje. Dessa forma, é correto afirmar que quem determina o conceito é a humanidade e os mesmos mudam conforme cada tempo histórico. Sendo assim, se torna um conceito variável e não absoluto. Todos os seres são natureza, mas, para o ser humano ser um sujeito social é a sociedade- cultura que determina, tendo em vista que esta tem força sobre a natureza e consegue moldá-la a seu favor (Gonçalves, 2006).

Para refletir sobre isso, Gonçalves (2006) exemplifica em sua obra “Os (Des)Caminhos do Meio Ambiente”, que crianças que viveram distantes da sociedade e apresentaram dificuldades de comunicação, postura corporal e até mesmo gestos incompatíveis com o da sociedade-cultura demonstravam um comportamento diferente dos humanos. Com esse exemplo, percebe-se que o que torna o ser humano um ser social é a sua inserção na sociedade, ou seja, tornando o ser humano social através da convivência com outros da mesma espécie numa comunidade constituída por tradições, regras, cultura, hábitos, etc.

Atualmente a percepção do que seja natureza é evidenciada como algo que o sujeito precisa dominar, contudo, o movimento ecológico tenta desmistificar esse pensamento através do pensar, do modo de ser, do sentir, do produzir e de viver em coletividade (Gonçalves, 2006). Segundo o autor, o conceito de natureza é não natural, haja vista ser uma construção da sociedade. Dessa maneira, a natureza não se restringe apenas a fauna e flora. Ela engloba muito mais que isso, são seres humanos, é um conceito social, é a totalidade. Nesta pesquisa será defendido o conceito de natureza concebido por Gonçalves (2006).

O ambiente é a compreensão da natureza, é o que se acredita sobre ela envolvendo os sentimentos do ser em respostas ao que se pode perceber. Ou seja, uma abstração da mente humana que pode ser compreendida como um recorte da natureza que o sujeito pode compreender. Leff (2009) completa a compreensão do que seja ambiente ressaltando que:

O ambiente é objetividade e subjetividade, exterioridade e interioridade, imperfeição em ser e imperfeição de saber, que não acumula nenhum conhecimento objetivo, um método sistêmico e uma doutrina totalitária (Leff, 2009, p.21).

Leff (2009) nos traz o entendimento de que ambiente não está apenas ligado ao que é concreto, mas também ao que é abstrato, ao que está dentro e ao que está fora de nós, descrito nas imperfeições de ser e saber, que não acumula um conhecimento que não depende do sujeito que o protege, não é um pensamento organizado que venha atingir resultados que sirvam para os passos seguintes e nem princípios de caráter único a serem seguidos. O ambiente é tudo que está em nossa volta como também as relações, os sentimentos e as experiências contidas nele.

Assim, Tuan (1980) traz uma definição cheia de significado, vivências e experiências para esse ambiente. No ambiente defendido pelo autor, os sentimentos também são relevantes para essa concepção, não apenas os aspectos físicos. Tudo se faz conectado entre o ser vivo e o ambiente, portanto essa relação de afeto ou repúdio ao ambiente dependerá de como se deu esse elo.

Desse modo, defendemos nesta pesquisa o ambiente concebido por Tuan (1980) o qual envolve experiência, cultura, paisagem, visão de mundo para se

construir seus significados e percepções no individual e no coletivo. A análise de Tuan (1980) para com o ambiente é de afeição, uma relação de intimidade e sentimento onde o sujeito se identifica pertencente àquele lugar mesmo que se tenha pouco tempo de experiência, prevalecendo o que foi construído com a vivência.

Assim sendo, a relevância da pesquisa se dá em poder compreender melhor os alunos em seu ambiente escolar, uma vez que alguns podem considerar o espaço como algo não convidativo aos estudos e não conseguir expressar o porquê dos seus sentimentos topofóbicos (medo ou aversão ao lugar) e os topofílicos (afeição ao lugar) quando existentes. E essa relação começa ao ter o entendimento de como os alunos concebem esse ambiente em específico.

2.2 O tecer relacional entre o sujeito e o ambiente

Neste tópico será desenvolvida uma reflexão acerca do sujeito a partir de sua base conceitual, bem como a relação deste com o ambiente, visto que ao longo dos séculos o termo sujeito ganhou outras acepções, uma vez que os conceitos transformam-se ao longo do tempo e no espaço. Para Lima (2014) o sujeito divide-se em sujeitos empírico e racional, ou seja, ele é corpo e alma, uma estrutura formal da subjetividade, autoreflexão e intelecto na era da modernidade. O sujeito não é composto apenas da razão, como também da emoção que faz um equilíbrio para compô-lo, juntamente com princípios morais e éticos.

Segundo Araújo *et al* (2017), o filósofo Friedrich Nietzsche, um dos principais filósofos da contemporaneidade, concebe o sujeito como um ser com múltiplas forças e com possibilidades de vida. Nessa linha de pensamento, o sujeito passa a conhecer o mundo, evidenciando a subjetividade e salientando o significado da construção de conhecimento.

Araújo *et al* (2017) assevera que:

O sujeito não é tão simplesmente uma máquina de pensar, mas é fenômeno, mudança, processo, tempo. Um eu que é fluxo do pensamento e processo relacional - perspectiva diametralmente oposta e que rompe com uma visão metafísica do eu. O sujeito perde o status de substâncias mental e material (fixas, eternas) e passa a ser fenômeno (mutável, finito) (Araújo *et al*, 2017, p. 02).

O sujeito não é apenas um ser racional funciona como uma máquina, mas é um ser que também sente emoções. É feito de sentimentos e por isso, muda conforme ao que o ambiente o expõe na sua relação com a natureza. O mundo existe independentemente do sujeito existir, antes mesmo desse sujeito ter qualquer percepção ou interação, mas é no mundo que esse sujeito se (re)conhece, é no mundo em que o sujeito vive. Cada sujeito é único e produz suas experiências e percepções a partir do cotidiano no qual o mesmo está em processo de interação e (re)construção.

Nesse contexto, o fator cultural é relevante para construção do sujeito, porém, não é um fator determinante. É um elemento essencial nessa construção além da razão e a emoção, mas outros fatores necessitam ser colocados em destaque para ser sujeito. A subjetividade é um deles, tornando o sujeito especial, diferente dos demais. É o ser sujeito no sentido existencial. De acordo com Maheirie (2002) a subjetividade se dá de diversas maneiras e desse modo se constrói a realidade social permeada na objetividade. A subjetividade pode ser interpretada como algo particular, onde o sujeito faz a sua interpretação do que está sendo representado. Já a objetividade está ligada ao coletivo. É a interpretação do que de fato representa um objeto.

Merleau-Ponty (1999) afirma que o sujeito precisa se entender no processo e no comprometimento do ser sujeito-social. Assim, consegue associar e assimilar o que é coerente fazer ou não em prol do coletivo, pois, ser sujeito social é estar em sociedade. Contudo, o ser necessita ter sua visão ou experiência do mundo para ter suas próprias conclusões de como ser esse sujeito-social, uma vez que, abrindo mão da liberdade, o sujeito deixa de fazer o que apenas o convém para benefício do todo para adquirir uma vida assegurada de direitos. Dessa forma, a criação de sujeito se dá no coletivo, no qual esse sujeito é protagonista da sua própria história ou antagonista de outra, mas sempre de forma simultânea.

“O sujeito, a partir das relações que vivencia no mundo, produz significações e, como ser significante, vivenciar esta sua condição de ser lhe permite singularizar os objetos coletivos, humanizando a objetividade do mundo” (Maheirie, 2002, p. 36). Com base no exposto, o sujeito que defendemos neste estudo é o sujeito histórico-cultural, dotado de subjetividade e objetividade, de razão, emoção, de experiências e vivências. É protagonista do seu cotidiano.

2.3 Sujeito e percepção – uma relação dialógica com o ambiente

Segundo o dicionário Significados (s/d) percepção vem do latim *perception* e significa o ato, capacidade ou efeito de perceber algo. Com isso abre-se uma variedade de percepções como a social, musical, visual, filosófica, etc. Em cada campo ela será direcionada a alguém ou alguma coisa, mas sempre dentro dessa perspectiva de compreensão.

Sobre esse conceito, Tuan (1980) explana que a percepção nasce da relação homem-mundo. O homem se relaciona com o mundo exterior e a partir do que ele observa e vivencia, forma sua percepção. Os sentidos (olfato, paladar, audição, tato e visão) são ferramentas de conhecimento cognitivo, pois através deles, construímos e descobrimos o nosso mundo.

Um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os seus sentidos. A informação potencialmente disponível é imensa. No entanto, no dia a dia do homem, é utilizada somente uma pequena porção do seu poder inato para experienciar (Tuan, 1980, p.12).

A experiência e a percepção de cada ser diferem do outro, podendo ter momentos parecidos, mas não idênticos. Os sentidos sensoriais (visão, olfato, paladar, audição e tato) segundo Tuan (1980), não são efetivamente bem explorados para perceber o ambiente. Na maioria das vezes, os sujeitos utilizam a visão como seu principal receptor de informação e esquece de desenvolverem os outros sentidos.

Dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. Ele é predominantemente um animal visual. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos, do que através dos sistemas sensoriais da audição, olfato, paladar e tato (Tuan, 1980, p.07).

Os sujeitos tendem a fazer o uso dos sentidos referidos ao olfato, audição, tato e paladar para perceber o ambiente quando possui alguma limitação de outro sentido, assim, de modo orgânico, aprimora suas habilidades já existenciais para compreender o mundo conforme a sua necessidade. Sendo assim, Oliveira (2012) infere que a comunicação do sujeito com o mundo exterior inicia-se pelos órgãos do sentido e através dos sentidos é possível ser excludente e momentâneo nas circunstâncias em que são estabelecidas pelo ambiente, deste modo, a realidade carrega possibilidades de acontecimentos. De acordo com Oliveira (2012, p. 57) “A porta de entrada, ou melhor, o nosso contato com o mundo exterior se dá através

dos nossos órgãos sensoriais, de maneira seletiva e instantânea, propiciando a sensação”.

Assim, a sensação muda conforme a seleção que o sujeito faz no decorrer das ações do dia a dia, e dessa forma, a realidade é ingressa através do aparelho sensorial. Conforme Oliveira (2012), as sensações atravessam a seletividade cultural e individual para se tornar percepção. E essa percepção ocorre no córtex cerebral estipulado pela sensação por um determinado momento. A percepção na abordagem sociológica analisada por Ferrara (2008) aborda o ambiente físico no imaginário social, a relação entre memória, cultura e paisagem, reconhecendo a experiência individual e a visão de mundo para criar identificações em que são partilhadas num território comum.

Os sons, o cheiro e as imagens são formas de comunicação não verbais que o espaço possui e dessa forma, deixam marcas que a partir delas contam histórias refletindo em valores, culturas e costumes. Conjuntamente com a visão geográfica e a sociológica, a visão biogeográfica considera o fator cultural como um aspecto importante na construção da percepção do sujeito para tomada de decisão e consciência.

Os filtros culturais e individuais são produto de interesse, da necessidade e da motivação. São tão importantes, em nossa percepção, que muitas vezes determinam as tomadas de decisões e nos conduzem às tomadas de consciência (Oliveira, 2012, p.58).

Tuan (1980, p. 285) assevera que “[...] a cultura pode influenciar a percepção de tal modo que as pessoas verão coisas que não existem: pode causar alucinação em grupo”. A cultura pode influenciar nas tomadas de decisões, todavia, o autor esclarece que o sexo dos sujeitos, quando definidos, possuem valores e aspectos diferentes em relação ao ambiente, pois, homens e mulheres, diferem no modo de viver e enxergar o mundo. Desse modo, refletem em suas escolhas considerando os valores atribuídos, a atitude e a percepção.

Já Ferrara (2008) interpreta a cultura dentro da história comum, na vida cotidiana, por meio de um elemento que interage no espaço-tempo com valores sólidos evidenciados na tradição tanto familiar como na social.

Referindo a experiência, a percepção engloba distintas maneiras do sujeito conhecer e construir a realidade, constituindo através do pensamento e sentimento. Por intermédio dos sentidos e experiências, os sujeitos podem ter sentimentos

profundos pelos espaços pelos quais transitam e terem qualidade espacial pela cinestesia (sensação ou percepção de movimento), tato e visão (Ferrara, 2008). Neste estudo nos alicerçamos em Tuan (1980), o qual concebe percepção como “[...] tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados” (Tuan, 1980, p.04).

É preciso sentir para entender e por esta razão, Tuan (1980) reflete sobre os sentidos na construção da percepção. Como entender algo se você como sujeito daquele lugar está em estado de inércia? Não vê, não ouve, não sente. O mundo acontecendo em sua volta e você sem enxergar. Os sentimentos, a personalidade e o histórico de vida de cada sujeito também são vistos como instrumentos de percepção. Através do que sentimos, vivenciamos e damos valor ao que percebemos em volta da sociedade em que estamos inseridos e contribuimos para essa formação. A cultura é elaborada como percepção quando sua construção se dá no coletivo.

Os artifícios que são aprendidos com a cultura na qual nascemos, terão impacto na intensidade dos sentidos. Dessa forma, cada povo, cada nação tem percepções de mundo diferentes ou semelhantes e fazem suas leituras de mundo através das percepções e valores que são estipulados com a experiência. As várias distinções de percepções acerca do mundo se devem ao fato de sermos seres diferentes, por isso, que tanto o fator biológico como cultural são relevantes nessa interpretação.

O ambiente em que o sujeito está inserido durante os ciclos da vida, corresponde às preferências feitas ao longo de sua existência. Como cada um, enxerga o seu mundo e o estrutura diz muito como são suas relações com o ambiente. Neste estudo, o conhecimento e identificação dos ambientes de vivência escolar e de morada dos alunos são de suma relevância para compreensão dos significados que atribuem a esses ambientes por meio de suas percepções.

2.4 O ambiente à luz de Yi-FuTuan

Neste capítulo, o foco está direcionado nas reflexões de Tuan (1980) e (2005), nas quais o ambiente, a topofilia e topofobia serão de fundamental relevância para a

compreensão da percepção e, por conseguinte, os significados que os sujeitos da pesquisa em questão atribuem aos seus ambientes de vivência e escolar.

Nos lugares experimenta-se várias sensações e uma delas é o medo. Tuan (2005), em sua obra “Paisagem do medo”, desenvolve uma análise acerca dos medos vivenciados pelas pessoas em lugares que de alguma forma causam desconforto, ansiedade, bloqueio. Tuan (2005) define as “Paisagens do medo como as quase infinitas manifestações das forças do caos, naturais e humanas” (Tuan, 2005, p.4).

O medo é descrito pelo autor como um sinal de alerta e ansiedade, sendo esse alerta acionado por um evento inesperado em que o sujeito têm duas opções, fugir ou enfrentá-lo. Já a ansiedade antecede o perigo mesmo antes dele se fazer presente. Esses medos, aversão ao lugar é o que se caracteriza como topofobia conforme descrito pelo autor (Tuan, 2005).

O contexto em que a criança cresce indica os medos que surgem a cada etapa da vida, considerando o fator cultural, a criação e a educação designada a elas que tendem a refletirem em seus comportamentos. Sendo assim, é interessante destacar que todos os seres humanos sentem ou já sentiram medo de algo ou alguém, seja lá qual for a sua faixa etária. Às vezes o “bicho-papão” só muda de formas e de nome.

Os pais ou responsáveis procuram amedrontar as crianças com repreensões que parecem passar de geração a geração de forma orgânica sem pensar muito nas consequências que podem causar. A imposição da rigorosidade dos pais para controlar os filhos, é geralmente conduzida por uma linguagem aterrorizante, com o intuito de impedi-los de fazerem certas atividades ou peraltices e assim restringem o seu ambiente por causarem desconforto e medo aos espaços. O núcleo reprodutor cultural é muito forte nas sociedades, porém a educação consegue desmistificar esses atos ou potencializá-los.

De acordo com Tuan (2005, p.53), “[...] à medida que aumenta o nível de educação, diminui a dependência de horrores sobrenaturais para impor disciplina”. O medo se faz necessário para preservação da vida, visto que, através dele entendem-se os ambientes perigosos para evitá-los. Não somente homens e mulheres que compartilham dessa mesma premissa, os animais, também sentem temor e possuem as mesmas reações de escolhas, podem fugir ou enfrentá-las ao perceberem o perigo que esta por vir. Percebe-se, que para eles, esse medo se

faz importante para a sobrevivência no mundo. “Para sobreviver, os animais devem ser sensíveis aos sinais de perigo; eles precisam conhecer o medo. Individual ou coletivamente, os seres humanos não são exceções” (Tuan, 2005, p.57).

Contudo, os temores ficam enraizados em nossas mentes e sempre se terão gatilhos emocionais quando sentir a mesma sensação vivenciada naquele momento que causou danos emocionais. O medo está ligado aos sentidos e os sentidos são memoráveis, por isso sempre se retoma para o sentimento do medo ou felicidade. Esse sentimento faz parte do sujeito, o que diferencia é como cada pessoa deixa interferirem em sua vida e a relação de valor que concebe aos lugares nos quais viveu.

A topofobia se relaciona muito com a topofilia, pois os lugares ou espaços nem sempre trazem boas lembranças e podem remeter a muito medo ao ponto dos sujeitos se sentirem mal nesses lugares ou espaços, como também ter um elo afetivo muito presente por onde transita. Em sua obra Topofilia, Tuan (1980) trata da relação afetuosa com o ambiente. O modo de perceber e sentir esse ambiente.

Os sentidos são essenciais na construção do conhecimento, a percepção é importante e determinante para a elaboração de entendimento não só do outro como também com o ambiente do qual o sujeito faz parte. Se perceber em um ambiente envolve uma série de fatores como a cultura, os valores, a afetividade, o pertencimento. A relação que se desenvolve entre o sujeito, o grupo social do qual ele faz parte e o ambiente pode ser positiva ou negativa.

Ao utilizar os sentidos para se conhecer o ambiente, fica evidente que o som, o cheiro, o sentimento gerado ali traz uma representação no seu subconsciente só de sentir a mesma sensação daquele determinado acontecimento. Sendo assim, uma experiência afetiva estabelece uma relação topofílica. E quando negativa, uma relação topofóbica. Por isso, que a topofobia e a topofilia sempre se encontram no nosso cotidiano. A nossa percepção ambiental é fundamental para sabermos para onde vamos, onde queremos chegar, nos descobrir e descobrir o mundo que existe além de nós mesmos.

Topofilia significa “todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material” (Tuan, 1980, p.107). Ou seja, se dá a partir de uma existência de sentimento e lugar. O ambiente pode não demonstrar situações favoráveis para um sentimento feliz, mas pode fornecer alegrias para o sujeito de modo subjetivo, o qual só ele conseguirá explicar o que viveu ou vive no determinado ambiente. Os

sentimentos, construídos decorrentes das experiências são extremamente particulares, mas diante de uma coletividade podem se tornarem um sentimento social.

Sendo assim, o ambiente, a percepção e visão de mundo estão interligados em obtenção da acuidade, favorecendo através das percepções e visões de mundo o conhecimento do ambiente para transformá-lo a seu favor, objetivando o aprofundamento dos significados de atitudes e valores. Para a pesquisa, é crucial esclarecer sobre topofobia e topofilia, conforme apontado por Tuan (1980) e (2005), uma vez que esses tópicos foram examinados no ambiente escolar e a percepção será uma ferramenta valiosa para interpretar os sujeitos e sua relação com o ambiente.

3 ITINERÁRIOS METODOLÓGICOS

A pesquisa em voga foi amparada pelas premissas da pesquisa qualitativa, pois o foco está na compreensão e análise da realidade vivida pelos sujeitos protagonistas por meio dos significados que eles atribuem ao seu ambiente. Assim, consiste na compreensão aprofundada do que se pretende estudar, explicando os fatos sem pretensão de julgar ou quantificar os resultados. Os sujeitos protagonistas da pesquisa foram os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa do turno da tarde, meninos e meninas entre 14 e 15 anos.

Segundo Deslandes (1994), para iniciar uma pesquisa é necessário estabelecer critérios, como definição do marco teórico conceitual, os instrumentos de coleta de dados, o local onde será realizada a pesquisa, os sujeitos participantes, a amostragem e as estratégias de campo.

Após essas definições estabelecidas por Deslandes (1994), foi necessário pensar como seria contemplada cada fase dentro da pesquisa e compreender a função de cada uma delas. Portanto, esclarecer cada etapa a ser seguida é relevante para a efetivação da pesquisa para entender como conduzi-las e os caminhos que levariam até a etapa final.

Neste sentido, a pesquisa qualitativa nos forneceu o aporte necessário para adentrarmos na percepção dos sujeitos a partir das respostas obtidas na coleta de dados, pois o foco estava na análise dos fenômenos considerando como eles ocorreram e o foco na apreensão da realidade vivida pelos sujeitos (Minayo, 2014).

A abordagem qualitativa justifica-se pelo que se propõe na pesquisa, que é analisar a percepção do sujeito, deixando evidente o seu lado emocional e subjetivo, referente aos significados que os alunos atribuíram ao ambiente escolar e de moradia guiando-se pelo método fenomenológico por proporcionar o estudo do ser nessa perspectiva.

3.1 Itinerário fenomenológico

O estudo da percepção dos sujeitos, acerca do seu ambiente cotidiano foi alicerçado

nas premissas da fenomenologia merleau-pontiana, uma vez que para Merleau-Ponty (1999, p.1) “[...] a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, resumem-se em definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo”.

A percepção está relacionada às diferentes dimensões inerentes ao cotidiano socioambiental do qual os sujeitos fazem parte, o que inclui os processos simbólicos, ligados ao contexto cultural vivido. Para Tuan (1983),

A percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura (Tuan, 1983, p 4).

A Fenomenologia da Percepção compreende uma imersão fenomenológica do sujeito, o que inclui o seu mundo vivido e todos os acontecimentos relacionados a esse mundo dentro de sua dinâmica dimensional seja ela histórica, cultural, política, ideológica, econômica, biológica, sociológica, entre tantas outras.

Whyte (1977), ao se referenciar sobre metodologia, destacou os estudos no âmbito da percepção ambiental. Dessa forma, definiu as técnicas de procedimentos no campo da fenomenologia em ouvindo, perguntando e observando. O “ouvindo” é uma estratégia relevante para se obter dados investigativos antes mesmo que se criem especulações sobre o sujeito e o meio ambiente. As perguntas e observações não deixam de ser importantes, juntas, essas técnicas possuem uma significação enriquecedora para a pesquisa.

O método fenomenológico consistiu em descrever, através da análise estrutural reflexiva, o real sentimento dos sujeitos protagonistas, relatando a essência da experiência do mundo vivido, ou seja, a experiência significativa sobre o fenômeno. Dessa forma, a subjetividade dos alunos protagonistas da pesquisa foi de grande relevância para a construção do estudo considerando o método.

Segundo Merleau-Ponty (1999), a fenomenologia não se preocupa em explicar o fenômeno e nem tão pouco analisar dados, mas, em colaboração dos sujeitos, descreverem o mundo percebido através dos seus olhos, sendo assim, os sujeitos protagonistas podem fazer parte de um mesmo ambiente, contudo seus significados a esse ambiente em questão são vividos de diferentes formas.

3.2 Itinerários instrumentais

Considerando a abordagem qualitativa da pesquisa, amparada pela fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty, para a apreensão e reflexão da percepção dos sujeitos acerca do cotidiano escolar e de morada, percorreremos os seguintes itinerários instrumentais: revisão de literatura, pesquisa de campo (observação, diário de campo, entrevista, documentação fotográfica e mapas mentais).

3.2.1 *Revisão de literatura*

Segundo UNESP (2015, p. 02), a revisão de literatura consiste na “[...] busca, análise e descrição de um corpo do conhecimento em busca de resposta a uma pergunta específica” que se classifica em narrativa, sistemática, integrativa e é estabelecida conforme o seu desenvolvimento.

A revisão narrativa está associada à subjetividade dos autores, pois não se baseia em critérios expostos e sistemáticos para realizar uma busca e análise crítica da literatura. Já a revisão sistemática faz a análise crítica da literatura por ser um tipo de pesquisa que requer uma investigação científica. Por fim, a revisão integrativa reverte de modo rigoroso, combinando estudos com diferentes metodologias.

Nesta pesquisa foi adotada a revisão narrativa. Segundo a UNESP (2015, p. 02),

[...] a busca pelos estudos não precisa esgotar as fontes de informações. Não aplica estratégias de busca sofisticadas e exaustivas. A seleção dos estudos e a interpretação das informações podem estar sujeitas à subjetividade dos autores. É adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses, trabalhos de conclusão de cursos.

Como primeira busca para determinar qual caminho a seguir dentro pesquisa, foi realizado o mapeamento das referências bibliográficas que integraram a pesquisa para construir a fundamentação teórica, a metodologia e, posteriormente, a análise dos resultados da pesquisa.

De acordo com Fonseca (2002, p.32), “[...] qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto”. Sendo assim, durante o período de aulas do mestrado,

os professores proporcionaram diversos conteúdos aos discentes, dessa forma, conhecemos diversos autores que contribuíram com o desenvolvimento da dissertação. Os orientadores também tiveram um papel fundamental, ofertando as complementações para o estudo. Boa parte das leituras que desenvolvi, para construir a pesquisa foi oriunda das indicações de minha orientadora, inclusive o novo formato da pesquisa e o caráter científico da mesma, pois, cheguei com um projeto com muitas deficiências e com pouca ou nenhuma cientificidade.

Na revisão de literatura, todos os títulos encontrados nas referências foram relevantes para a construção da dissertação, como leituras sobre percepção ambiental, mapas mentais, ambiente, meio ambiente. Os livros de Yi- Fu Tuan, Paisagem do medo (2005), Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente (1980) e o livro de Maurice Merleau-Ponty intitulado Fenomenologia da percepção (1999) nortearam grande parte do estudo.

Posteriormente, após a aprovação na qualificação e autorização do Comitê de Ética da UFS, foi iniciada a pesquisa de campo. Segundo Gil (2007), a pesquisa de campo exige uma imersão na realidade do mundo vivido pelos sujeitos. Com base no exposto, a pesquisa em questão se constituiu por observação semiestruturada, coleta de relatos informais, diário de campo, entrevistas, documentação fotográfica e técnica de desenvolvimento de mapas mentais por parte dos sujeitos.

3.2.2 Observação semiestruturada

Segundo Lima (2008) o investigador deve utilizar dos seus sentidos para investigar a realidade do fenômeno, pois o observar é um exercício que exige olhos sensíveis, ouvidos aguçados, tatos ágeis, olfato apurado, paladar perceptivo, concentração e base bibliográfica para o pesquisador compreender os sinais que ele procura encontrar.

Guerra (2014) salienta que a observação permite revelar informações corriqueiras que não são tão facilmente notadas em outras técnicas, como na entrevista, por exemplo. Assim, a observação sucedeu no ambiente de vivência dos sujeitos, bem como no ambiente escolar, seguido de um roteiro semiestruturado com flexibilidade de ser revisado considerando a realidade observada.

A técnica de observação fez parte de toda a pesquisa de campo.

Concebendo assim, a observação participante, pois, tem como foco o envolvimento do pesquisador quando o mesmo julgar pertinente. A sua participação, segundo Guerra (2014, p.31), “[...] direta no evento ou fato e, a ser observado, gerará maior profundidade na compreensão do mesmo, além de possibilitar uma intervenção por parte do pesquisador no fenômeno, fato ou grupo”.

O referido procedimento se deu em quatro fases distintas, porém relacionadas:

a) Ambiente escolar:

A primeira visita técnica foi realizada no ambiente escolar com intuito de conhecer os sujeitos protagonistas da pesquisa e identificar as comunidades de origem dos mesmos. Com o roteiro pré-definido, foi feita a segunda visita técnica com o intuito de identificar as características do ambiente escolar, bem como os ambientes vivenciados pelos sujeitos.

b) Sala de aula:

No segundo momento da visita técnica, foi feito o reconhecimento do ambiente, identificando suas características físicas e ambientais, tais como a quantidade de alunos, se havia equipamentos na sala ou não, iluminação, identificação de janelas e quantas, acessibilidade, se são arejadas ou não. Além dessas informações, também foram registradas no diário de campo o comportamento, os gestos, a entonação da voz, a postura dos sujeitos da pesquisa e como se relacionam com o ambiente e com as pessoas.

c) Os ambientes de morada:

Nas comunidades, foram identificadas as características físico-ambientais e socioeconômicas. As estruturas das ruas, se possuíam calçamento ou não, áreas de lazer, árvores, comércio, movimentado ou não, se possuíam transporte público, posto de saúde, iluminação, acesso à rede de esgoto, água encanada, fornecimento de energia, fácil acesso, etc.

d) Coleta de relatos informais:

As coletas de dados informais ocorreram tanto na escola como nas comunidades. O conhecimento empírico pode apresentar grande relevância à pesquisa, carregados de informações sobre os sujeitos protagonistas, assim como o ambiente escolar e o ambiente de morada. Esses dados se dão na maioria das vezes de forma orgânica em uma simples conversa corriqueira com pessoas em sua maioria que vivem determinadas realidades ou até mesmo quem já vivenciou.

Essas coletas foram realizadas nas visitas técnicas e durante a efetivação da pesquisa. Foram informações passadas pela equipe que trabalha na escola e pelos alunos ao conversarmos sobre como se davam as relações pessoais, como eram utilizados os espaços, etc.

3.2.3 Diário de campo

Durante todo o período de coleta de dados foi de grande relevância realizar anotações referentes a todo o processo de investigação (as observações feitas, os gestos e atitudes dos sujeitos envolvidos na pesquisa, as emoções, sentimentos e percepção do pesquisador antes, durante e após a imersão em campo). De acordo com Falkembach (1987), o diário de campo é utilizado pelo pesquisador para colocar as anotações, reflexões, comentários, fenômenos sociais, experiências, etc. do seu cotidiano que venha contribuir com a sua pesquisa.

Sempre surgem muitas situações quando se sai a campo e para fazer anotações sobre as observações ou comentários que aparecem ao longo desse processo, que no momento vivido talvez não traga tanto sentido, pode trazer significado em um momento refletido, como na análise dos dados colhidos. Por isso, o diário de campo deve estar nas mãos do pesquisador em todos os momentos da pesquisa.

O diário de campo foi utilizado em todas as etapas da pesquisa. Nele, foram descritas todas as informações e observações identificadas nos ambientes pesquisados, como o que os alunos relatavam sobre os seus anseios na escola e em seu bairro, sobre a rotina da sala de aula com os professores e a relação com a

coordenação, a secretária e a diretora. Algumas indagações também foram feitas à equipe diretiva, em especial ao coordenador, que se fez presente a todo momento. Forneceu informações sobre os alunos e a relação de convivência entre os profissionais que trabalham na escola, pais/responsáveis e alunos.

3.2.4 Entrevista semiestruturada

Para apreender a percepção dos sujeitos acerca dos significados que eles atribuem aos seus ambientes, utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada. Segundo Guerra (2014), a entrevista é um dos instrumentos metodológicos mais utilizados na pesquisa de campo, permitindo ao pesquisador ir além dos limites estabelecidos pelas questões iniciais, simultaneamente, em que dá liberdade para os sujeitos se expressarem de forma mais espontânea.

Dito isto, a entrevista foi desenvolvida com os sujeitos da turma selecionada, considerando os objetivos desenvolvidos para o estudo. Fez parte do universo fenomenológico da pesquisa os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa do turno vespertino. A coordenação informou o quantitativo de aluno por turma e ficou decidido que um número menor de amostra seria o mais adequado para trabalhar dentro da abordagem qualitativa usando o método da fenomenologia. Os escolhidos foram os estudantes do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais. A turma era composta por 20 alunos e 11 aceitaram participar do trabalho.

No primeiro dia que tive contato com a turma, foi feita a devida apresentação e explicação sobre o que se tratava a pesquisa, em seguida entreguei os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) para aqueles que quisessem participar entregar aos pais/responsáveis assinarem autorizando a participação do aluno e assinariam posteriormente os termos referente a eles. Ao retornar a escola para começar as entrevistas, alguns alunos informaram que não gostariam de participar da pesquisa e outros relataram que os pais/responsáveis não permitiram a participação.

Após o recolhimento dos termos e ciente de quem gostaria de participar, foi iniciada a etapa “Perguntar para Descobrir”. As etapas foram descritas no “Quadro de

etapas”, referente a entrevista com o intuito de conhecer os sujeitos da pesquisa, suas idades, turno de ensino e bairros de onde advêm . Para fazer a identificação dos sujeitos preservando suas identidades foram utilizados as siglas Sujeito 1, Mulher (S1M); Sujeito 2, Homem (S2H) e assim sucessivamente. No diário de campo anotou-se o nome completo do sujeito junto ao seu código de identificação. As entrevistas foram realizadas individualmente dentro da sala de aula.

3.2.5 Documentação fotográfica

A fotografia retrata os pensamentos e sentimentos do fotógrafo com o seu olhar através das lentes, seja de um celular ou uma câmera fotográfica. Guran (2011) assevera que as interpretações das imagens dependem da forma como os pressupostos teóricos e procedimentos metodológicos estão sendo trabalhados no campo do conhecimento científico para serem feitas as análises desses documentos. Essa técnica traz grande importância para pesquisa por carregar nas imagens a percepção que os sujeitos protagonistas fizeram dos ambientes de vivência escolar e de moradia. Como o propósito da pesquisa foi relatar as percepções dos sujeitos nesse contexto, o seu uso se fez relevante. O registro fotográfico foi realizada durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Guran (2011) assegura que as fotografias se classificam emêmica e ética:

As fotografias de naturezaêmica são aquelas produzidas pelos membros da comunidade estudada e estão impregnadas, forçosamente, da representação que eles fazem de si próprios. Assim sendo, essas fotografias expressam de alguma forma a identidade social do grupo em questão. Já a fotografia feita pelo pesquisador, de natureza ética, pelas mesmas razões é sempre uma hipótese a ser confirmada com base no conjunto de dados recolhidos pelos diversos procedimentos de pesquisa (Guran, 2011, p. 82).

Partimos do pressuposto de que as fotografias carregam em si expressões da realidade vivida pelos sujeitos, sendo assim, foram de grande relevância e auxílio para o desenvolvimento da pesquisa. A documentação fotográfica (Captar para compreender) é mais um instrumento que enriqueci a pesquisa e conduz o leitor para o conhecimento do lugar sendo revelado nos mapas mentais (Desenhar para revelar). Não foram inseridas no trabalho registros fotográficos dos sujeitos em si, apenas seus mapas mentais, lugares de origem e a escola.

As imagens, foram analisadas em três vertentes, conforme Gurrán (2011):

fotografar para contar, fotografar para descobrir e a ética. Ressalto que uma fotografia pode assumir várias classificações ou mudar de uma classificação para outra no decorrer da pesquisa.

A fotografia de natureza ética foi realizada pela pesquisadora de modo a registrar o que está sendo analisado. Fotografar para descobrir pretende demonstrar informações primárias sobre o objeto de estudo. Fotografar para contar, consiste em expor e descrever as conclusões.

Segundo Guran (2011, p.82), “A fotografia feita pelo pesquisador, de natureza ética, pelas mesmas razões, é sempre uma hipótese a ser confirmada com base no conjunto de dados recolhidos pelos diversos procedimentos de pesquisa”.

Fotografar “para descobrir” tem o objetivo de obter informações guiadas pelas sensações do que está sendo visto, sentindo e se descobrindo ao objeto estudado, podendo assim estabelecer um elo ou não entre a pesquisadora e os sujeitos protagonistas. Sendo assim, grande parte dessas descobertas estão ligadas ao campo das sensações e não chegam a se tornar dados, porém ampara na delimitação do trabalho de campo da pesquisa. Já fotografar “para contar” condiz ao apanhado geral dos resultados da pesquisa em articulação ao referencial teórico apresentado e a os dados obtidos ao longo da pesquisa. A fotografia forneceu embasamento nas reflexões ancoradas em evidências (Guran, 2011).

3.3 Análise de prosa como itinerário de análise dos dados

De acordo com André (1983); Sigalla e Placo (2022) a análise de prosa consiste na averiguação dos dados da pesquisa qualitativa por meio de questionamentos e reformulações constantes, fundamentadas nos principais teóricos que ancoram a pesquisa e seus pressupostos. Sendo assim:

A análise de prosa é: [...] uma forma de investigação do significado dos dados qualitativos. É um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material: o que é que este diz? O que significa? Quais suas mensagens? E isso incluiria, naturalmente, mensagens intencionais e não intencionais, explícitas ou implícitas, verbais ou não verbais, alternativas ou contraditórias. O material neste caso pode ser tanto o registro de observações e entrevistas quanto outros materiais coletados durante o trabalho de campo, como documentos, fotos, um quadro, um filme, expressões faciais, mímicas, etc (André, 1983, p.67).

A análise das entrevistas foi pautada na técnica em questão, a partir dos questionamentos reflexivos: o que os relatos dos sujeitos expressam? Quais os significados expostos pelos sujeitos em relação às questões levantadas? Diversos desses relatos podem ser observados nos desenhos elaborados pelos sujeitos, o que nos permitiu ter um conhecimento científico fundamentado na metodologia Kozel (2018).

Na pesquisa em voga, a técnica de mapas mentais foi adotada no sentido de nos auxiliar na apreensão e análise acerca dos valores, atitudes, vivências e experiências dos sujeitos da pesquisa em relação ao ambiente escolar e às comunidades das quais os mesmos fazem parte.

3.4 Técnica de construção de mapas mentais

Os mapas mentais nos remetem ao significado de representação que, para Blazquéz (2000), refere-se à imagem ou desenho que representa um objeto ou um fato, um determinado espaço, ou ainda, à interpretação através da qual o fato ausente se torna presente. Portanto, compreender os lugares de vivência dos sujeitos, implica na necessidade de reconhecermos e pensarmos o lugar na dimensão da criticidade a partir da localização, fisionomia, espírito do lugar e seu sentido. Dessa forma, comungamos do pensamento de Kozel (2009, p. 01) acerca dos mapas mentais como sendo:

[...] uma forma de linguagem que retrata o espaço vivido representado em todas as suas nuances, cujos signos são construções sociais. Eles podem ser construídos por intermédio de imagens, sons, formas, odores, sabores, porém seu caráter significativo prescinde de uma forma de linguagem para ser comunicado.

Cabe a nós pesquisadores que adentramos na ceara das interpretações por meio da fenomenologia a interpretação do lugar, desvendando suas nuances no sentido de darmos ênfase aos significados construídos pelos sujeitos no cotidiano, considerando os seus espaços vividos.

Com base no exposto, nos ancoramos na metodologia Kozel (2018) como alicerce instrumental e adensador para imergirmos nos sentidos e valores dos sujeitos em relação ao seu lugar de vivência escolar e de morada. Conforme a autora, nesta metodologia, os mapas mentais são considerados como um enunciado decorrente de um texto pautado no dialogismo, enfatizando as vozes dos sujeitos.

Assim, procede-se à análise por meio de um olhar global, convergindo para as particularidades.

Iniciamos as averiguações de forma simples para compreender o sujeito, sem generalizar o seu modo de perceber o mundo, com o propósito de desvelar suas características inatas através dos mapas mentais utilizados como uma ferramenta metodológica para refletir como se dá as relações entre o sujeito e os seus lugares (Paula, 2010).

Guiamos-nos pela assertiva que os signos são construídos no decorrer da nossa existência, ou seja, são construídos socialmente, atribuindo valores, significados que refletem o mundo vivido real dos sujeitos (Kozel, 2018). Dessa forma, percebemos os signos que os sujeitos consideram relevantes na identificação do seu cotidiano, pois, “ler o espaço é tentar apreender suas feições naturais modificadas pelas ações humanas, seus objetos construídos e a dinâmica das relações que se estabelecem entre as suas mais variadas forças atuantes” (Gomes, 2009, p. 02).

Quadro 1 – Etapas do desenvolvimento da pesquisa

Etapas	Procedimento	Metodologia	Recursos
Observar para conhecer	Conversação com a turma para explicar os procedimentos da pesquisa. Levantamento de informações em todas as etapas.	Observação	Os sentidos aguçados, papel e caneta.
Escrever para contar	Pontuar tudo que foi observado e pertinente para pesquisa no decorrer da realização das etapas.	Diário de campo	Os sentidos aguçados, papel e caneta.
Perguntar para descobrir	Foram realizadas perguntas sobre idade, escola, turno, nome, bairro onde reside e posteriormente o significado de ambiente para os alunos.	Entrevista	Os sentidos aguçados, papel e caneta.
Desenhar para revelar	Nessa etapa foi feito um discurso afim de inspirá-los a revelar como veem a sua escola e o seu bairro.	Mapas Mentais	Giz de cera, folha A4, canetinha de álcool, lápis de cor de madeira.
Capitar para compreender	As fotografias foram feitas dos espaços da escola, mapas mentais e os bairros. Classificadas em fotografar para contar, fotografar para descobrir e ética.	Documentação Fotográfica	Os sentidos aguçados e a câmera do aparelho celular.
Analisar para interpretar	Todos os dados colhidos foram analisados para revelar os ambientes topofílicos e/ou topofóbicos existentes nas informações.	Análise de dados - Metodologia Kozel	Todo o material usado nas etapas anteriores

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

4 CAMINHOS ÉTICOS DA PESQUISA

4.1 Critérios de inclusão e exclusão

As turmas possuem um quantitativo grande de alunos, tanto no turno matutino quanto no vespertino. Como critérios de inclusão e exclusão da pesquisa, foram escolhidos a menor turma do turno da tarde. De acordo com Moreira (2002), na fenomenologia um número menor de amostra se torna mais viável para a realização da pesquisa por se tratar de respostas singulares para a análise dos dados.

Para a realização da pesquisa, foram seguidos os princípios éticos descritos nas Resoluções n.º 466/2012 e 510/2016 CNS, garantindo assim o direito de participar livre e esclarecida sob o sigilo de sua identidade e confidencialidade dos dados fornecidos. A pesquisadora informou todas as etapas da pesquisa, bem como o objetivo, os riscos e benefícios, solicitando sua participação e informando os procedimentos da pesquisa através dos:

- a) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
- b) Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE);
- c) Termo de Compromisso para Utilização dos Dados (TCUD);
- d) Termo de Compromisso e Confidencialidade;
- e) Termo de Autorização e Existência e Infraestrutura;
- f) Termo de Autorização de Quebra de Anonimato.

4.2 Riscos em participar da pesquisa

Os riscos referentes à participação dos estudantes foram mínimos por não se tratar de processo invasivo e ser norteado pelo interesse prévio do indivíduo em participar do estudo. Cobretudo, a atividade poderia causar desconforto ou constrangimento em expor seus sentimentos sobre o ambiente, à escola ou ao seu bairro. Dessa forma, os participantes tiveram todo o suporte necessário, oferecido pela pesquisadora, para minimizar os riscos decorrentes do presente estudo.

Em caso de danos físicos, psicológicos ou financeiros decorrentes da

pesquisa, o participante seriam indenizado pelo mesmo, nos termos da Lei (Resolução CNS nº 466/2012, item II.21) e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa. Ressalta-se que o participante, em qualquer momento, estava livre para deixar de participar da pesquisa, sem nenhum constrangimento.

4.3 Benefícios em participar da pesquisa

Os sujeitos protagonistas e o público em geral podem compreender melhor o significado de ambiente ampliando o seu conhecimento acerca das Ciências Ambientais levando em consideração o avanço no conhecimento que o estudo oportuniza de forma sensível, reflexiva e com olhar atento.

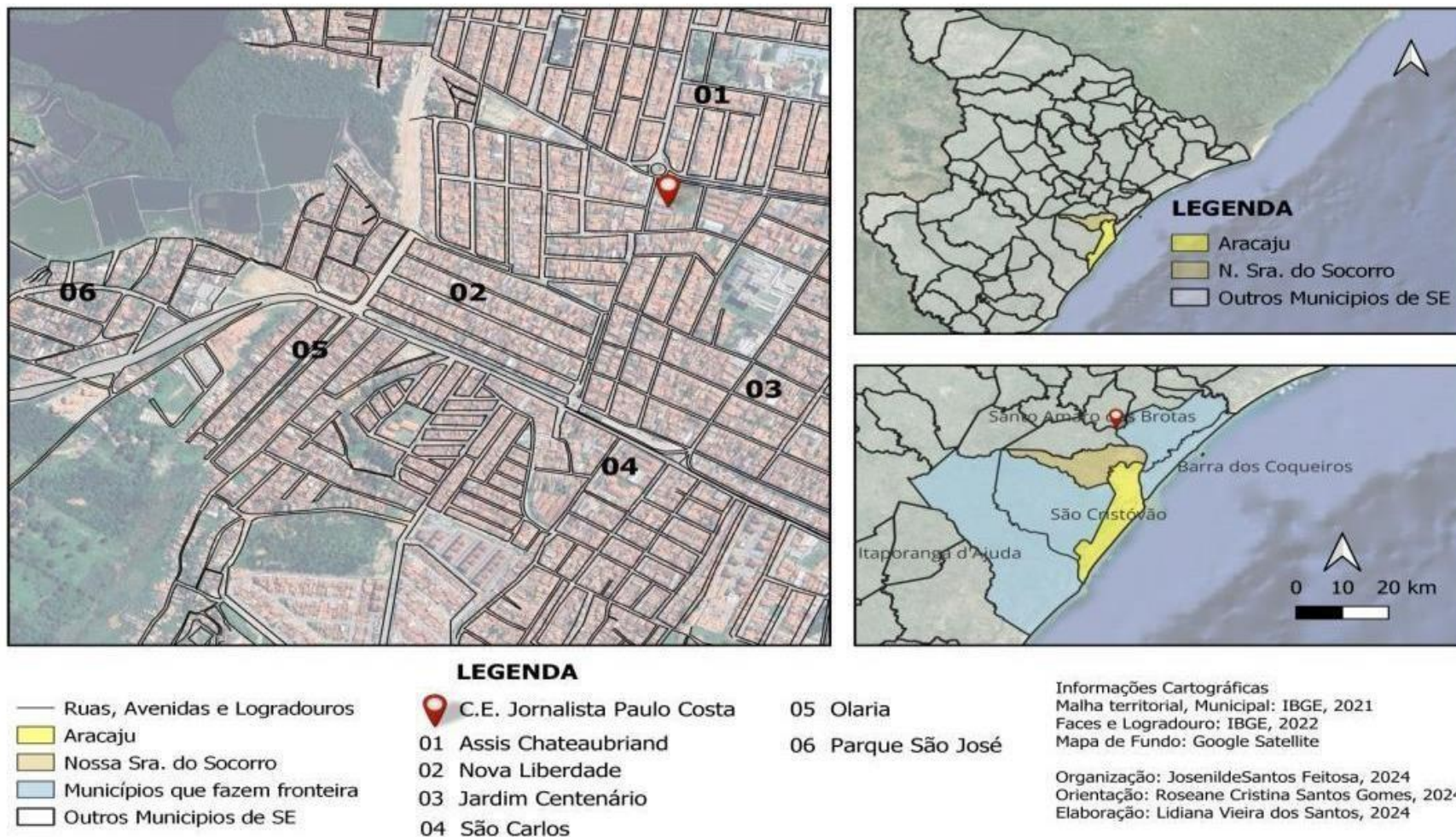
Os mapas mentais foram o aporte principal para a confecção da cartilha. O produto da pesquisa, contribuirá não só com os alunos e professores dessa escola como as demais que sentirem interesse em compreender como o significado do ambiente, seja ele, escolar ou de morada impactam em suas vidas e escolhas no seu cotidiano. A cartilha ficará disponível na escola para os sujeitos da pesquisa observarem seus desenhos, transformados em um olhar científico, como também toda a comunidade escolar.

5 DO UNIVERSO DA PESQUISA

O estudo tem como universo os sujeitos da Educação Básica matriculados no Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa. São Alunos do Ensino Fundamental Anos Finais do turno vespertino. Em sua maioria, os alunos advêm do Bairro Assis Chateaubriand conhecido popularmente como Bugio, Bairro Jardim Centenário, Olaria e Loteamento São Carlos localizados nas proximidades do Bairro Bugio, todos situados no município de Aracaju. Participaram também alunos oriundos do Parque São José na cidade de Nossa Senhora do Socorro/SE.

6 MAPA DO AMBIENTE ESCOLAR E DE MORADA

Mapa 1 - Bairros oriundos dos sujeitos protagonistas



Fonte: SANTOS, Lidiana V. dos (2024).

7 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

O colégio Estadual Jornalista Paulo Costa fica localizado na Avenida Centenário, S/N bairro Bugio, Aracaju-SE. Na Figura 1 é possível evidenciar a fachada do Colégio. Suas etapas de ensino oferecidas são Ensino Fundamental Anos Iniciais, Ensino Fundamental Anos Finais e Ensino Médio. Modalidades Ensino Regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Figura 1 - Fachada do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa. Bairro Jardim Centenário, Município de Aracaju/SE, 2024



Fonte: Acervo da autora (2023).

A infraestrutura é composta por 13 salas de aulas, secretaria, sala da diretoria, auditório, sala de informática, biblioteca, sala da coordenação, um arquivo, refeitório, cozinha, depósito, despensa, pátio, sala de vigilância, quatro banheiros, sendo dois para deficientes físicos (um masculino e outro feminino) e os outros dois são comuns divididos em seis boxes para meninas e o masculino contendo quatro boxes.

A sala de aula possui carteiras que comportavam o número de alunos presentes, ventiladores, janelas, quadro, birô, porta, mural de avisos, lixeiro, iluminação, forro de PVC no teto, limpa e consideravelmente estruturada. Apesar das janelas, não possuía uma boa ventilação. Alguns alunos reclamaram do calor durante a efetivação da pesquisa. No entanto, possui dependências importantes para atender as necessidades dos alunos, como carteiras para todos, material escolar fornecidos pelo colégio, iluminação, etc. . O Colégio ainda oferta lanche ou

refeições nos três turnos aos alunos, faz distribuição de absorventes para as meninas mensalmente, entrega suportes de absorventes e faz orientações sobre higiene e saúde.

A escola possuía 741 matrículas efetivadas e um corpo docente formado por 60 professores, segundo a Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura SEDUC (2023), entre efetivos e contratados, a escola informou que são 57 docentes. A instituição conta com uma diretoria, equipe de coordenação que muda por turno, secretários/as, cozinheiros/as, auxiliares de serviços gerais e vigilantes, totalizando 28 pessoas entre contratados e efetivos.

Alguns alunos estão em salas de correção de fluxo, para poder acompanhar seus colegas nos estudos, cursando a série do ano anterior e a série do ano atual. Essa foi uma maneira que a equipe pedagógica encontrou para que esses alunos não fossem prejudicados com uma reprovação ou até mesmo uma aprovação sem estarem aptos para a série seguinte. Fazem atendimento de Educação Especial nos turnos da manhã ou tarde, para os alunos que necessitam desse atendimento. As turmas de correções de fluxo ocorrem nos turnos da manhã e tarde. A maioria dos alunos que estudam no modo Educação de Jovens e Adultos (EJA) no turno da noite, trabalham durante o dia, possuem filhos, são alunos que por outras questões não conseguiram concluir os estudos no ensino regular.

8 SELEÇÃO DOS SUJEITOS PROTAGONISTAS

Os sujeitos protagonistas do 8º ano do Ensino Fundamental Anos Finais da pesquisa, foram escolhidos por possuírem a menor turma entre os turnos matutino e vespertino. Algumas turmas possuem o quantitativo de até 30 alunos por classe. Devido ao número de amostra grande, procurou-se a menor turma entre o 6º ano e o 8º ano. O que motivou a escolha pela turma menor foi o método utilizado na pesquisa, a fenomenologia. De acordo com o método da pesquisa, a fenomenologia, um número menor de amostra se torna mais viável para a realização da pesquisa por se tratar de respostas singulares para a análise dos dados (Moreira, 2002).

Dia 30 de outubro de 2023 foi iniciado o primeiro contato junto aos participantes no qual foi explicado todo o procedimento da pesquisa, passado os termos TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) e TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) para garantir seus direitos preservados e possíveis riscos que a pesquisa poderia oferecer. Ao retornar no dia seguinte (31/10/2023), tivemos a resposta de que 11 sujeitos aceitaram participar da concretização da pesquisa. Como descrito nos tópicos anteriores, foi resguardada a identidade dos sujeitos e usada a codificação para identificá-los, para as mulheres S1M sucessivamente e para os homens S1H e S2H. Participaram 2 homens e 9 mulheres.

9 O TECER PERCEPTIVO DOS SUJEITOS

9.1 Ambiente escolar

A análise das entrevistas foram pautadas na técnica de Análise de Prosa a partir dos questionamentos reflexivos: o que os relatos dos sujeitos expressam? Quais os significados expostos pelos sujeitos em relação às questões levantadas? Durante os questionamentos da entrevista, foram observados como os sujeitos se comportavam e se expressavam com as indagações referentes ao que mais gostavam na escola e em seu bairro; e posteriormente se tinham algo de que não gostavam em sua escola e em seu bairro.

As fotografias identificadas como "fotografar para descobrir" foram tiradas antes da entrevista para documentar os ambientes da escola e, após as perguntas, se transformaram em "fotografar para contar" quando se percebeu sua fundamentação em relação ao que foi observado e interpretado de acordo com os autores e as informações fornecidas pelos sujeitos.

Sendo assim, os estudiosos que ancoraram a interpretação dos dados foram Tuan (1980) com a toponímia e com as explicações acerca da topofobia (Tuan, 2005) e Oliveira (2012) em relação aos sentidos/emoções apresentados pelos sujeitos.

As entrevistas foram realizadas com os onze sujeitos protagonistas, individualmente. Percebeu-se que os sujeitos que responderam aos questionamentos foram similares sobre o que não gostavam na escola, pois faziam fisionomias de repúdio e insatisfação, caracterizando os sentimentos topofóbicos em sua fala. Ao refletir sobre os relatos dos sujeitos, inferimos que cinco explanaram que não gostavam da sala da diretora (S1H e S2H) ou da coordenação (S2M, S4M e S5M), porque segundo eles, era "bronca" ou "problema". Responderam:

Não gosto da diretoria, porque geralmente é bronca (S1H¹).

Não gosto da sala da diretora porque é só problema (S2H²).

Não gosto da coordenação porque já levei bronca lá (S2M³).

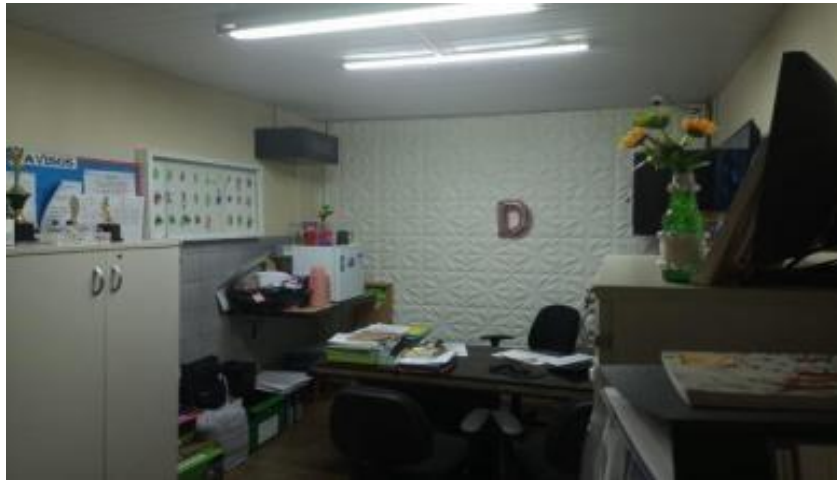
Não gosto da sala da coordenação porque é problema (S4M⁴).

O menos agradável é a coordenação, porque é um clima pesado (S5M⁵).

¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ² Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ³ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

Os alunos S1H e S2H percebem a sala da diretora (Figura 2) como um ambiente opressor. Segundo Tuan (2005) os medos são subjetivos e podem ser produzidos em um ambiente intimidador. A sala da diretora e da coordenação da escola passa esse sentimento por se tratarem de um ambiente em que muitos são chamados quando estão realizando atos que não são considerados corretos pelas figuras de autoridade escolar e necessitam intervir nas ações desses alunos, revelando as mesmas percepções apresentadas por S4M e S5M pela coordenação.

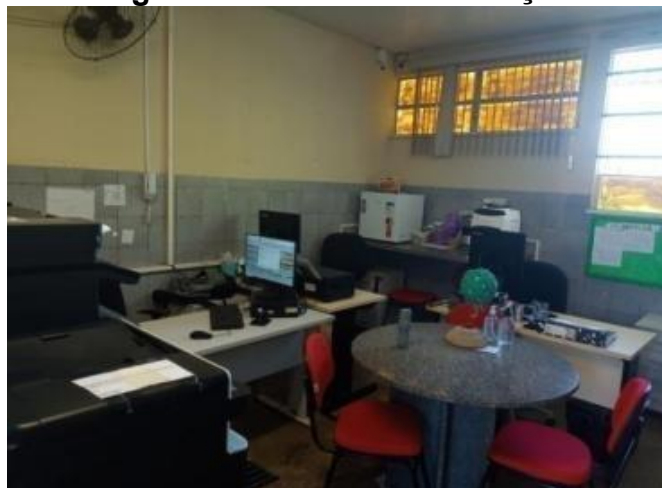
Figura 2 - Sala da diretoria



Fonte: Acervo da autora (2023).

A entrevistada S2M ainda ressaltou que já levou “bronca na coordenação” (Figura 3) que, segundo Tuan (2005, p. 03), “[...] a capacidade de sentir vergonha e culpa amplia muito a extensão do medo humano”, o que explica o porquê da entrevistada não gostar da sala da coordenação e não considerar um ambiente agradável.

Figura 3 - Sala da coordenação



Fonte: Acervo da autora (2023).

As emoções que S1H e S2H expressam em relação à diretoria são as mesmas que S2M, S4M e S5M dividem em relação à coordenação. Embora o ambiente físico seja comum, os significados adquiridos são emocionais e singulares, construídos através das interações sociais que, por sua vez, geram tensões e conflitos no universo perceptivo dos sujeitos.

Sob outra perspectiva, três sujeitos, S1M, S3M e S6M, responderam da seguinte forma às indagações sobre o ambiente escolar:

Gosto da quadra porque é legal. Mas gosto de tudo! (S1M⁶).
 Gosto da quadra porque é o único lugar divertido. Mas gosto de tudo!
 Não tem nada que eu ache ruim! (S3M⁷).
 O pátio, porque reencontro os colegas. Mas gosto de tudo! (S6M⁸).

Assim, demonstraram sentimento de afeição pela escola, na qual, segundo relatos, os desagrada. Considerando como estes sujeitos concebem a escola e ancorando-se em Tuan (1980, p. 129), “[...] o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais”. O modo como os sujeitos em questão concebem o ambiente escolar, está atrelada à maneira como eles se relacionam com a base física da instituição e, sobretudo, às relações tecidas entre o ambiente escolar e os demais sujeitos que fazem parte deste, assim, nascem as conexões entre sujeito-ambiente no tecer topofílico.

Ao serem questionados se existia algo na instituição que os sujeitos não gostam, houveram três respostas distintas:

Não gosto de ficar na sala estudando (S7M⁹).
 Não gosto dos espaços que têm grama por conta dos mosquitos (S8M¹⁰).
 E não gosto da quadra porque tem muito barulho (S9M¹¹).

Compreender o porquê S7M não gosta da sala pode ser complexo, pois os fatores que contribuem para um sujeito não gostar de ficar na sala de aula estudando podem ser muitos, estrutura do ambiente às relações estabelecidas nele. Ao mesmo tempo em que S7M externava o significado de estar na sala de aula, a mesma demonstrava inquietação com sinais de repúdio ao ambiente, o que denota que a sala de aula não é agradável, que desperta sentimentos negativos para este

⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

¹⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.
¹¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

sujeito.

Os sentimentos identificados nos gestos de S7M junto ao seu discurso referem-se a aversão ao lugar caracterizado por Tuan (2005) como topofobia. Conforme as observações *in loco*, a sala de aula (Figura 4) na qual S7M estuda é considerada adequada para seu funcionamento. De acordo com Leff (2009), o entendimento de ambiente é amplo, se estendendo ao que também é abstrato.

Figura 4 - Sala de aula



Fonte: Acervo da autora (2023).

Sendo assim, as vivências da sala de aula compõem esse ambiente de forma subjetiva e significativa, o que leva o sujeito a estabelecer relações e experiências agradáveis, afetivas, prazerosas com o ambiente, vai além da dimensão física deste ambiente. Este pode ser dotado de conforto, de uma base material sem nenhum problema, mas se não for dotado de sentido para aqueles que vivenciam este ambiente, o mesmo pode despertar uma série de sentimentos desagradáveis.

Quanto à S8M, esta expressou desgosto sobre o espaço com grama (Figura 5) devido aos mosquitos. “As bactérias e os insetos estão além do nosso alcance perceptivo comum, e bem além da capacidade humana de empatia” (Tuan, 1980, p. 17).

Figura 5 - Pátio com grama



Fonte: Acervo da autora (2023).

Em Topofilia, Tuan (1980) reflete que as mais vigorosas experiências estéticas da natureza podem surpreender o sujeito ao se permitir sentir e vivenciá-la. A beleza é o contato inesperado com uma realidade desconhecida; é o oposto do gosto por paisagens ou da afeição por lugares que se conhece bem. Consequentemente, o gramado da escola é visto como um ambiente estético em que os sujeitos não desenvolvem nenhuma atividade curricular, ficando presos apenas a desenvolver atividades nos espaços ditos edificadas, como a quadra e o pátio de concreto. O gramado ao qual se refere fica em torno dos pátios do colégio.

De acordo com Garcia e Cavassan (2013), a forma como os sujeitos se relacionam com a natureza se refere a como ela é representada, levando em conta a sua origem e a sua finalidade, ou seja, o sujeito compreende a natureza através dos sentidos e por assim ser, a percepção nunca estará vazia (Merleau-Ponty, 1999). A partir do que se percebe ou se pensa em ambiente-sujeito-natureza é que se concebe a relação entre eles.

Contudo, S9M não gosta da quadra (Figura 6) decorrente do barulho que os alunos produzem durante as atividades físicas. A realidade do mundo nos atravessa através dos sentidos e percebe-se que S9M possui uma sensibilidade ao ambiente que a incomoda, causando desconforto, remetendo assim uma sensação topofóbica. Tuan (1980, p. 10) ressalta que “os olhos obtêm informações muito mais precisas e detalhadas, sobre o meio ambiente, do que os ouvidos, mas geralmente somos mais sensibilizados pelo que ouvimos do que pelo que vemos”. O que faz com que se justifique sua preferência pela sala de aula quando está em silêncio, constatando que a topofilia concebida por ela é extremamente emocional.

Figura 6 - Quadra de esportes



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os sujeitos protagonistas S1H, S1M, S2M, S3M, S5M, S6M, S7M e S8M responderam da seguinte forma às perguntas da pesquisadora:

Gosto dos colegas e do pátio porque é legal e encontro os amigos lá (S1H¹²).

Gosto da quadra porque é legal. Mas gosto de tudo (S1M¹³). Gosto da quadra porque lá é um encontro de paz (S2M¹⁴). Gosto da quadra porque é o único lugar divertido (S3M¹⁵). Gosto da quadra porque é good vibes (boas energias) (S5M¹⁶).

O pátio porque reencontro os colegas, mas gosto de tudo (S6M¹⁷). Gosto do pátio porque fico com os amigos (S7M¹⁸).

Gosto da quadra porque é mais fresca (S8M¹⁹).

Os entrevistados S1M, S2M, S3M, S5M e S8M demonstravam uma relação mais harmoniosa com o ambiente escolar, mais precisamente a quadra esportiva ao relatarem que a quadra era o que mais gostavam na escola. Falavam empolgados demonstrando satisfação, alegria, ao se reportarem a quadra, sendo percebida essa mesma empolgação em S1H, S6M e S7M ao manifestarem suas afeições pelo pátio da escola. Evidentemente, externaram suas emoções felizes aos ambientes que são mais frescos e “livres” no sentido de poderem fazer o que quiserem, sem serem condicionados a realizar atividades conteudistas. Esse sentimento se caracteriza

¹² Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹³ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ¹⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

como topofilia por existir um elo afetivo entre a quadra, o pátio e os sujeitos protagonistas.

As sensações geradas pela vivência de estar na quadra ou no pátio, são fundamentais para a satisfação do sujeito na escola. Todos os oito alunos se sentiam bem nesses ambientes, explanando que o pátio é onde os colegas se encontram (S1H), o que demonstra a relevância das relações, da troca e da experiência vivida no local. S1H estava bastante ansioso e apreensivo antes de iniciar a entrevista, mas logo depois tranquilizou-se. De acordo com Tuan (2005, p. 02), “Certas ansiedades e sinais de alarme são aprendidos”. Ou seja, sua atitude é considerada natural diante da situação apresentada. É uma reação que nosso próprio organismo provoca ao não saber o que está se esperando. Não significa que essa atitude inicial indicaria mal-estar ao ambiente escolar, pelo contrário, havia sorrisos ao expressar as emoções ao pátio.

Ainda sobre o pátio, S6M apresentava satisfação e S7M entusiasmo. Reiteraram que gostam do pátio porque reencontram os colegas/ amigos. As amizades estabelecidas no pátio se configuram em uma relação de troca, valores, cultura. Fora dos muros da escola, os sujeitos entram em outro mundo, outras vidas e às vezes não encontram essas pessoas fora desses muros. Assim, podemos interpretar que, para ela, o que se constrói naquele ambiente é mais relevante do que o próprio ambiente físico, é uma relação de amizade que talvez seja possível de acontecer por ser nesse pátio (Figura 7) em específico.

Figura 7 - Pátio do Colégio



Fonte: Acervo da autora (2023).

Já S1M foi sucinta em responder que a quadra é legal. Apesar do sorriso estampado em seu rosto, também foi identificado um pouco de ansiedade ao responder ao questionamento. Estava com mãos inquietas e a voz um pouco ofegante. Tuan (2005, p. 03) assevera que a “ansiedade é uma sensação difusa de medo e pressupõe uma habilidade de antecipação”, acredito que o fato da entrevistadora/ pesquisadora ser uma pessoa externa da escola tenha causado esse sentimento.

O sujeito S2M enuncia que é um encontro de paz, está na quadra e apresentou entusiasmo ao revelar, por isso, entende-se que esse ambiente a faz bem pelo prazer que a proporciona. É possível identificar que, através da vivência, foi estabelecida uma conexão entre a quadra e o sujeito satisfatória. A topofilia envolve sentimento de paz, demonstrando leveza na relação entre sujeito e ambiente (Tuan, 1980).

Mencionado por S3M, que a quadra é um lugar divertido, refletimos que a topofilia pode assumir assim muitas formas, variando em amplitude emocional e intensidade, sendo algo subjetivo e individual que cada sujeito concebe (Tuan, 1980). Ainda dentro dessa analogia, S5M expôs que gosta da quadra porque é “good vibes”, manifestando satisfação. A intensidade de se apreciar algo pode se apresentar em vários níveis mesmo sendo sentimentos semelhantes em relação aos seus colegas, o que diferencia são os significados dessas representações.

Ao revelar o ambiente favorito, S8M esboçou um sorriso. Ela considera a quadra o ambiente mais fresco da escola, deixando transparecer o seu sentimento topofílico. Compreende-se dentro da topofilia que “[...] o vento invisível desempenha um papel importante na vida” (Tuan, 1980, p. 13) dos sujeitos, podendo sinalizar condições ruins como também favoráveis. Nesta análise, os sentidos podem ser aguçados e remeterem a uma experiência sensorial agradável para o sujeito, sendo o que compreendemos através do argumento da entrevistada.

O relato de S4M foi instigante, pois demonstrou incômodo em falar da escola, afirmando que a quadra é o menos estressante, o que pode caracterizar como não pertencente àquele ambiente. Algumas pessoas podem levar anos para se afeiçoar e criar laços, já outras podem nunca estabelecer esse vínculo, pois os fatores que podem contribuir pela falta de pertencimento àquele lugar podem ser vários, desde os fatores externos a ela como internos.

Para finalizar os relatos sobre a quadra e o pátio, os alunos precisam respeitar as regras da instituição como em qualquer outra, desse modo, o contato com esses ambientes é de certa forma controlado pelos professores e pela equipe que compõem toda a escola, ou seja, todos os funcionários auxiliam para que os alunos cumpram as normas. Quando descumprem, são chamados à atenção, podendo ocasionar a ida à sala da coordenação ou diretoria. Portanto, os sujeitos possuem um tempo limitado ao acessar a quadra da escola, geralmente nos momentos de aula da disciplina de educação física (Figura 8, pode ser visto um portão que fica trancado e dá acesso à quadra), fazendo uso apenas acompanhados pela professora, já o pátio é utilizado nos intervalos e quando não há professor na sala.

Figura 8 - Corredor que dá acesso a quadra



Fonte: Acervo da autora (2023).

Dos onze entrevistados, S2H teve uma percepção diferente de seus colegas, considera a sala de informática (Figura 9) o ambiente de que mais gosta. Oliveira (2012) assim como Tuan (1980) ressaltam a importância dos sentidos na construção da percepção do sujeito que fornece probabilidades de experiências. Assim, ao exposto a diferentes sensações através das atividades curriculares o sujeito consegue selecionar o que mais gosta ou não no ambiente escolar permitindo reconhecer suas preferências pelo Colégio.

Figura 9 - Sala de Informática

Fonte: Acervo da autora (2023).

A imagem mostra uma parte da sala de informática utilizada pelos sujeitos para desenvolver atividades escolares. Entretanto, os alunos também não têm acesso aos computadores se não estiverem acompanhados por um professor. Assim como na maioria dos colégios, o acesso às redes sociais são bloqueados, podendo utilizar sites para pesquisa que contribuam para a aprendizagem.

O quadro 02 abaixo apresenta as respostas dos sujeitos referente a entrevista com foco no objetivo da pergunta sobre o ambiente escolar.

Quadro 2 - Entrevista, ambiente escolar

Perguntas: O que você mais gosta na sua escola ? Justifique. Existe algo que você não gostena sua escola ? Justifique	
Entrevistados	Respostas
S1H	Gosto dos colegas e do pátio porque é legal e encontro os amigos lá. Não gosto da diretoria, porque geralmente é bronca.
S2H	Gosto da sala de informática porque tem computadores e asvezes podemos jogar. Não gosto da sala da diretora porque é só problema.
S1M	Gosto da quadra porque é legal. Mas gosto de tudo.
S2M	Gosto da quadra porque lá é um encontro de paz. Não gosto dacoordenação porque já levei bronca lá.
S3M	Gosto da quadra porque é o único lugar divertido. Mas gosto de tudo, não tem nada que eu ache ruim.

S4M	Gosto da quadra porque é menos estresse. Não gosto da sala da coordenação porque é problema.
S5M	Gosto da quadra porque é good vibes(boas energias). O menos agradável é a coordenação porque é um clima pesado.
S6M	O pátio porque reencontro os colegas, mas gosto de tudo.
S7M	Gosto do pátio porque fico com os amigos. Não gosto de ficar na sala estudando.
S8M	Gosto da quadra porque é mais fresca. Não gosto dos espaços que têm grama por conta dos mosquitos.
S9M	Gosto da sala porque encontro silêncio em alguns momentos e não gosto da quadra porque tem muito barulho.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

9.2 Ambiente de morada

É interessante esclarecer que o espaço é visto no sentido de apropriação e o lugar no sentido de apego, pois ambas as palavras, muitas vezes utilizadas como sinônimos, possuem significados diferentes e por serem diferentes mudam sua interpretação. Contudo, o espaço pode se tornar lugar conforme os seres obtêm significado e aceção (Tuan, 1983). No lugar é construído o elo afetivo, o qual Tuan (1980) compreende como topofilia. A topofilia se dá a partir de uma existência de sentimento e lugar. Sendo assim, o lugar e o espaço concebido na pesquisa se dão pela definição de Tuan (1983).

Tuan (1983) descreve o lugar como algo seguro, onde se estabelece a vida, o conforto do lar, onde construímos nossas raízes, nossos valores, nosso porto seguro através da experiência atrelada às emoções, percepções e sentidos. A construção do significado de lugar se dá após perpassar pelo espaço, ou seja, antes de se tornar lugar, tudo é espaço e, para ocorrer essa transformação, Tuan (1983) ressalta que o tempo é relevante para se construir a representação de lugar. Contudo, o espaço é um local ao qual desejamos, mas que não se criaram laços, não houve uma construção de valores, é uma ideia de liberdade. O espaço é caracterizado por não construir raízes, algo passageiro em nossas vidas, que não se atribuiu valores. É onde acontece o momento rápido da vida, como num passeio passageiro.

Desse modo, a identificação dos aspectos socioambientais dos lugares de moradia dos sujeitos protagonistas, deste estudo, se traduz pela compreensão da relação que estes sujeitos estabelecem com os lugares cotidianos, dessa forma, suas opiniões e sentimentos não são permanentes, podem mudar conforme as experiências estabelecidas, pois os bairros em questão, estão em constante ascensão para que o convívio neles sejam adequados e atenda às necessidades dos seus moradores.

O objetivo que permeou a sessão foi identificar as características socioambientais do ambiente escolar e de vivência dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental dos Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/Aracaju–SE.

9.2.1 Bairros

a) Assis Chateaubriand (Bugio) - Aracaju

O conjunto Assis Chateaubriand nasceu em meados da década de 70, visando atender à demanda habitacional da capital. Ficou conhecido como bairro Bugio devido à abundância de macacos dessa espécie que habitavam a região. Sua inauguração ocorreu em dois momentos, o primeiro no ano de 1979 e o segundo em 1980. A criação do bairro se deu por uma ação do governo do Estado de Sergipe para a ascensão do espaço urbano, sendo assim, muitos de seus moradores originaram-se de outros municípios e bairros periféricos (Lima, 2011).

Seus primeiros moradores passaram por muitos problemas sociais e físicos, como acontece na maioria dos lugares de moradia recém-construídos. Aos poucos, o bairro foi se transformando e melhorando a qualidade de vida da população (Lima, 2011). Atualmente possui serviços públicos como transporte, coleta de lixo, carteiro, escolas públicas, rede de esgoto, ruas asfaltadas e sem pavimentação, praças (Figura 10), como também igreja católica, igrejas evangélicas, mercearias, padarias, farmácias, escolas particulares, pet shop, salão de festas, academias, Gbarbosa, lojas, ginásio esportivo, clínicas, pizzaria, restaurantes, lanchonetes, sorveterias, lotérica, açougues, arborização, etc., tornando o ambiente de moradia adequado.

Figura 10 - Praça do bairro Assis Chateaubriand (Bugio)



Fonte: Acervo da autora (2023).

O bairro possui várias praças, algumas mais estruturadas do que outras, algumas com parquinhos, aparelhos para exercícios, campo de futebol, área de atletismo, ginásio, bancos, etc., tornando-o um ambiente atrativo para a comunidade, em especial para crianças e adolescentes.

b) Loteamento São Carlos - Aracaju

O Loteamento São Carlos, situado a oeste da cidade de Aracaju, pertence ao bairro Olaria, mas é considerado um bairro pela população local. O loteamento foi planejado para atender especialmente as famílias de baixa renda. Ao longo das décadas, passou por várias mudanças para atender à comunidade e a prefeitura de Aracaju continua realizando benfeitorias substanciais para a qualidade de vida, no entanto, ainda possui criminalidade, tráfico de drogas, não possui posto de saúde. Possui algumas árvores, serviços públicos como transporte, coleta de lixo, carteiro, posto de policiamento, escolas públicas, creche, rede de esgoto, ruas asfaltadas, praças, como também igrejas evangélicas, mercearias, padarias, farmácias, academias, restaurantes, lanchonetes, sorveterias, escolas particulares, lojas, açougues, etc.. Quando a população precisa de algum serviço que não é ofertado em seu lugar de moradia, recorre aos bairros ou loteamentos próximos.

c) Bairro Olaria – Aracaju

O bairro Olaria, localizado na zona oeste de Aracaju, passou por outras denominações até chegar a este nome. Inicialmente era conhecido por Leprozário devido a um hospital e um cemitério para leprosos existirem durante o século XX. Em seguida, chamou-se Matadouro, pois na época havia um frigorífico e abatedouro público na região. Posteriormente, recebeu o nome de Olaria devido à fábrica de tijolos e telhas. Atualmente, boa parte do bairro é conhecida por São Carlos devido a um loteamento com esta denominação, mas, oficialmente, a Prefeitura de Aracaju o reconhece como Olaria.

O bairro possui pouquíssimas árvores nas ruas, apresenta serviços públicos como transporte, coleta de lixo, carteiro, escolas públicas, praça, como também igreja católica, igrejas evangélicas, muitas mercearias, padarias, farmácias, escolas particulares, pequenas lojas, cabeleleiros, barbearias, restaurantes, lanchonetes, sorveterias, açougues, rede de esgoto na maioria das ruas, iluminação em grande parte do bairro, ruas pavimentadas e sem pavimentação (Figura 11), etc.

Figura 11 - Rua do bairro Olaria



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os fornecimentos públicos e privados como posto de gasolina, lotérica, entre outros, que o bairro não possui, os bairros vizinhos compõem. E o saneamento básico não é presente em todas as ruas, mas na maioria que compõe o bairro. Também existem problemas com segurança devido à criminalidade e ao tráfico de drogas.

d) Bairro Jardim Centenário – Aracaju

O bairro Jardim Centenário está localizado na zona leste de Aracaju, e assim como o bairro Olaria, recebeu as mesmas denominações ao longo do tempo. Esse fato ocorreu por estarem situados um próximo ao outro e a população tratá-los igualmente. A população do bairro é em sua maioria de baixa renda. Desde o ano de 2023, o bairro está passando por uma grande obra de troca de tubulação da Deso (Companhia de Saneamento de Sergipe).

Figura 12 - Rua do bairro Jardim Centenário



Fonte: Acervo da autora (2023).

O bairro contém algumas árvores nas ruas, tem serviços públicos como transporte, coleta de lixo, carteiro, delegacia da polícia civil, três postos de saúde, escolas públicas, rede de esgoto, ruas pavimentadas (Figura 12) e sem pavimentação, praças, como também igreja católica, igrejas evangélicas, mercearias, padarias, farmácias, academias, escolas particulares, lojas, clínicas,

salão de festas, pizzaria, restaurante, lanchonetes, sorveteria, açougue, etc., tornando o ambiente de moradia adequado.

e) Bairro Parque São José – Nossa Senhora do Socorro

O bairro Parque São José (Figura 13) está localizado na zona leste do município de Nossa Senhora do Socorro, é o mais afastado do Colégio Jornalista Paulo Costa, entretanto, muitos alunos caminham até a escola, usam bicicletas como meio de transporte, ônibus ou veículo próprio da família. A escola não fornece transporte aos alunos por se tratar de outro município. Escolas públicas que atendam as necessidades dos alunos no bairro Parque São José são pouquíssimas, por isso, deslocam-se para o município de Aracaju, pois o acesso às escolas no município de Nossa Senhora do Socorro é dificultado em função da distância. É um hábito comum dos habitantes da região.

Figura 13 - Rua do bairro Parque São José



Fonte: Acervo da autora (2023).

O bairro possui muitos problemas de infraestrutura, criminalidade e tráfico de drogas. Assim como os demais bairros já citados, também apresenta árvores, serviços públicos na maioria das vias como transporte, coleta de lixo, carteiro, escolas públicas, rede de esgoto na maioria das ruas, ruas pavimentadas e ruas sem calçamento, posto de saúde, etc.. Possui igreja católica, igrejas evangélicas,

mercearias, padaria, farmácia, escolas particulares, pequenas lojas, restaurante, lanchonetes, sorveteria, açougue, posto de gasolina, academia, etc.

9.2.2 Entrevistas

Segui-se à mesma premissa para a análise das entrevistas sobre o lugar de morada dos sujeitos protagonistas. As fotografias categorizadas como “fotografar para contar” fundamentam o que foi observado e interpretado por meio dos dados dos sujeitos, segundo os autores utilizados. As imagens foram obtidas a partir das informações fornecidas pelos entrevistados durante a entrevista, portanto não passaram pela etapa de “fotografar para descobrir”, já que já tinham significados. De acordo com Gurran (2011), a fotografia é um fenômeno cultural que influencia a forma como o indivíduo pensa e enxerga o mundo. É com base nessa premissa que nos dedicamos a compreender as fotografias.

Os autores que respaldam a reflexão no tocante ao ambiente de morada são: Tuan (1980) e (2005) à tofília e tofobia externada pelos sujeitos, Merleau-Pont (1999) a respeito da fenomenologia e visão de mundo observada em suas respostas. Ferrara (2008) acerca da percepção, Oliveira (2012) no que se refere aos sentidos evidenciados e Maheirie (2002) ao tocante da subjetividade, emoção e formação de sujeito.

De acordo com Tuan (1980, p. 144), “além da roupa, uma pessoa, no transcurso do tempo, investe parte de sua vida emocional em seu lar e, além do lar, em seu bairro”. Assim, as respostas relacionadas ao bairro corresponderam a um sentimento de tofília ao mencionarem que gostavam de suas casas (S9M), das ruas em quemoram (S1H, S2H, S4M), da praça (S1M, S5M, S6M, S7M, S8M) e o ginásio (S2M) dos seus respectivos bairros.

Quando questionados sobre o que não gostavam em seus locais de moradia, houve uma variação maior de respostas, como becos (S1H), rua cheia de buraco (S1M), obras na rua (S2H), o campo (S4M), ruas isoladas (S7M) e a rótula (S8M) no qual seus motivos se caracterizaram como tofobia.

Os demais relataram que gostavam de tudo ou que não tinham nada a relatar. Segundo Tuan (1980, p. 4 e 5), “a visão de mundo é a experiência conceitualizada. Ela é parcialmente pessoal, em grande parte social”. O modo como esses sujeitos

enxergam o mundo é diferente dos demais. Ao se permitir experimentar coisas novas, há uma ampla gama de oportunidades, mas quando se limita, nada é agradável.

O sujeito, S1H, é o único dos onze entrevistados que reside no bairro São Carlos. Sua casa fica distante da escola, no entanto, faz o percurso utilizando bicicleta ou com caminhadas. Ao ser questionado sobre o ambiente de que mais gosta e o que menos gosta, respondeu:

“Gosto da praça porque tem campo de futebol. Não gosto dos becos porque são perigosos” (S1H²⁰).

As experiências realizadas por S1H transformam-se em percepções através do pensamento e sentimento adquiridos nesses espaços, sendo referido por Ferrara (2008) em concordância com Tuan (1980). A praça, de acordo com o relato, promove oportunidade às pessoas da comunidade a usufruírem desse ambiente público em seus momentos de lazer.

O sujeito em questão explanou que frequenta o campo de futebol (Figura 14) no período da noite, esboçando sorrisos ao relatar a sua satisfação. Já ao referir-se aos becos perigosos, S1H demonstrou expressões apreensivas, indicando medo. Neste bairro existem muitas ruelas, algumas com pouca iluminação, até sem saída e outras não passam nem carros por serem muito estreitas.

Figura 14 - Praça do Bairro São Carlos – Aracaju/SE



Fonte: BARRETO, Wellington (2006). Site: Prefeitura de Aracaju.

²⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

Uma dessas ruas estreitas (Figura 15) mostra que inicialmente tem um tamanho que comporta a largura de um carro e, ao final, parece com um beco por ser muito estreito. Ao questionar S1H porque era perigoso, respondeu com outro vocabulário que nesses becos geralmente a iluminação é menor ou não tem e se torna um ambiente perigoso por ficarem pessoas realizando delitos ou mercado ilícito.

Figura 15 - Ruela do Bairro São Carlos – Aracaju/SE



Fonte: Google Maps (2022).

A sensação de perigo ou medo pode ser percebida ao sujeito se expressar, dando a perceber ao se expressarem sobre algo significativo. De acordo com Tuan (2005, p. 03), “a variação emocional é um indicador da complexidade do sistema nervoso e, portanto, de forma indireta, da mente”, ou seja, ao projetar em sua mente em sua fala e em seus gestos. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura e passadas de geração a geração.

No bairro Jardim Centenário moram dois entrevistados, S2H e S9M. Ao indagar aos sujeitos responderam:

Gosto da rua em que moro porque é organizada. Quando tem obras da prefeitura e da Deso nas ruas, porque falta água (S2H²¹).
Gosto da minha casa porque encontro silêncio. Não tenho nada a dizer sobre o meu bairro, acho normal (S9M²²).

²¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

²² Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

A Figura 16 representa uma das várias ruas que o bairro Jardim Centenário possui. No geral, são asfaltadas, muitas possuem pequenas árvores, comportam a passagem de veículos, calçadas, comércio como as mercearias por toda a parte, tornando bem acessível para a comunidade.

Figura 16 - Rua do bairro Jardim Centenário – Aracaju/SE



Fonte: Acervo da autora (2023).

Segundo Tuan (2005, p. 231), “a cidade representa a maior aspiração da humanidade em relação a uma ordem perfeita e harmônica, tanto em sua estrutura arquitetônica como nos laços sociais”. Assim, o sujeito constrói o seu ambiente através do que é exposto por intermédio da cultura, costumes e valores.

Já S9M ressaltou mais uma vez que gosta do silêncio, por isso, prefere sua casa. E sobre o que não gosta em seu bairro, respondeu que não tinha nada a dizer porque achava tudo normal. O fator biológico cultural, coletivo ou individual em que S9M está inserida pode refletir sobre suas preferências de ambiente e como concebem esse ambiente, pois nos dois contextos da entrevista ressaltou o silêncio como algo significativo para ela.

Os filtros culturais e individuais são produtos de interesse, da necessidade e da motivação. São tão importantes, em nossa percepção, que muitas vezes determinam as tomadas de decisões e nos conduzem às tomadas de consciência” (Oliveira, 2012, p. 58).

Oliveira (2012) destaca, que através dos sentidos o sujeito é capaz de fazer escolhas em relação ao ambiente a que se expõe, oferecendo oportunidades de experienciar várias sensações, dessa forma, a percepção ambiental formada por ela se dá sempre nessa perspectiva sonora, sendo assim, o que agrada é a calma e

não a agitação dos ruídos sonoros dos ambientes, limitando a exploração do conhecer e experienciar outras vivências.

Do bairro Olaria, havia apenas uma moradora, S3M. O percurso do seu bairro para a escola não é distante, fica próximo. Ao questioná-la sobre as duas perguntas da entrevista, replicou:

Não gosto de nada no meu bairro (S3M²³).

De acordo com o relato feito por S3M, não há nada no bairro em que reside que ela goste. A falta de afeição pelo lugar de morada pode ter vários motivos, que vão desde a não identificação do sujeito com as características físicas do lugar, até a falta de identificação com as pessoas que conformam a comunidade, entre outros motivos.

Quatro sujeitos residem no bairro Bugio, S2M, S5M, S6M e S8M. Seu lugar de morada fica próximo ao colégio. Referente às perguntas, suas refurtações foram:

Gosto muito do ginásio, porque sou viciada em vôlei. Não gosto do saneamento básico porque está ruim nas ruas (S2M²⁴).

Gosto mais da praça porque é um lugar de lazer, mas não tem nada que eu não goste (S5M²⁵).

Gosto da praça em que brinco. Não conheço meu bairro todo, mas gosto do que conheço (S6M²⁶).

Gosto da praça poque brinco. Não gosto da parte da rótula porque é perigosa (S8M²⁷).

O bairro Bugio e os demais citados estão passando por obras da Deso e da Prefeitura de Aracaju, por isso, estava difícil transitar por algumas ruas. S2M ao relatar sobre o que gostava, ficou entusiasmada e com sorrisos, já ao se referenciar sobre o saneamento, demonstrou o descontentamento com a situação.

Tuan (2005, p. 12) assevera que “paisagem... é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável”, dessa forma, a paisagem sobre seu bairro é algo muito claro e maduro em sua mente. A visão de mundo construída por S2M difere de seus amigos. Ao externar seus sentimentos sobre seu bairro, consegue enxergar os pontos positivos e negativos que interferem em uma rotina mais agradável e culturalmente adequada (Merleau-Point, 1999). Por conseguinte, o ginásio (Figura 17) representa o seu lugar preferido em seu ambiente de moradia

²³ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ²⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ²⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ²⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ²⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

e a situação em que as ruas (Figura 18) se encontram é o seu incômodo, algo que não agrada, ou seja, não é algo recorrente e sim, temporário.

Figura 17 – Ginásio



Fonte: Acervo da autora (2023).

Figura 18 - Obras na rua



Fonte: Acervo da autora (2023).

Já S5M demonstrou estar satisfeita com o seu bairro ao ser questionada, indagou que gosta de tudo, mas prefere a praça porque é um lugar de lazer. A praça (Figura 19) representa alegrias para S5M, é o ambiente em que sente sentimentos topofílicos ao se relacionar com as pessoas que frequentam e vivenciam momentos prazerosos. Tuan (1980) reflete que o meio ambiente pode nos fazer sentir mais satisfeitos. Portanto, se torna o ambiente preferido por ela devido à satisfação.

Figura 19 - Praça do bairro Bugio



Fonte: Acervo da autora (2023).

S6M também prefere a praça (Figura 20) porque brinca com os amigos e ressaltou que não conhece todo o bairro, mas o pouco que conhece, gosta. Estava com uma fisionomia de satisfação, não demonstrou nenhum sentimento contrário que pudesse contradizer sua verbalização. Sendo assim, existe um elo de afeto caracterizado topofílico entre o sujeito e o ambiente que causa satisfação em percorrer pelo seu bairro (Tuan, 1980).

Figura 20 - Praça do bairro Bugio



Fonte: Acervo da autora (2023)

Por fim, S8M respondeu que a praça é seu ambiente preferido porque brinca e sua insatisfação foi em relação à rótula (Figura 21) porque é perigosa. De fato, a noite a rótula fica com pouca iluminação, se tornando um ambiente claustrofóbico para transição de pessoas.

Figura 21 - Rótula do bairro Bugio



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os sujeitos quando externam desgostos sempre deixam transparecer em suas feições, uns mais que outros, contudo, é possível identificar os sinais ao verbalizarem. Com S8M não foi diferente, a insatisfação devido ao perigo de transitar por esse ambiente era visível em seus olhos.

Maheirie (2002) explana que:

As emoções não estão fora do campo do humano e, como tal, envolvem o sujeito como um todo, pois elas contêm uma racionalidade em seu fundamento e esta, por sua vez, é permeada pelo fenômeno emocional, garantindo a impossibilidade de uma dualidade nesta questão. Embora não se constituam, em si mesmas, como manifestações racionais, as emoções estão no horizonte de uma racionalidade histórico e socialmente construída (Maheirie, 2002, p. 38).

O que a autora externa é que as emoções construídas de cada sujeito possuem fundamentos que podem levar a uma impossibilidade de equilíbrio de crenças e convicções através das experiências expostas ao ambiente de vivência, considerando o fator histórico e social.

Três sujeitos moram no bairro Parque São José em Nossa Senhora do Socorro, S1M, S4M e S7M. Sua localização é a mais distante do colégio. Alguns alunos usam transporte, outros fazem o percurso caminhando. Suas explicações acerca dos questionamentos foram:

Gosto da rua em que moro porque brinco muito. Não gosto da rua do outro lado porque é cheia de buraco (S1M²⁸).

Gosto de brincar na rua em que moro. Não gosto do campo perto da minha casa porque só tem mato e lixo (S4M²⁹).

Gosto da praça porque é divertido e movimentado. Não gosto das ruas isoladas porque não gosto de ficar só (S7M³⁰).

Ao fazer a primeira pergunta a S1M, parecia estar um pouco ansiosa, contudo, externou entusiasmo em falar da sua rua e um pouco de incômodo sobre a rua do outro lado. É possível identificar uma rua com buracos na Figura 22, existem muitas nessa mesma situação no bairro, dificultando o acesso a elas não só com veículos, mas ao transitar caminhando. Percebe-se que os sujeitos possuem uma subjetividade social madura sobre esses ambientes dentro da sua realidade e compreensão.

“A subjetividade é compreendida como uma dimensão do sujeito, assim como a objetividade, que, relacionadas dialeticamente no contexto social, produzem o sujeito” (Maheirie, 2002, p. 37). Ou seja, a subjetividade é uma parte do ser humano

²⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ²⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ³⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

e a objetividade é como esse sujeito se relaciona com o mundo. Ao compreenderem o que está errado em seu bairro e as dificuldades que esses erros causam em sua rotina, formam em seu eu a constituição de sujeito social.

Figura 22 - Rua com buracos



Fonte: Acervo da autora (2023).

A entrevistada seguinte, S4M, apresentou um sorriso ao expressar que gosta de brincar em sua rua e incômodo sobre o campo perto de sua casa porque só tinha mato e lixo (Figura 23). O campo a que ela se referia era um espaço amplo na avenida principal do seu bairro, em que muitas crianças e adolescentes brincavam, mas que hoje não é mais possível.

Figura 23 - Lixão na Avenida principal no Parque São José



Fonte: Acervo da autora (2023).

Destaca-se a concentração do lixão próximo ao espaço em que S4M chama de campo. De acordo com Maheirie (2002),

todo processo de construção deste sujeito é realizado no coletivo e, por ser uma obra de autoria coletiva, em maior ou em menor medida, a história pode lhe escapar. Assim, inserido neste cenário de múltiplas singularidades que se entrecruzam, ele realiza a sua história e a dos outros, na mesma medida em que é realizado por ela, sendo, por isso, produto e produtor, simultaneamente (Maheirie, 2002, p. 36).

Ao estar realizando a formação de sujeito, S4M percebe o que é correto ou não fazer, como a sua colega de classe do mesmo bairro. Quando a população polui o ambiente em que brincava e perde o acesso a ele decorrente da ação humana, compreende-se as causas que essa ação provoca, além das doenças que surgem. S7M relatou que, na hora de brincar, gosta de ir para a praça do Povoado Sobrado (Figura 24) porque é movimentado e divertido. Já sobre o seu bairro, não gosta das ruas isoladas, porque não gosta de ficar sozinha. Questionei se havia algum ambiente em seu bairro de que gostava e disse que não, que toda vez que queria se divertir ia para essa praça que fica perto de sua casa.

Figura 24 - Praça do Povoado Sobrado



Fonte: Acervo da autora (2023).

Os ambientes em que trocamos experiências e vivências provocam várias emoções, sejam boas ou ruins. “Toda emoção tem uma significação própria” (Maheirie, 2002, p.28). Assim, o sujeito faz suas escolhas e preferências por ambientes conforme ao que vai conhecendo. As relações que os sujeitos tecem com seu ambiente de vivência desvelou-se nos dois ambientes, de morada e escolar,

assim, obteve-se uma relação topofílica em alguns momentos, como também topofóbica. Os sentimentos topofílicos e topofóbicos revelaram-se tanto no aspecto físico como no abstrato, comprovando a teoria de Tuan (1983 e 2005) a que se refere esse estudo. Contudo, as aversões e os elos afetivos ao lugar não se comprovam apenas ao ambiente concreto, pois se apresentam no subjuntivo, nas relações construídas e nas vivências experimentadas.

Quadro 3 - Entrevista do ambiente de morada

Perguntas: O que você mais gosta no seu bairro? Justifique. Existe algo que você não goste na sua escola? Justifique	
Entrevistados	Respostas
S1H	Gosto da praça porque tem campo de futebol. Não gosto dos becos porque são perigosos. (Bairro: São Carlos-Aracaju).
S2H	Gosto da rua em que moro porque é organizada. Quando tem obras da prefeitura e da Deso nas ruas, porque falta água. (Bairro: Jardim Centenário – Aracaju).
S1M	Gosto da rua em que moro porque brinco muito. Não gosto da rua do outro lado porque é cheia de buraco (Bairro: Parque São José – Nossa Senhora do Socorro).
S2M	Gosto muito do ginásio porque sou viciada em vôlei. Não gosto do saneamento básico porque está ruim nas ruas. (Bairro: Bugio- Aracaju).
S3M	Não gosto de nada no meu bairro. (Bairro: Olaria- Aracaju)
S4M	Gosto de brincar na rua em que moro. Não gosto do campo perto da minha casa porque só tem mato e lixo. (Bairro: Parque São José – Nossa Senhora do Socorro).
S5M	Gosto mais da praça porque é um lugar de lazer, mas não tem nada que eu não goste. (Bairro: Bugio- Aracaju).
S6M	Gosto da praça em que brinco. Não conheço meu bairro todo, mas gosto do que conheço. (Bairro: Bugio- Aracaju).
S7M	Gosto da praça porque é divertido e movimentado. Não gosto das ruas isoladas porque não gosto de ficar só. (Bairro: Parque São José – Nossa Senhora do Socorro).

S8M	Gosto da praça porque brinco. Não gosto da parte da rótula porque é perigosa. (Bairro: Bugio-Aracaju).
S9M	Gosto da minha casa porque encontro silêncio. Não tenho nada a dizer sobre o meu bairro, acho normal.(Bairro: Jardim Centenário – Aracaju).

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

10 SIGNIFICADO DE AMBIENTE

De acordo com Souza (2022), o conceito de significado descreve a relevância que o sujeito atribui a algo, que dá sentido, explanação, consideração ou essência, que se estende a vários campos e contextos da vida. Que serve tanto para os humanos como para os animais para descrever a magnitude de algo concreto ou abstrato. Sendo assim, o conceito de significado se justifica para entendermos o que o sujeito eterniza como essencial para si.

Dessa forma o objetivo dessa seção também foi de apreender o significado que os sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa atribuem ao cotidiano, ambiente escolar e de morada por meio da percepção.

Compreender como os sujeitos protagonistas concebem o significado de ambiente se torna relevante para os significados que externalizaram em relação ao espaço e/ou lugar por onde vivem e como se dá a relação entre sujeito-ambiente e sujeito-natureza.

A interpretação dos dados fornecidos pelos sujeitos entrevistados teve como embasamento as reflexões de Garcia e Cavassan (2013), Leff (2009) e Tuan (1980) acerca do significado de ambiente defendidos na pesquisa, ancorados por esses autores. Na obra de “Topofilia”, Tuan (1980) relaciona o amor pela terra que o sujeito adquire por meio da experiência e percepção, referindo-se a lugar no sentido geográfico, mas com significado de segurança, sentimentos afetivos.

Os sujeitos forneceram seus significados de ambiente antes da confecção dos mapas mentais e da breve explicação do que seria ambiente. S1M, S2H, S2M, S4M, S5M e S9M, de forma consciente ou não, explanaram o seu significado de ambiente, identificando ser qualquer lugar. Contudo, S1H, S3M, S7M e S8M atrelaram ao que somente tem vida no sentido verde, como árvores e flores. Já S6M incluiu os animais no significado dela.

Iniciei os questionamentos individualmente. Ao indagar a S1M o que significava ambiente, respondeu:

Qualquer espaço (S1M³¹).

³¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

Certamente, qualquer espaço compõe o ambiente. De acordo com Leff (2009), tudo o que está ao nosso redor, assim como as relações, os sentimentos que expressamos e as experiências neles contidas, compõem o ambiente.

Quando questionado, S1H articulou :

Um lugar como a praça”. Um lugar como a praça se tiver árvores e gramado (S1H³²).

Indaguei se poderia explicar um pouco mais. Prontamente, respondeu que era um lugar como a praça se tivesse árvores e gramado. Desse modo, ficou nítida sua compreensão, pois se percebeu em sua afirmativa que possui um entendimento do que se diz ser natural em relação a essa resposta. Gonçalves (2006) ressalta que, como a natureza, o ambiente não se restringe apenas ao universo vegetal e animal, destacando assim que o seu significado é amplo.

Em continuidade às entrevistas, ao formular a primeira pergunta acerca do significado de ambiente, percebi que deveria questioná-la sobre o que era natureza para S3M, pois sua resposta necessitava de mais detalhes para o entendimento da pesquisadora.

Lugar que tenha natureza. Natureza são flores e árvores, essas coisas que são verde (S3M³³).

Dessa forma, ficou evidente a sua reflexão conforme a sua concepção do ambiente. Os conceitos no campo empírico colocam a natureza destinada ao que é verde e o ambiente é o que sustenta em sua base esse verde (natureza). Ao terminar de fazer a pergunta a cada sujeito, expliquei que sua resposta sobre o que era a natureza não estava errada, mas que estava incompleta. Segundo Gonçalves (2006), a natureza é tudo, tanto o que está presente no planeta Terra como o que está além dele, assim, o ambiente é algo que surge a partir da natureza.

Algumas reflexões foram semelhantes, como as explanações de dois sujeitos, no entanto, precisei questionar o que seria qualquer lugar para os entrevistados:

Qualquer lugar. Lugar que tenha coisas ou não” (S2H³⁴). “Qualquer lugar. Um lugar vazio ou com coisas (S4M³⁵).

A essência de ambiente para esses sujeitos está próxima ao que Leff (2009) reflete sobre ambiente que pode ser caracterizado como concreto ou abstrato,

³² Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ³³ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ³⁴ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju. ³⁵ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

havendo a presença de elementos físicos ou não.

Houve outros significados de ambiente semelhantes entre os entrevistados e ainda individualmente, questionei se os alunos que estavam em outras salas de aula estavam em um ambiente, o propósito era entender por completo a compreensão deles por ambiente.

“O local onde estou (sala de aula). Sim, existem vários ambientes” (S2M³⁶).

“O local onde fico. Sim, porque o ambiente existe se eu não estiver nele” (S5M³⁷).

“O lugar onde estou (sala de aula) e tem coisas. Sim, mas precisa ter coisas viva ou não” (S9M³⁸).

Ao informar que existem vários ambientes, S2M faz uma afirmação que permite realizar uma observação sobre ambiente e meio ambiente, visto que ela convive pelos espaços da escola, do seu bairro, entre outros. Garcia e Cavassan (2013) afirmaram que:

O que pretendemos evidenciar por meio dessa abordagem (predominantemente ecológica) é que a expressão ambiente não pode contemplar todas as particularidades existentes de cada ser vivo. Um organismo “A” interage com determinados elementos do ambiente que não são necessariamente os mesmos com os quais um organismo “B” interage. Mesmo pertencentes ao ambiente, cada um possui seu ambiente particular ou, mais especificamente, seu meio ambiente (Garcia; Cavassan, 2013, p. 67).

Sendo assim, o que S2M percebe por vários ambientes se caracteriza como meio ambiente, o que é natural os sujeitos interpretarem o ambiente conforme a explanação da entrevistada. Já ao revelar que o ambiente existe além dela, S5M nos proporciona fazer duas observações interessantes. A primeira é que, nesse caso, o que existe além de nós, é a natureza, e o ambiente, por sua vez, só existe se existirmos (Garcia; Cavassan, 2013). No entanto, a colocação da fala pode ter sido equivocada em relação ao que realmente gostaria de ter dito. Provavelmente, quis externar que os outros compartimentos da escola também faziam parte do ambiente.

ao conjunto de tudo que existe, damos o nome de natureza. Esta é uma entidade real que também pode ser pensada/representada. Quando assim o é, passamos a denominá-la de ambiente. Não conhecemos todos os elementos da natureza e somente aquilo que conhecemos e que, portanto, podemos representar compõe o ambiente. Consequentemente, se o homem não existisse, a natureza continuaria a existir, mas o ambiente não, pois não mais existiria natureza representada. (Garcia; Cavassan, 2013, p. 66).

Contudo, para o ambiente existir, o sujeito precisa estar vivo para pensar

³⁶ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.³⁷ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.³⁸ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

e/ou representar a natureza, pois é através dessa ação de refletir e simbolizar que o sujeito cria o ambiente. E os lugares que existem, além do conhecimento humano, são denominados natureza.

Sobre a assertiva de S9M, Tuan (1980) reflete que o ambiente abrange a experiência e outros elementos para fornecê-lo. Dessa forma, os elementos que o compõe fazem parte da construção do significado para o sujeito. O seu significado faz coerência com o que os autores afirmam, contudo, fornecer um entendimento amplo sobre esse significado é pertinente para os sujeitos protagonistas. O ambiente não possui apenas os aspectos físicos em sua formação, mas também as relações que são construídas nele, o pertencimento à terra a partir das percepções individuais e coletivas, considerando a visão de mundo e os fatores culturais atribuídos.

Por fim, pensando no ambiente como natureza verde, três sujeitos articularam as seguintes afirmações:

Lugares em que tenha natureza como flores e animais (S6M³⁹). Onde tem verde (S7M⁴⁰).

Um lugar com mato em que precisa preservar (S8M⁴¹).

A participante S6M percebe o ambiente como natureza, limitando-se a flores e animais. No entanto, S7M limitou ainda mais o ambiente, considerando apenas o que seja verde, no sentido da flora. As duas possuem compreensão de natureza e não de ambiente. A natureza é tudo que compõe o universo, ou seja, a fauna e a flora são naturezas e não ambiente (Gonçalves, 2006).

A resposta de S8M expressa que é um lugar com mato e que precisa ser preservado, sendo assim, entende-se que alguém a domina e não reflete sobre suas ações. Sobre isso Gonçalves (2006, p.26) destaca que:

A expressão dominar a natureza só tem sentido a partir da premissa de que o homem é não-natureza... Mas se o homem é também natureza, como falar em dominar a natureza? Teríamos que falar em dominar o homem também... E aqui a contradição fica evidente.

Gonçalves (2006) reflete sobre como o homem compreende a natureza, precisando dominá-la, objetivando-a, ou seja, S8M entende o ambiente como natureza, no entanto, seria a compreensão dela. Percebeu-se que alguns sujeitos compreendem o significado de ambiente, enquanto alguns ainda possuem a compreensão de ambiente no sentido de natureza viva sem envolver os seres

³⁹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.⁴⁰ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.⁴¹ Entrevista de pesquisa concedida em 30 de outubro de 2023, na cidade de Aracaju.

humanos, ou seja, apenas a flora e a fauna. No entanto, a percepção de ambiente é contrária da natureza em alguns dados, pois o que definem como ambiente na verdade seria a natureza.

Quadro 4 - Significado de ambiente

Entrevistados	Pergunta: Qual o significado de ambiente?
S1H	Um lugar como a praça. Um lugar como a praça se tiver árvores e gramado.
S2H	Qualquer lugar. Lugar que tenha coisas ou não.
S1M	Qualquer espaço.
S2M	O local onde estou (sala de aula).
S3M	Lugar que tenha natureza. Natureza são flores e árvores, essas coisas que são verde.
S4M	Qualquer lugar . Um lugar vazio ou com coisas
S5M	O local onde fico. Sim, porque o ambiente existe se eu não estiver nele.
S6M	Lugares em que tenha natureza como flores e animais.
S7M	Onde tem verde.
S8M	É um lugar com mato em que precisa preservar.
S9M	O lugar onde estou (sala de aula) e tem coisas.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

11 MAPAS MENTAIS: conexões entre sujeito e o ambiente

11.1 Etapa “Desenhar para revelar”

O mapa mental é uma representação do mundo cultural que o sujeito percebe, abrangendo não apenas objetos e detalhes físicos, mas também valores, experiências e atitudes (Kozel, 2009). Dessa forma, os mapas mentais a seguir foram condizentes com as respostas concedidas na entrevista. Para os sujeitos protagonistas, o seu sentir e pensar sobre esses ambientes de vivência possuem uma conexão com o seu real e imaginário.

Os significados das diferentes representações ou linguagens são construídos a partir dos sentidos que, na sua construção semiótica, se transformam em enunciados. Podemos considerar como tal, “imagens construídas a partir das sensações e percepções, assim como signos verbais ou não-verbais construídos a partir do mesmo processo” (Kozel, 2009, p. 03).

As construções dos mapas, elaborados a partir das sensações e percepções dos sujeitos, forneceram identificações da toponímia externada nas entrevistas, podendo ser identificados os elementos da paisagem construída, paisagem natural e humano. O objetivo desse capítulo foi refletir sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental Anos Finais do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa à luz dos conceitos de ambiente, percepção, toponímia e toponímofobia.

Para a aplicação dos mapas mentais junto aos sujeitos da pesquisa, seguimos as seguintes etapas:

Na etapa (Desenhar para revelar), a pesquisadora lançou a primeira questão norteadora para os sujeitos da pesquisa: para vocês, o que significa ambiente? Após as explicações dos sujeitos, ocorreram as seguintes perguntas para as elaborações dos mapas mentais: Se você fosse um guia turístico, o que você me apresentaria na sua escola? Se você fosse um guia turístico, o que você me apresentaria no seu bairro?

Foi entregue um kit contendo uma folha A4, giz de cera, canetinha de álcool, lápis de cor de madeira para que os sujeitos tivessem condições de desenvolver o seu mapa mental. Salientamos que nesta etapa, todos os termos de anuência

obrigatórios e que respaldam a integridade ética dos sujeitos, foram devidamente esclarecidos, contendo a anuência ou não dos sujeitos elencados neste estudo.

11.2 Decodificação dos mapas

A decodificação dos mapas mentais teve como critérios:

- a) Interpretação de acordo com que os elementos da imagem representam (traçados, figuras geométricas, letras, etc.);
- b) Interpretação da estruturação dos elementos nos mapas mentais (podemse apresentar de forma isolada, em quadros, etc.);
- c) Interpretação quanto às singularidades dos elementos (quanto à paisagem natural, paisagem construída, elementos móveis, elementos da paisagem construída e dos elementos humanos) e, por fim;
- d) Exposição de outras características ou singularidades.

Esses passos foram seguidos na pesquisa para a análise dos mapas mentais aplicados conforme a metodologia Kozel (2018), uma vez que a referida metodologia proporciona trabalhar os mapas de forma detalhada estudando seus símbolos e representações e, no caso da pesquisa em questão, foi uma ferramenta relevante para nos auxiliar a compreender os significados que os sujeitos atribuem ao ambiente de vivência escolar e de morada, bem como identificarmos se esses significados podem estar atrelados a sentimentos topofílicos e/ou topofóbicos por meio de uma cartilha do vivido.

11.3 Ambiente escolar

Os sujeitos protagonistas podiam desenhar consoante a sua vontade, por tanto, que seguisse a única regra estabelecida, que era a de desenhar o que eles me apresentariam caso eu fosse um turista naquele ambiente.

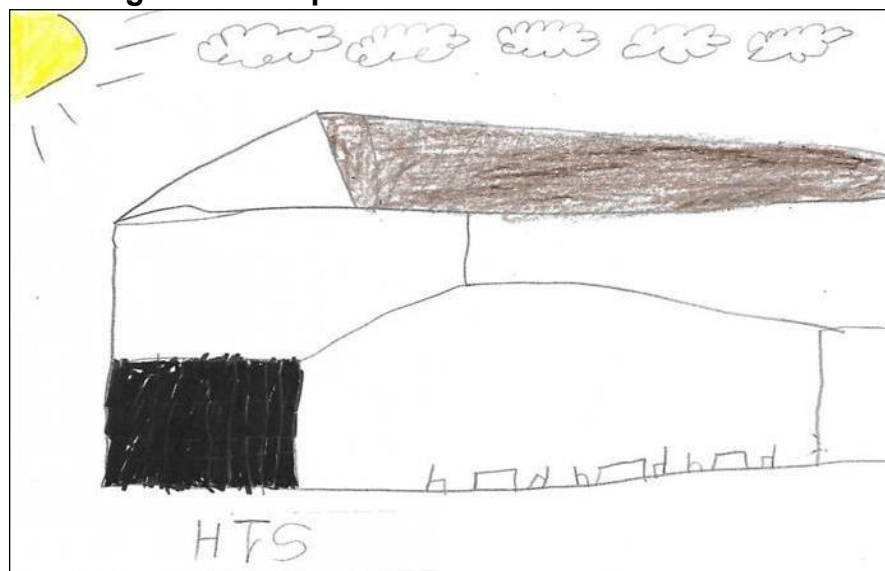
O mapa mental expressa sentimentos, o mundo cultural, alguns até de forma inconsciente, enquanto outros conseguem deixar explícito sobre o seu mundo vivido

(Kozel, 2018). Por esses motivos, não foi dada nenhuma suposição de sentimento, porque a premissa da tarefa era captar seu sentimento topofílico ou topofóbico sobre o ambiente de modo orgânico. Foram analisados quatro mapas mentais do ambiente escolar dentre os onze sujeitos participantes, os demais podem ser visualizados nos anexos da dissertação.

Os elementos que integram o ambiente do cotidiano escolar dos sujeitos fazem parte de uma memória coletiva, contudo, os sentimentos produzidos neles proporcionam significados diferentes para cada sujeito. As experiências que vivenciam nesses ambientes deixam marcas significativas, sejam elas topofóbicas ou topofílicas.

Segundo Kozel (2018), as imagens espaciais ajudam a entender como as pessoas se comportam. Elas são obtidas por experiências sociais, de tempo e espaço. As imagens estão ligadas diretamente às ações humanas sejam elas de forma direta ou não. O significado de ambiente para S1H está atrelado às relações construídas no pátio da escola, contudo, não é possível identificar nenhum elemento humano em seu mapa mental (Figura 25). Na paisagem construída, os traços irregulares dentro da estrutura da escola não têm ligação com a falta de motricidade fina, pois os demais traços seguem uma consistência. As cadeiras, mesas e paredes não foram coloridas. O telhado foi pintado de marrom. O portão da quadra foi desenhado com linhas retas e pintado com preto de forma intensa.

Figura 25 - Mapa mental ambiente escolar S1H

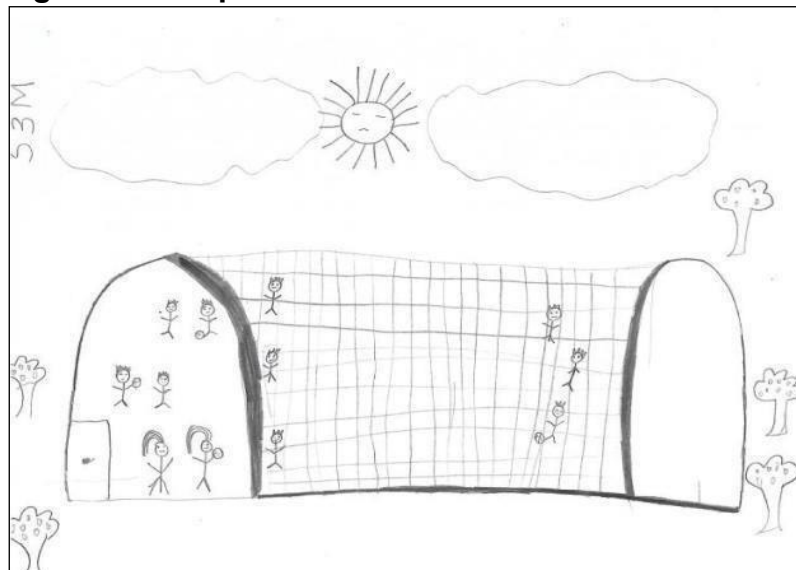


Fonte: S1H (2023).

Como mencionado na entrevista, o acesso à quadra é restrito, por isso, o portão. Provavelmente, o significado de proibição traz essa retratação ao desenho com a cor forte. Ao que se refere à paisagem natural, o sol foi o único elemento pintado de amarelo e as nuvens não receberam cor, talvez fossem brancas como o céu. Os elementos identificados não se mostram de forma isolada, possuem uma distância harmoniosa entre eles. O que chama a atenção na descrição do desenho de S1H é a ausência de elementos humanos, por mencionar o pátio como o ambiente em que encontra os amigos e ser legal por esse motivo. Contudo, o seu mapa mental expressa topofilia e faz relação ao que foi respondido na entrevista.

No mapa mental (Figura 26) de S3M percebemos a paisagem natural apresenta, em sua maioria, nuvens e sol que abarcam as lembranças dos sujeitos. Nenhum deles expressou um dia nublado, entretanto, um sol triste foi retratado. Tem a presença de árvores e o céu, elementos humanos e paisagem construída representada pela estrutura da quadra.

Figura 26 - Mapa mental do ambiente escolar de S3M



Fonte: S3M (2023).

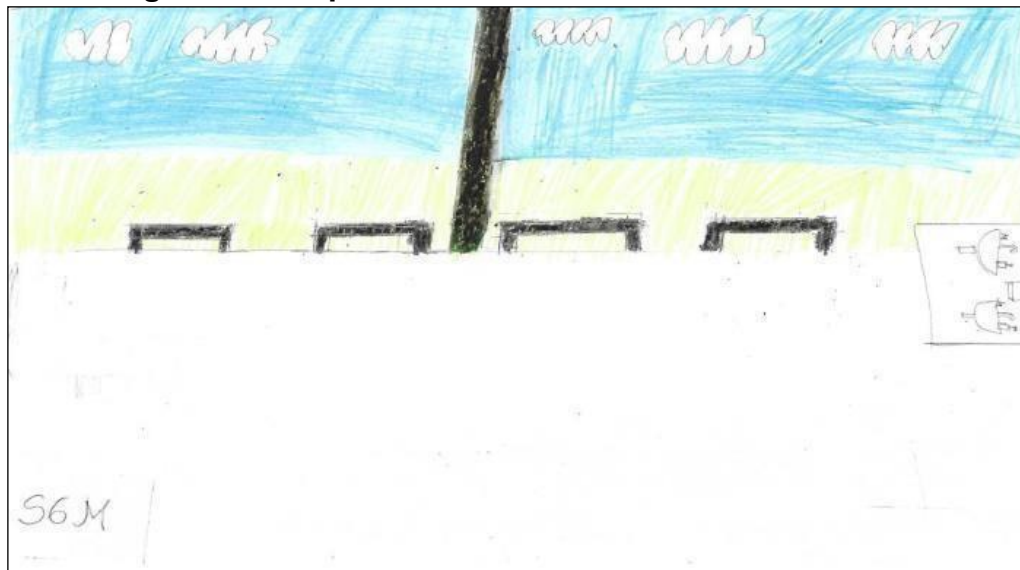
Os elementos do mapa se apresentam em conjunto, compondo toda a folha de modo harmônico e sem alterações no tamanho do formato dos desenhos. O mapa apresenta muitos detalhes, porém, nenhuma cor. Esse mapa foi o primeiro a ser confeccionado por ela. Segundo a autora do mapa mental, a quadra é o único ambiente divertido da escola, o que condiz com a sua representação. Ou seja, a paisagem, apenas observando e medindo, não é capaz de responder a todas as

percepções do ambiente vivido (Tuan, 1980).

O sol triste pode representar diversos motivos. O tempo curto de permanência na quadra, alguma relação social não bem resolvida, o tamanho do espaço para desenvolver as atividades ou até mesmo ser o sentimento dela naquele exato momento. Suponhamos que o sol tenha sido uma projeção do seu sentimento naquele instante, faria parte do sentimento atribuído ao dia da elaboração do mapa, não se caracterizaria como uma topofobia. Para tal análise, seria necessária várias indicações de sentimentos desconfortáveis e medo, o que não ocorreu.

Dos quatro mapas mentais, S6M foi o que retribuiu mais colorido (Figura 27). Sua paisagem natural é composta de céu azul, gramado verde e nuvens. A paisagem construída possui bancos, uma estrutura referente à escola, pias, dispenser de papel e sabonete. Para a construção dos elementos, utilizou traços retos até na pintura para fazer a divisão entre o céu e a grama.

Figura 27 - Mapa mental do ambiente escolar de S6M



Fonte: S6M (2023).

Não houve nenhuma identificação de elemento humano, apesar de externar que gostava do pátio porque reencontrava os amigos. Os elementos estão conectados, não apresentam nenhum de modo isolado. Os desenhos das pias e do dispenser não foram retribuídos cor porque tinham branco na representatividade concreta. Não utilizou toda a folha, somente a metade.

De acordo com Kozel (2018), a linguagem é caracterizada como uma segregação que os indivíduos fazem de seu ambiente de vida ou uma forma

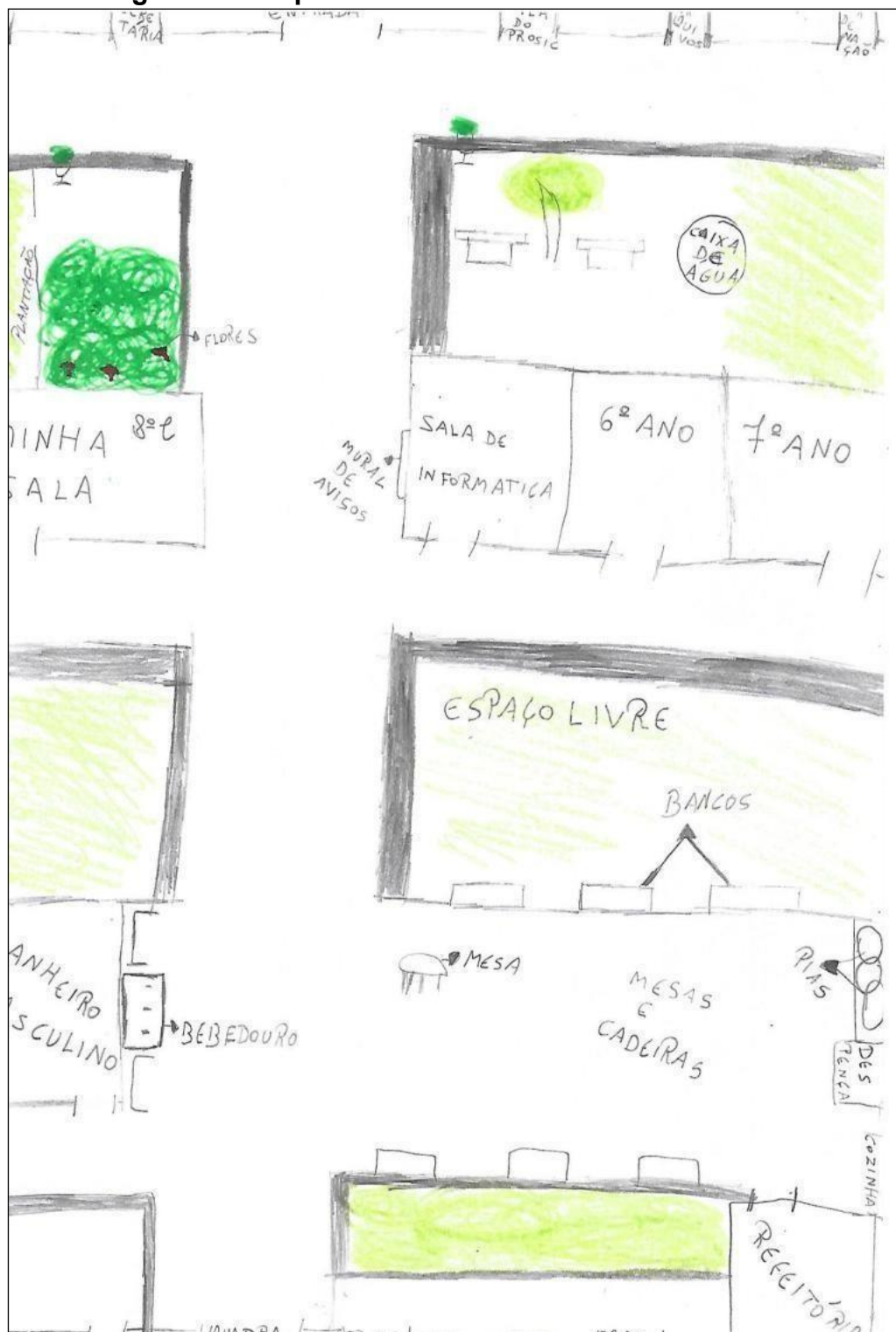
privilegiada de representação. Essa linguagem relaciona-se aos signos, ou seja, construções sociais que traduz o espaço vivido do sujeito reproduzido em diferentes gradações de cores e tons. Essa construção é elaborada a partir do que sente e percebe considerando os elementos verbais e não-verbais.

O mapa mental de S9M foi a planta da escola. Colocou todos os detalhes da paisagem construída e da natural (Figura 28), fez sinalizações do que seria cada compartimento e não colocou elementos humanos. A quadra foi o ambiente informado na entrevista em que menos gosta de estar devido ao barulho. A única cor evidenciada foi o verde representando árvores, flores, plantação e gramado.

Na representação de alguns ambientes colocou apenas linhas e a identificação. Fez alguns compartimentos espaçosos, com detalhes e outros recuados e pequenos. Usou toda a folha para fazer a sua representação da escola. A percepção que S9M possui do ambiente escolar é bem detalhada, o seu conhecimento espacial são projeções de sua mente produzidas através da vivência (Kozel, 2018).

Apesar da tarefa ter sido elaborada no mesmo ambiente escolar, cada sujeito detalhou vivências distintas em suas representações. O mundo vivido possui história, o conhecer possibilita compreender as representações que o sujeito reproduz. Conforme Kozel (2018), o “fazer pedagógico” é indispensável porque permite ressignificar as práticas e vínculos entre o espaço e o ser humano.

Figura 28 - Mapa mental do ambiente escolar de S9M



Fonte: S9M (2023).

No quadro a seguir, podem ser evidenciados os elementos que compõem os mapas mentais elaborados pelos sujeitos referente ao ambiente escolar. Alguns construíram com uma riqueza de detalhes maior, outros com poucos elementos, o que não descredibiliza o seu mundo vivido.

Quadro 5 - Elementos do ambiente escolar

Elementos		Quantidade representativa
Paisagem Construída	Estrutura da escola	1
	Cadeiras	9
	Mesas	4
	Portão da Quadra	2
	Alambrado de quadra	1
	Bancos	9
	Pia	4
	Torneira	2
	Dispenser de sabão	2
	Dispenser de papel	2
	Bola	4
	Quadra	2
	Sala de aula	4
	Sala Prosic	3
	Arquivo	1
	Sala de informática	1
	Mural de aviso	1
	Caixa d'água	1
	Refeitório	1
	Despensa	1
	Bebedouro	1
	Banheiro Masculino	1
	Coordenação	1
	Entrada da escola	1
	Secretaria	1
	Diretoria	1

Paisagem Natural	Sol	1
	Sol triste	1
	Nuvem	12
	Árvores	6
	Gramado (mato)	3
	Flores	3
	Plantação	1
	Céu	3
Humano	Homem	10
	Mulher	2

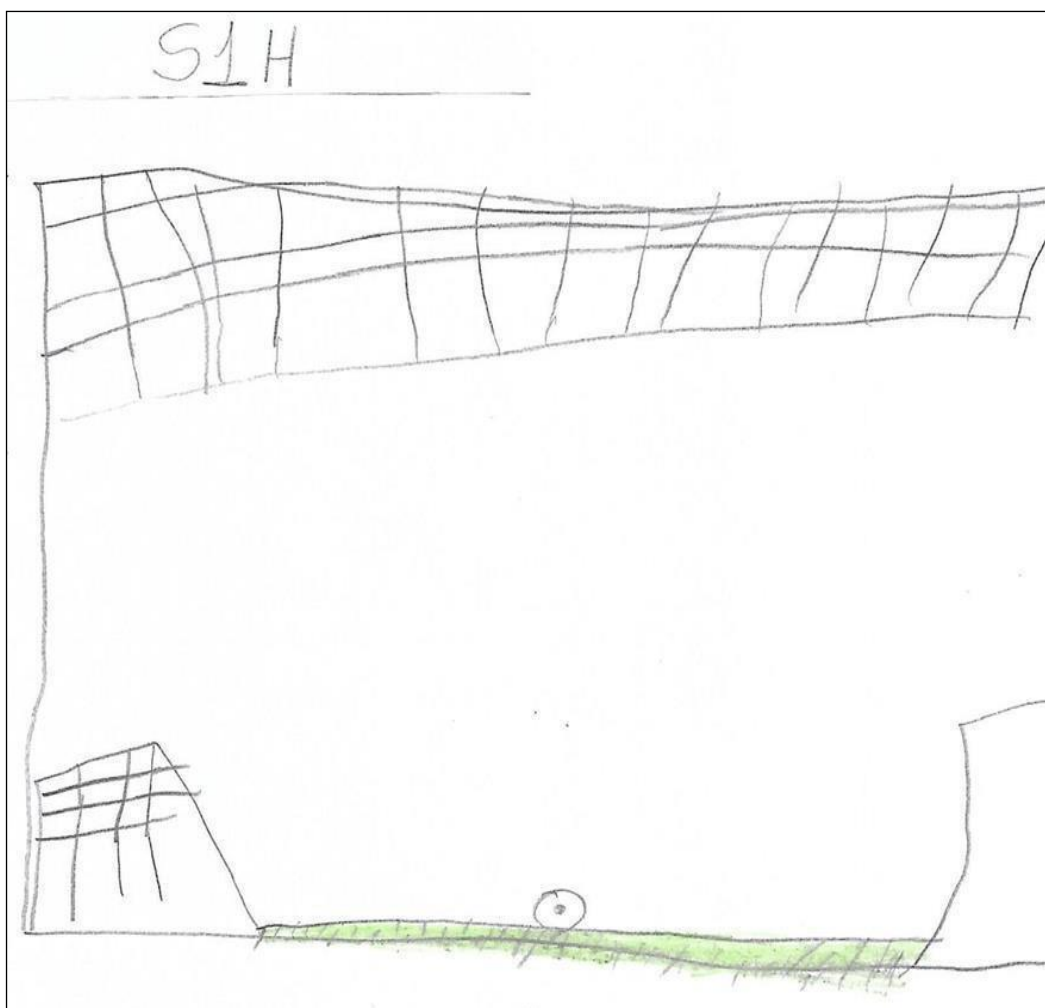
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

11.4 Ambiente de morada

Os mapas mentais do ambiente de morada são representações de quatro bairros, ou seja, cada sujeito reside em um bairro diferente, porém localizados próximos. Os demais sujeitos participantes da pesquisa tiveram seus mapas mentais do ambiente de morada colocados nos apêndices da dissertação. No total foram onze mapas mentais.

O ambiente de morada de S1H é o bairro São Carlos. Em seu bairro, o lugar que ele se identifica é a quadra da praça (Figura 29) no qual passa maior parte de seu tempo livre, por tanto, esse seria o lugar que levaria a pesquisadora para conhecer. Os elementos encontrados são da paisagem construída, representados pelas traves do gol, a bola e os alambrados da quadra. Já a paisagem natural são representados pelo gramado da quadra, e não sendo identificado nenhum elemento humano. Referente ao tamanho da representação do desenho, ocupou boa parte da folha A4. Sendo assim, os elementos se mostram de forma harmoniosa sem ausência de elementos soltos. A cor verde foi utilizada apenas para simbolizar o gramado.

Figura 29 - Mapa mental do ambiente de morada de S1H



Fonte: S1H (2023).

As preferências que os sujeitos fazem de acordo com Paula (2010) são polissêmicas, ou seja, podem ter vários sentidos na vida do sujeito e nas mediações que estabelecem com o ambiente. A quadra representa sentimento de alegria e satisfação para S1H que pode ser identificado tanto em suas expressões durante a entrevista quanto na elaboração de seu mapa mental.

O lugar que S3M prefere em seu bairro é a sua casa, que fica localizada no bairro Olaria. No momento da confecção explicou que não gostava de nada em seu bairro. Em seguida, decidiu representar a sua residência porque gostava dela. O mapa mental (Figura 30) de S3M recebeu colorido em todos os símbolos representados. As cores atribuídas foram amarelo, azul, marrom e verde. Os elementos da paisagem natural foram representados pelo sol alegre, as nuvens e a árvore. Referente a paisagem construída, a representação foi de uma casa com janela, portão e telhado. Quanto aos elementos humanos, não foram identificados.

Os símbolos ocuparam toda a folha A4 mantendo o equilíbrio de proporções entre eles.

Figura 30 - Mapa mental do ambiente de morada de S3M



Fonte: S1H (2023).

De acordo com Kozel (2018), os significados que o lugar de morada carrega são construídos a partir dos sentidos que o sujeito faz ao longo da sua construção semiótica que se transformam em enunciados. Sendo assim, a casa em que moramos atribui muito significado e um deles é a ligação entre o sujeito e o seu ambiente de morada.

O bairro é composto por vários lugares, alguns nos identificamos mais que outros o que é natural na vida cotidiana. Dessa forma, S6M não conseguiu representar apenas um lugar do seu bairro, Bugio, fez quatro representações. O ginásio, a pista de atletismo e a Igreja Católica que ficam na praça principal e uma Igreja Evangélica que fica localizada no mesmo bairro, porém distante desses lugares (Figura 31).

Figura 31 - Mapa mental do ambiente de morada de S6M



Fonte: S6M (2023).

Os símbolos possuem tamanhos proporcionais e foram divididos em quatro partes na folha A4. Não possui elementos humanos e da paisagem natural, apenas da paisagem construída, entre eles estão duas igrejas com portas e telhados, uma pista de atletismo e no nome ginásio. As preferências que os sujeitos fazem de acordo com Paula (2010) é polissêmica, ou seja, podem ter vários sentidos na vida do sujeito e nas mediações que estabelecem com o ambiente. Por isso, é natural S6M ter escolhido quatro lugares para

representar o que apresentaria se fosse uma guia turística em seu bairro.

Por fim, o mapa mental de S9M foi similar ao ambiente escolar. Fez uma planta do ambiente de morada para representar seu lugar de vivência. Usou palavras para explicar o que seria cada traçado, utilizou a cor verde para identificação da paisagem natural e não colocou elementos humanos. A percepção que possui do seu bairro é ampla, descreve cada símbolo que sua rua possui. Sua representação é uma forma de linguagem de acordo com Kozel (2018) que permite refletir como enunciados que indicam as relações entre as atribuições sociais e o modo de comunicação.

Figura 32 - Mapa mental do ambiente de morada de S9M



Fonte: S9M (2023).

De todos os mapas mentais apresentados, o de S9M possui uma representação singular. Nenhum dos seus colegas apresenta um olhar igual, mas um pouco parecido em seus traços, o que não se revela no S9M. Demonstra uma percepção detalhista, no sentido em qual lugar socializa, pois possui uma certa relevancia em sua forma de enxergar e perceber o ambiente.

O quadro abaixo possui os elementos identificados nos mapas analisados dos sujeitos protagonistas seguindo a decodificação da metodologia Kozel (2018), sendo assim, os elementos foram a paisagem construída, a paisagem natural e os elementos humanos.

Quadro 6 - Elementos do ambiente de morada

Elementos		Quantidade representativa
Paisagem Construída	Estrutura da quadra	1
	Espaço referente a casa	12
	Espaço referente a empresa de internet	1
	Espaço referente a casa com comércio	2
	Alambrado da quadra	1
	Traves de futebol	2
	Rua	3
	Bola	1
	Casa	1
	Portão	1
	crucifixo	1
	Janela	1
	Telhado	2
	Ginásio	1
	Porta	2
	Igreja	2
Paisagem Natural	Nuvem	2
	Sol	1
	Gramado (mato)	5
	Árvore	1
Elemento Humano	Mulher	0
	Homem	0

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

12 DIÁRIO DE CAMPO

12.1 Etapa “Escrever para contar”

Um ambiente diferente pode gerar grandes impactos para quem chega e esse mesmo sujeito pode causar desconforto para quem já está nesse ambiente. De acordo com Tuan (1980, p.72):

Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada da sua imersão na totalidade de seu meio ambiente.

E essa foi a sensação que senti. Ao fazer os primeiros contatos com o colégio. A equipe diretiva se mostrou solícita à pesquisa, no entanto, os sujeitos da pesquisa pareciam não aprovar a minha permanência em sua sala. De acordo com Tuan (1980, p.12), “o campo visual é muito maior que o campo dos outros sentidos”. Assim, pude constatar ao conceber o direito de se relacionar com os alunos após a aprovação do Comitê de Ética que seria um grande desafio obter os resultados, pois, ficaram questionando o porquê de eu estar em sua sala, o que faria, o que precisavam fazer, o que eles fizeram, para mim, ter ido para sua sala, etc. Eram várias perguntas ao mesmo tempo, antes mesmo de fazer minha apresentação como pesquisadora. Seus olhos curiosos debruçados em mim provocavam um certo acanhamento diante dos seus questionamentos.

Quando permitiram a explicação do que seria solicitado, deixaram claro que precisava ser de forma resumida e objetiva a explicação, prontamente perguntaram quantos dias e quantas horas seriam necessárias para desenvolver toda a ação. Meu ouvido aguçado percebeu naquele momento que os sentidos têm uma capacidade de captar informações muito mais precisas e detalhadas sobre o meio ambiente do que os sentidos, mas, em geral, somos mais sensíveis à percepção auditiva do que à percepção visual (Tuan, 1980). Assim, um sentimento frustrante sombreou sobre mim, mas continuei e expliquei todos os questionamentos como preferiram.

No dia do recolhimento dos termos, onze aceitaram participar da pesquisa e, naquele instante, os onze alunos se tornaram os meus sujeitos protagonistas da pesquisa. E com o consentimento dos pais e deles pude dar início à etapa da

entrevista. Não foi permitido retirar os alunos da sala que não fariam parte da pesquisa e nem colocar os sujeitos protagonistas em outro local. Então perguntei se era possível dividi-los em dois grupos e autorizaram. De um lado da sala ficaram os alunos e do outro os sujeitos da pesquisa.

Para realizar entrevistas, chamei um por um até o birô para responderem às perguntas. Os sujeitos estavam apressados, então fazer uma entrevista no coletivo não seria sábio, pois poderiam responder o mesmo só para finalizar a atividade. Foram bem sucintos em seus relatos e por mais que fizesse mais indagações para tentar contextualizar melhor suas afirmativas, não obtive sucesso em conseguir mais informações, e responderam ao que foi questionado com frases curtas.

12.2 Etapa “Desenhar para revelar”

No dia da confecção dos mapas mentais, solicitei que se organizassem da mesma forma como no ocorrido na entrevista, individualmente. Não se recusaram em nenhum momento em se separarem para construir essa etapa. Arrumaram as carteiras em fila, sentaram e guardaram a maioria do material escolar. Deixaram apenas alguns pertences.

Expliquei aos sujeitos protagonistas que entregaria duas folhas A4, sendo uma por vez, e um kit de lápis (Figura 33) de cor contendo giz de cera, hidracor e lápis de cor de madeira. Após a entrega dos kits, perguntei o que significa ambiente para eles, responderam e fiz o complemento científico que o ambiente é a compreensão da natureza, é o que se acredita sobre ela envolvendo os sentimentos do ser em respostas ao que se percebe, ou seja, as vivências, experiências e os sentimentos fazem parte dessa construção de ambiente, não só os aspectos físicos que podemos tocar, mas também o que podemos sentir através dele.

Figura 33 - Kit de lápis de cor



Fonte: Acervo da autora (2023).

Em seguida, solicitei que na primeira folha A4 desenhassem para mim, seguido a seguinte orientação: se você fosse um guia turístico, o que você me apresentaria na sua escola? Alguns ficaram sem entender, então expliquei mais uma vez. Se eu chegasse aqui na sua escola hoje e pedisse para que vocês me mostrassem a escola, por onde começaria o “tour”? E posteriormente, se você fosse um guia turístico, o que você me apresentaria no seu bairro?

Figura 34 - Sujeitos confeccionando os mapas mentais



Fonte: Acervo da autora (2023).

Na Figura 35, pode-se ver os alunos confeccionando os mapas mentais individualmente. Em vários momentos, foi pedido para fazerem silêncio, tanto os sujeitos como os alunos que não participaram da pesquisa. O objetivo para solicitar o silêncio era para que cada um se concentrasse em seus mapas e pudessem

colocar o máximo de detalhes possíveis.

Figura 35 - Coletando dados



Fonte: Acervo da autora (2023).

Ao iniciarem as confecções, fui anotando o significado de ambiente como cada um entendia antes da explicação (Figura 35). Colaboraram na maior parte do tempo, contudo, alguém que não estava participando comentou que, se demorasse na elaboração dos mapas, ficariam sem tempo de ir para a quadra. Depois disso, muitos se apressaram para concluir a etapa. Apenas S6M confeccionou com calma e no tempo dela. Todos os outros saíram para a quadra com a professora de Educação Física e ficamos nós duas até a sua conclusão.

12.3 Etapa “Capitar para compreender”

As fotografias apresentadas na pesquisa sem dúvidas foram a parte mais difícil de desenvolver, pois foram vários ambientes diferentes no período de 30/10/2023 a 07/11/2023 para fazer todos os registros. A maioria dos ambientes citados pelos sujeitos, a pesquisadora logo identificou, contudo, outros foram necessários fazer mais indagações aos sujeitos para ter exatidão da localização. Só não foi perguntada a rua em que moravam para preservação das suas identidades, como acordado nos termos entregues aos responsáveis.

Seguindo a análise de Gurran (2011) sobre fotografias, dividiu-se em fotografar para contar, fotografar para descobrir e ética. As fotografias nomeadas

“fotografar para descobrir” se caracterizaram no momento dos registros em que se descobria os sentimentos carregados naqueles ambientes através das primeiras informações fornecidas pelo coordenador e pelos sujeitos.

Já as fotografias categorizadas como “fotografar para contar” são as responsáveis por expor o que os sujeitos verbalizaram sobre os ambientes escolar e de morada em articulação com os autores durante as reflexões. E por fim, as fotografias se transformaram em “fotografias éticas” quando foram utilizadas para comprovar a interpretação dos dados.

13 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo vivido de cada sujeito é único, por isso, pode significar diversas possibilidades de perceber o mundo. O ambiente pode ser o mesmo, contudo, as pessoas que vivem nele não são as mesmas. São seres dotados de valores, princípios, cultura, medos, alegrias, singularidades, subjetividades, significados, etc.

Ao iniciar a pesquisa, muitas indagações reflexivas surgiram no decorrer do processo: como os sujeitos se relacionam com ambos os ambientes? Quais os significados que os sujeitos atribuem a cada ambiente? Os significados que os sujeitos atribuem ao seu ambiente escolar e de moradia podem desvelar-se em uma relação topofílica e/ou topofóbica? O que leva o sujeito a conceber os seus ambientes na esfera da topofilia? O que leva os sujeitos a conceber seu ambiente na esfera da topofobia? Qual a relevância do conhecimento acerca dos valores, significados e percepções atribuídos pelos sujeitos da Educação Básica ao seu ambiente escolar e de moradia? Diante de tantas reflexões, no decorrer do desenvolvimento das etapas fomos percebendo como cada sujeito se relacionava com o ambiente na esfera topofóbica e topofílica de diferentes formas.

Percebemos que o ambiente escolar e de moradia desvelou-se em alguns momentos ostil por motivos próprios ou culturais enquanto os topofílicos foram por justificativas particulares, mas que ambos compartilham de uma memória coletiva nos dois mundos vividos. A escola é sem dúvidas o segundo ambiente em que o ser humano aprende a ser um sujeito social por estar externo do núcleo familiar, é onde esse sujeito aprende a conviver com diferentes formas de se perceber o mundo concebido de culturas, regras, valores e significados. Ao experienciar distintas possibilidades de compreender o lugar de vivência fazemos várias ponderações do que é favorável ou não para o sujeito, assim construímos os nossos significados.

Embora o ambiente escolar fosse o mesmo, cada sujeito possui uma percepção distinta, são histórias que se entrelaçam, mas que são construídas de diferentes formas. Cada Sujeito é protagonista da sua própria história e são ao mesmo tempo antagonistas das outras, por isso, compartilham de experiências e vivências na esfera social. Os lugares que de certo modo provocavam um sentimento de topofilia para uns não representava o mesmo para outros, atestando que suas particularidades era o que prevalecia em como concebiam cada ambiente. Percebeu-

se que a topofilia não se dava apenas na inserção da satisfação, mas em uma ligação em que ocorria quando o sujeito engendrava na relação sujeito- ambiente. O ambiente de morada quando se apresentava de maneira topofóbica para o sujeito haviam motivos sociais atrelados a cultura que permeiava naquele local, percebe-se que é algo recorrente em que se passa de geração a pós geração os locais aos quais não se devem transitar.

A topofobia pode surgir através da cultura, pois, é um fator relevante que perpassa pelo tempo histórico e que impactam na vida do ser humano como forma de sobrevivência. Assim esses sujeitos reproduzem o que é ensinado em seu núcleo familiar e social. A forma como cada ambiente de morada conduz as dinâmicas sociais culturais são únicas partindo do princípio que o mundo cultural influencia de forma predominante no processo das relações sociedade-natureza.

A escola por ser um ambiente fechado, cercado por muros altos, passa a imagem em que o mundo interior não se assemelha com o exterior, demonstrando ser universos que não possuem conectividade, entretanto, são universos que se complementam para formação do sujeito. Sendo assim, os mapas mentais revelaram uma sintonia instigante entre eles. O modo como percebem os seus mundos vividos foram retratados em seus traços expressivos nos mapas mentais. Identificamos que a forma como cada sujeito retratou partes significativas do seu ambiente escolar e de morada estão internizados em suas memórias fazendo parte de quem são e de como se entendem.

Concluimos que apesar dos sujeitos fazerem parte do mesmo ambiente escolar percorreram trajetos semelhantes, porém com leituras distintas demonstrando que suas visões de mundo são diferentes por mais que estejam em um mesmo ambiente. Isso sucede pela relevância do conhecimento acerca dos valores, significados e percepções atribuídos pelos sujeitos da Educação Básica ao seu ambiente escolar e de morada.

14 ORÇAMENTO PARA O DESENVOLVIMENTO DOS MAPAS MENTAIS

Quadro 7 - Orçamento para confecção dos mapas mentais

Materiais	Quantidade	Valor	Total
Giz de cera	20	R\$3,50	R\$70,00
Lápis de cor de madeira	20	R\$6,50	R\$130,00
Hidrator	20	R\$6,50	R\$130,00
Folha A4	1	R\$20,00	R\$20,00
Total			R\$350,00

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. Tradução Tadeu Breda. Equador; Quito: Elefante. 2015.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Observar e entender o lugar rural: trilhas metodológicas. In: VARGAS, Augusta Mundim; SANTOS, Daniele Luciano. **Tempos e espaços da pesquisa qualitativa**. Aracaju: Criação, 2019.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Adonso de. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v.45, p.66-71, maio 1983. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1491> . Acesso em: 10 Mar 2023.

ARAUJO, Cláudio Márcio de; OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de; ROSSATO, Maristela. O Sujeito na Pesquisa Qualitativa: Desafios da Investigação dos Processos de Desenvolvimento. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Vol. 33, 2017, pp. 1-7. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/chGpCqDwPprVkbyDXKXqWGj/?lang=pt>. Acesso em: 23 ago. 2022.

BLÁZQUEZ, Gustavo. **Exercícios de apresentação**: Antropologia Social, rituais e representações In: CARDOSO, C.F; MALERBA, J. (org) Representações Contribuição a um debate transdisciplinar. Campinas: Papirus, 2000,p 169-194.

BARRETO, Wellington **Foto Praça São Carlos** 2006
Disponível em:

https://www.aracaju.se.gov.br/noticias/4975/prefeitura_inaugura_hoje_a_noite_a_praça_do_bairro_sao_carlos.html Acesso: 04 dez 2023

DESLANDES, Suely Ferreira; NETO CRUZ, Otavio; MINAYO, Maria Cecília de Souza(Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

FALKEMBACH, Elza Maria F. **Diário de campo**: um instrumento de reflexão. Contexto e educação. Ijuí, v. 2, n. 7, jul./set 1987, p.19-24. Disponível em: <http://www.unirio.br/cchs/ess/Members/silvana.marinho/disciplina-instrumentos-etecnicas-de-intervencao/unid-2-instrumentos-de-conhecimento-intervencao-e-registro/texto-7-falkembach-elza-maria-fonseca-diario-de-campo-um-instrumento-de-reflexao-in-contexto-e-educacao-no-7-jui-inijui-1987/view>. Acesso em:03 mar 2023.

FERRARA; Lucrécia D' Aléssio. **Comunicação, espaço, cultura**. São Paulo: Annablume, 2008.

FONSECA, J.J.S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

Apostila.

GARCIA, Job Antônio Ribeiro; CAVASSAN, Osmar. Os conceitos de ambiente, meio ambiente e natureza no contexto da temática ambiental: definindo significados. **Revista: Góndola, Enseñanza y Aprendizaje de las Ciencias**, Vol. 8, n.2, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/135129/ISSN2346-4712-2013-08-02-61-76.pdf?sequence=1&isAllowed=y> . Acesso em: 02 set 2022.

GIL A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (DES) caminhos do meio ambiente**. São Paulo: Contexto, 14. ed., 2006.

Google Maps. agosto de 2022. Disponível em: <https://www.google.com/maps/@-10.900107,37.0988691,3a,90y,305.46h,79.09t/data=!3m6!1e1!3m4!1s0YNHlw1x1gZomSHULeKhmq!2e0!7i16384!8i8192?entry=ttu>. Acesso 06 dez 2023.

GOMES, Roseane Cristina Santos. **A sustentabilidade das relações socioespaciais em comunidades litorâneas/Sergipe**. 2009. 172 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2009.

GUERRA, Elaine Linhares de Assis. **Manual de pesquisa qualitativa**. Anima Educação: Belo Horizonte, 2014.

GURAN, Milton. Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica. **Discursos fotográficos**, Londrina, v.7, n.10, p.77-106, jan./jun. 2011.

Disponível:

file:///C:/Users/horef/Downloads/azevedodafonseca,+Gerente+da+revista,+Milton+Guran.pdf. Acesso: 24 ago. 2022

KOZEL, S. Mapas mentais — uma forma de linguagem: perspectivas metodológicas. In: Kozel, S. Costa e Silva, J, Gil Filho, S, F. (org.) **Da Percepção e cognição à representação**: Reconstruções teóricas da Geografia Cultural e Humanista. São Paulo: Terceira Margem, 2009.

KOZEL, Salete. **Mapas mentais**: dialogismo e representações. Curitiba: Appris, 2018.

LEFF, Enrique. Complejidad, racionalidad ambiental y diálogo de saberes. **Centro Nacional de Educación Ambiental**. 2006. Disponível em: https://www.miteco.gob.es/content/dam/miteco/es/ceneam/articulos-de-opinion/2006_01leff_tcm30-163650.pdf. Acesso em: 29 Fev 2024.

LEFF, Henrique. **Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes**. Tradução Tiago Daniel de Mello Cargnin. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2009.

LIMA, Manolita Correia. **Monografia: a engenharia da produção acadêmica**. 2 ed. rev.atual. São Paulo: Saraiva 2008.

MAHEIRIE, Kátia. **Constituição do sujeito, subjetividade e identidade**. Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC) .São Paulo. V.7 n.13 jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf> . Acesso em: 02 set 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2. ed. São Paulo, Brasil: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014. Disponível em: <https://livrogratuitosja.com/wpcontent/uploads/2022/04/O-DESAFIO-DO-CONHECIMENTO-ATUALIZADO.pdf>. Acesso em: 03 mar 2023.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

NASCIMENTO, Valdriano Ferreira do; FARIAS, Isabel Maria de Sabino; RAMOS, Evódio Maurício Oliveira. análise de prosa enredada na pesquisa com os cotidianos: um jeito de ver o currículo e dizer. **Revista Teias**. V. 20, n.59, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/teias.2019.44952>. Acesso em: 07mar 2023.

LIMA, Antonio Balbino Marçal.org. A relação sujeito e mundo na fenomenologia de Merleau-Ponty. In: **Ensaaios sobre fenomenologia: Husserl, Heidegger e Merleau-Ponty** [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2014, pp. 77-102. Disponível em: <http://books.scielo.org>>. Acesso em: 21 jun 2022.

Lima, Rodrigo Santos de. **Atitudes e percepções na construção de territórios identitários: o bairro Bugio em Aracaju/SE**. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.

OLIVEIRA, Livia de. Percepção Ambiental. **Revista Geografia e Pesquisa**, Ourinhos, v. 6, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://vampira.ourinhos.unesp.br/openjournalssystem/index.php/geografiaepesquisa/article/view/135>. Acesso em: 23 maio 2022.

PAULA, Luiz Tiago de. **Mapa mental e experiência: um olhar sobre as possibilidades**. Porto Alegre - RS, 2010. Disponível em: <https://geografiahumanista.files.wordpress.com/2010/07/luiz-tiago-de-paula.pdf>>. Acesso: 26 maio 2022.

PRODUTOS EDUCACIONAIS Digitais. **Flipsnack**. 6 jul. de 2021. Disponível em: <https://www.flipsnack.com/FD9BAC99E8C/produtos-educacionais-digitais.html>. Acesso em: 27 jun. 2022.

SIGALLA, L. A. A.; PLACCO, V. M. N. de S.. Análise de prosa: uma forma de investigação em pesquisas qualitativas. **Revista Intersaberes**, [S. l.], v. 17, n. 40, p. 100–113, 2022. DOI: 10.22169/revint.v17i40.2276. Disponível em: <https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2276>.

Acesso em: 26 mar. 2023.

SIGNIFICADOS, percepção.s/d. Disponível em: <https://www.significados.com.br/percepcao/>. Acesso em: 16 maio 2022.

SILVA, Maria Samara da. **Lugares de vida a vida, a vida nos espaços**: Oswaldo Lamartine de Faria e a perspectiva da experiência (1940-1970). 2019. 114f. Dissertação Mestrado em História - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7782253. Acesso em: 14 jun 2022.

SOUSA, Priscila. Significado . **O que é, conceito e definição**. Conceito de. 23 de Junho de 2022. Disponível em: <https://conceito.de/significado>. Acesso em: 29 jan 2024.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.[1979].

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: uma perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Edue, 1983.

UNESP/Campos Botucatu - Tipos de Revisão de Literatura - Documento da biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos – Faculdade de Ciências Agrônômicas, 2015.

WHYTE, A. **Diretrizes de VT para estudos de campo em meio ambiente** – percepção mental. Paris: Unesco, 1977.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS
AMBIENTAIS (PROFCIAMB)



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Título do Projeto: O Sujeito Como Protagonista Do Seu Cotidiano: O Tecer Perceptivo Sobre O Ambiente Dos Alunos Do Ensino Fundamental II.

Pesquisadora Responsável: Josenilde Santos Feitosa.

Local onde será realizada a pesquisa: Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, Aracaju-SE.

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) desta pesquisa porque pretendemos investigar como as relações que os sujeitos tecem com seu ambiente de vivência podem desvelar-se em uma relação topofílica (afeto ao lugar), topofóbica (aversão ao lugar), ou uma outra maneira de ler e perceber o cotidiano. Sua contribuição é muito importante, mas não deve participar contra a sua vontade.

Esta pesquisa será realizada porque se acredita que a partir do estudo acerca da percepção dos sujeitos em relação ao seu ambiente, será possível compreender como os mesmos percebem e como desenvolvem sua relação com o ambiente, partindo da realidade que vivenciam.

Os objetivos dessa pesquisa são O objetivo geral é Analisar a percepção dos sujeitos do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE acerca do seu ambiente de vivência escolar e de moradia. Objetivos específicos são: 1) identificar as características socioambientais do ambiente escolar e de vivência dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE; 2) apreender o significado que os sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa atribuem ao cotidiano, ambiente escolar e de moradia por meio da percepção; 3) refletir sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa à luz dos conceitos de ambiente, topofilia e topofobia; 4) Desenvolver uma cartilha acerca da percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II sobre o ambiente escolar e de moradia como recurso pedagógico para ser trabalhado de forma transversal nas disciplinas que os docentes julgarem a temática pertinente.

Os participantes da pesquisa são 20 alunos do 8º ano C do turno da tarde do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, da cidade de Aracaju, Sergipe.

Antes de decidir, é importante que entenda todos os procedimentos, os possíveis benefícios, riscos e desconfortos envolvidos nesta pesquisa.

A qualquer momento, antes, durante e depois da pesquisa, você poderá solicitar mais esclarecimentos, recusar-se ou desistir de participar sem ser prejudicado, penalizado ou responsabilizado de nenhuma forma. Caso você já esteja em tratamento e não queira participar, você não será penalizado por isso.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Josenilde Santos Feitosa, nos telefones (79) 3214-2136, celular (79) 98808-6974, **endereço institucional** Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Pós-Graduação em Ciências

Página 1/ 4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS
AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**



Ambientais (PROFCIAMB) situado na Av. Marcelo Deda Chagas, s/n, Bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE CEP 49107-230 e e-mail josyfeitosa@academico.ufs.br.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe. "O CEP é um colegiado interdisciplinar e independente, de relevância pública, de caráter consultivo, deliberativo e educativo, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos" (Resolução CNS nº 466/2012, VII. 2).

Caso você tenha dúvidas sobre a aprovação do estudo, seus direitos ou se estiver insatisfeito com este estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista s/nº Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato – Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h.

Todas as informações coletadas neste estudo serão confidenciais (seu nome jamais será divulgado) e utilizadas apenas para esta pesquisa. Somente nós, o pesquisador responsável e/ou equipe de pesquisa, teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo.

Para maiores informações sobre os direitos dos participantes de pesquisa, leia a **Cartilha dos Direitos dos Participantes de Pesquisa** elaborada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que está disponível no site:

http://conselho.saude.gov.br/images/comissoes/conep/img/boletins/Cartilha_Direitos_Participantes_de_Pesquisa_2020.pdf

Caso você concorde e aceite participar desta pesquisa, deverá rubricar todas as páginas deste termo e assinar a última página, nas duas vias. Eu, o pesquisador responsável, farei a mesma coisa, ou seja, rubricarei todas as páginas e assinarei a última página. Uma das vias ficará com você para consultar sempre que necessário.

O QUE VOCÊ PRECISA SABER:

✓ **DE QUE FORMA VOCÊ VAI PARTICIPAR DESTA PESQUISA:** Os procedimentos a serem realizados são uma breve entrevista para identificar idade, nome, turma, turno de ensino, o bairro onde residem e compreender o que mais gostam e não gostam em seu bairro de moradia e na escola. Para os mapas mentais será solicitado ao aluno que faça desenhos do seu bairro e da sua escola. As observações serão realizadas ao longo dos dias em que a pesquisadora estiver aplicando os procedimentos da pesquisa para colher dados de como o aluno se sente sobre a escola e ao falar sobre o seu bairro. As fotografias serão apenas dos espaços da escola, dos mapas mentais e dos bairros, não haverá fotografias do aluno. O diário de campo será utilizado pela pesquisadora para anotar as informações através das observações da mesma e respostas/gestos dos alunos. Serão necessários **12 dias** para realização de todos os procedimentos.

✓ **RISCOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** Os riscos referentes à participação dos estudantes serão mínimos por não se tratar de processo invasivo e ser norteado pelo interesse prévio do indivíduo em participar do estudo. Sobretudo pode causar desconforto ou constrangimento em expor seus sentimentos sobre a escola ou seu bairro. Dessa forma, os participantes terão todo suporte necessário, oferecido pela equipe do projeto, para minimizar os riscos decorrentes do presente estudo.

Página 2/4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS
AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**



Em caso de danos físicos, psicológicos ou financeiros decorrentes da pesquisa, o participante será indenizado pelo mesmo, nos termos da Lei (Resolução CNS nº 466/2012, item II.21) e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa. Ressalta-se que o participante em qualquer momento está livre para deixar de participar da pesquisa, sem nenhum constrangimento.

✓ **BENEFÍCIOS EM PARTICIPAR DA PESQUISA:** os sujeitos protagonistas e o público em geral podem compreender melhor o significado de ambiente ampliando o seu conhecimento acerca das ciências ambientais levando em consideração o avanço nos conhecimentos que o estudo oportuniza de forma sensível, reflexiva e um olhar atento.

✓ **PRIVACIDADE E CONFIDENCIALIDADE:** Os dados dos participantes, os desenhos e as respostas da entrevista - serão utilizados em publicações científicas de forma que serão garantidas a privacidade e a confidencialidade, não permitindo a identificação do participante. Dessa forma, utilizaremos códigos alfanuméricos e nomes fictícios para garantir o anonimato dos participantes da seguinte forma: Sujeito 1, Mulher (S1M); Sujeito 2, Homem (S2H) e assim sucessivamente.

✓ **ACESSO A RESULTADOS DA PESQUISA:** Será entregue no colégio a cartilha impressa para todos apreciarem seus trabalhos e terem acesso aos resultados. Mas, caso solicite, você terá direito a ter acesso aos resultados da pesquisa por meio do relatório de tese e possíveis publicações científicas, via impressa ou digital.

✓ **CUSTOS ENVOLVIDOS PELA PARTICIPAÇÃO DA PESQUISA:** você não terá custos para participar desta pesquisa; se você tiver gastos com exames, transporte e alimentação, inclusive de seu acompanhante (se necessário), eles serão reembolsados pelo pesquisador. A pesquisa também não envolve compensações financeiras, ou seja, você não poderá receber pagamento para participar.

✓ **DANOS E INDENIZAÇÕES:** Se lhe ocorrer qualquer problema ou dano pessoal durante a pesquisa, de acordo com a Resolução CNS nº 466/2012 (itens II.6, IV.3, V.6, V.7) lhe será garantido o direito à assistência médica imediata, integral e gratuita, às custas do pesquisador responsável, com possibilidade de indenização caso o dano for decorrente da pesquisa (através de vias judiciais Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954).

Consentimento do participante

Eu, abaixo assinado, declaro que concordo em participar desse estudo como voluntário(a). Fui informado(a) e esclarecido(a) sobre o objetivo desta pesquisa, li, ou foram lidos para mim, os procedimentos envolvidos, os possíveis riscos e benefícios da minha participação e esclareci todas as minhas dúvidas.

Sei que posso me recusar a participar e retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me cause qualquer prejuízo, penalidade ou responsabilidade. Autorizo o uso dos meus dados de pesquisa sem que a minha identidade seja divulgada.

Recebi uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim e pelo Pesquisador Responsável.

Nome do(a) participante: _____

Página 3/ 4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS
AMBIENTAIS (PROFCIAMB)**



Assinatura: _____ local e data: _____

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada, esclarecida e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido deste participante para a participação neste estudo. Entreguei uma via deste documento com todas as páginas rubricadas e a última assinada por mim ao participante e declaro que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome _____ do _____ Pesquisador _____ Responsável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha quando aplicável: _____

Assinatura: _____ Local/data: _____



Assinatura Datiloscópica (quando não alfabetizado)

Página 4/ 4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa
----------------------------------	--

Apêndice 2 – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

PROFCIAMB

TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá,

Fazemos parte de um grupo de cientistas!

Me chamo Josenilde Santos Feitosa, e trabalhamos no Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, Aracaju-SE. Estamos aqui para conversar com você e o adulto que te acompanha. Vem com a gente!

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que se chama: O Sujeito Como Protagonista Do Seu Cotidiano: O Tecer Perceptivo Sobre O Ambiente Dos Alunos Do Ensino Fundamental II. Este documento serve para você ficar sabendo de tudo sobre a pesquisa e o que vai acontecer nela, não se esqueça qualquer dúvida é só perguntar para o pesquisador ou seu responsável.

Sua contribuição é importante, porém, você não deve participar se não quiser. Você que decidirá se participará ou não.

Seus responsáveis também precisarão autorizar! Iremos conversar com ele/a e explicar, vocês dois terão que concordar.

Antes de decidir, é importante que você entenda porque esta pesquisa está sendo realizada e como será desenvolvida.

Mesmo se você aceitar agora, você pode mudar de ideia a qualquer momento e dizer que não quer mais fazer parte. Em todos esses casos está tudo bem, você não será prejudicado de nenhuma forma. Para participar você nem seus pais não precisam pagar nada.

✓ **Por que a pesquisa está sendo realizada?** Ela está sendo feita para Analisar a percepção dos sujeitos do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE acerca do seu ambiente de vivência escolar e de moradia. 1) identificar as características socioambientais do ambiente escolar e de vivência dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE; 2) apreender o significado que os sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa atribuem ao cotidiano, ambiente escolar e de moradia por meio da percepção; 3) refletir sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa à luz dos conceitos de ambiente, toposfilia e toposfobia; 4) Desenvolver uma cartilha acerca da percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II sobre o ambiente escolar e de moradia como recurso pedagógico para ser trabalhado de forma transversal nas disciplinas que os docentes julgarem a temática pertinente, **isso porque** por meio da análise da percepção ambiental, o presente

Página 1/4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

PROFCIAMB

estudo pode contribuir com o trabalho docente do ensino fundamental e estimular junto aos estudantes a valorização, o respeito e o reconhecimento da importância de uma relação de reciprocidade, respeito a diferentes formas de conceber o mundo e poder contribuir com o ambiente amparado na mutualidade entre os sujeitos tanto na escola, como nas suas comunidades.

Quem pode participar? Os alunos do 8º ano C do turno da tarde do Ensino Fundamental II, do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, da cidade de Aracaju, Sergipe.

O que vai acontecer durante a pesquisa?

✓ **Se você quiser participar,** nós iremos realizar uma breve entrevista para identificar idade, nome, turma, turno de ensino, o bairro onde residem e compreender o que mais gostam e não gostam em seu bairro de moradia e na escola. Para os mapas mentais será solicitado ao aluno que faça desenhos do seu bairro e da sua escola. As observações serão realizadas ao longo dos dias em que a pesquisadora estiver aplicando os procedimentos da pesquisa para colher dados de como o aluno se sente sobre a escola e ao falar sobre o seu bairro. As fotografias serão apenas dos espaços da escola, dos mapas mentais e dos bairros, não haverá fotografias do aluno. O diário de campo será utilizado pela pesquisadora para anotar as informações através das observações da mesma e respostas/gestos dos alunos. Serão necessários 12 dias para realização de todos os procedimentos.

✓ **Quais são os riscos ao participar?** É importante que você saiba que os riscos referentes à participação dos estudantes serão mínimos por não se tratar de processo invasivo e ser norteado pelo interesse prévio do indivíduo em participar do estudo. Sobre tudo pode causar desconforto ou constrangimento em expor seus sentimentos sobre a escola ou seu bairro. Dessa forma, os participantes terão todo suporte necessário, oferecido pela equipe do projeto, para minimizar os riscos decorrentes do presente estudo.

Em caso de danos físicos, psicológicos ou financeiros decorrentes da pesquisa, o participante será indenizado pelo mesmo, nos termos da Lei (Resolução CNS nº 466/2012, item II.21) e o ressarcimento das despesas diretamente decorrentes de sua participação na pesquisa. Ressalta-se que o participante em qualquer momento está livre para deixar de participar da pesquisa, sem nenhum constrangimento.

Mas não se preocupe! Vamos tomar bastante cuidado. Se você se sentir confortável ou constrangido paramos com as perguntas, caso precise de um tempo maior para reformular sua resposta ou desenvolver os desenhos dos mapas mentais será possível. A entrevista e a confecção dos mapas mentais serão feitas em um local reservado caso você prefira, caso não, será com a turma na sala de aula.

✓ **E se algo der errado?:** Caso aconteça algo de errado, você receberá todo cuidado sem custo. De acordo com a Resolução CNS nº 466/2012 (itens II.6, IV.3, V.6, V.7) lhe será garantido o direito à assistência

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

PROFCIAMB

médica imediata, integral e gratuita, às custas do pesquisador responsável, com possibilidade de indenização caso o dano for decorrente da pesquisa (através de vias judiciais Código Civil, Lei 10.406/2002, Artigos 927 a 954).

Participar desta pesquisa pode ser bom, pois os sujeitos protagonistas e o público em geral podem compreenderem melhor o significado de ambiente ampliando o seu conhecimento acerca das ciências ambientais levando em consideração o avanço nos conhecimentos que o estudo oportuniza de forma sensível, reflexiva e um olhar atento.

IMPORTANTE

✓ Ninguém vai saber sobre as suas informações e seu nome jamais será divulgado. Somente o pesquisador e/ou equipe de pesquisa saberão da sua identidade e nós prometemos manter tudo em segredo da seguinte forma: Sujeito 1, Mulher (S1M); Sujeito 2, Homem (S2H) e assim sucessivamente.

✓ Acesso a resultados parciais ou finais da pesquisa: Quando terminar a gente pode te contar o que descobrimos, os resultados da pesquisa. : Será entregue no colégio a cartilha impressa para todos apreciarem seus trabalhos e terem acesso aos resultados. Mas, caso solicite, você terá direito a ter acesso aos resultados da pesquisa por meio do relatório de tese e possíveis publicações científicas, via impressa ou digital.

E aí, quer participar? Faça um x na sua opção.

Sim ()

Não ()

Se você marcou sim, por favor assine aqui:

Declaração do participante

Eu, _____, aceito a participar da pesquisa. Entendi as informações importantes da pesquisa, sei que posso desistir de participar a qualquer momento e que isto não irá causar nenhum outro problema. Autorizo a divulgação dos dados obtidos neste estudo mantendo em sigilo a minha identidade. Os pesquisadores conversaram comigo e tiraram minhas dúvidas.

Assinatura: _____ data: _____

Acesso à informação

Página 3/4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica do(a) Participante da Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E
PESQUISA PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS
CIÊNCIAS AMBIENTAIS (PROFCIAMB)

PROFCIAMB

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador responsável Josenilde Santos Feitosa, nos telefones (79) 3214-2136, celular (79) 98808-6974, endereço institucional Universidade Federal de Sergipe, Departamento de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PROFCIAMB) situado na Av. Marcelo Deda Chagas, s/n. Bairro Rosa Elze, São Cristóvão/SE CEP 49107-230 e e-mail jocyfeitosa@academico.ufs.br. Este estudo foi analisado por um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) que é um órgão que protege o bem-estar dos participantes de pesquisas. Caso você tenha dúvidas e/ou perguntas sobre seus direitos como participante deste estudo ou se estiver insatisfeito com a maneira como o estudo está sendo realizado, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Cláudio Batista, S/N Bairro: Sanatório – Aracaju CEP: 49.060-110 – SE. Contato por e-mail: cep@academico.ufs.br. Telefone: (79) 3194-7208 e horários para contato – Segunda a Sexta-feira das 07:00 as 12:00h

Declaração do pesquisador

Declaro que obtive de forma apropriada e voluntária o assentimento deste participante para a participação neste estudo. Declaro ainda que me comprometo a cumprir todos os termos aqui descritos.

Nome do Pesquisador: Josenilde Santos Feitosa
Assinatura: [assinatura]
Local/data: Aracaju-SE,

Nome do auxiliar de pesquisa/testemunha (Se houver): _____
Assinatura: _____
Local/data: _____



Assinatura Datiloscópica (se não alfabetizado)

Presenciei a solicitação de consentimento, esclarecimentos sobre a pesquisa e aceite do participante.
Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores): _____

Nome: _____;
Assinatura: _____

Página 4/4

Rubrica do Pesquisador Principal	Rubrica de(a) Participante de Pesquisa

Apêndice 3 - Termo de Compromisso para utilização de dados (TCUD)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS
(PROFCIAMB)



TERMO DE COMPROMISSO PARA UTILIZAÇÃO DE DADOS (TCUD)

Os pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado “ **Sujeito Como Protagonista Do Seu Cotidiano: O Tecer Perceptivo Sobre O Ambiente Dos Alunos Do Ensino Fundamental**” comprometem-se a preservar a privacidade dos dados **fotografados, verbais e escritos**, concordam e assumem a responsabilidade de que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução do presente projeto, bem como se responsabiliza pela ação e função dos demais membros do grupo de pesquisa listados abaixo. Comprometem-se, ainda, a fazer a divulgação das informações coletadas somente de forma anônima e que a coleta de dados da pesquisa somente será iniciada após aprovação do sistema CEP/CONEP.

Salientamos, outrossim, estarmos cientes dos preceitos éticos da pesquisa, pautados na Resolução 466/12, 510/2016 e das suas correlatas do Conselho Nacional de Saúde.

São Cristóvão, 12 de junho de 2023

IDENTIFICAÇÃO DOS MEMBROS DO GRUPO DE PESQUISA

Josenilde Santos Feitosa – pesquisadora principal

Josenilde Santos Feitosa

Josenilde Santos Feitosa
Pesquisadora responsável

Apêndice 4 – Termo de Compromisso e confidencialidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM REDE
NACIONAL PARA ENSINO DAS CIÊNCIAS AMBIENTAIS
(PROFCIAMB)



TERMO DE COMPROMISSO E CONFIDENCIALIDADE

Título do projeto: **O Sujeito Como Protagonista Do Seu Cotidiano: O Tecer Perceptivo Sobre O Ambiente Dos Alunos Do Ensino Fundamental.**

Pesquisador colaborador: **Josenilde Santos Feitosa.**

Instituição/Departamento de origem do pesquisador: **Universidade Federal de Sergipe/ Programa de pós-graduação em rede nacional para ensino das ciências ambientais.**

Telefone para contato: **(79) 9 8808-6974**

E-mail: **josyfeitosa@yahoo.com.br**

O pesquisador do projeto acima identificado assume o compromisso de:

- * Cumprir os termos da resolução nº 466/12, de 12 de dezembro de 2012 e da resolução nº 510/16, de 07 de abril de 2016 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde e demais resoluções complementares à mesma (240/1997, 251/1997, 292/1999, 304/2000, 340/2004, 346/2005 e 347/2005).
- * Garantir que a pesquisa só será iniciada após a avaliação e aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa Envolvendo Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe
- * Zelar pela privacidade e pelo sigilo das informações, que serão obtidas e utilizadas para o desenvolvimento da pesquisa;
- * Garantir que os materiais e as informações obtidas no desenvolvimento deste trabalho serão utilizados apenas para se atingir o(s) objetivo(s) previsto(s) nesta pesquisa e não serão utilizados para outras pesquisas sem o devido consentimento dos participantes;
- * Garantir que os benefícios resultantes do projeto retornem aos participantes da pesquisa, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa;
- * Garantir que os resultados da pesquisa serão tornados públicos através de apresentação em encontros científicos ou publicação em periódicos científicos, quer sejam favoráveis ou não, respeitando-se sempre a privacidade e os direitos individuais dos participantes da pesquisa;
- * Garantir que o CEP-UFS será comunicado da suspensão ou do encerramento da pesquisa por meio de relatório apresentado anualmente, ou na ocasião da suspensão ou do encerramento da pesquisa com a devida justificativa;
- * Garantir que o CEP-UFS será imediatamente comunicado se ocorrerem efeitos adversos, resultantes desta pesquisa, com o voluntário;
- * Assegurar que os resultados da pesquisa serão anexados na Plataforma Brasil, sob a forma de Relatório Parcial e Relatório Final da pesquisa.

São Cristóvão, 12 de julho de 2023

Josenilde Santos Feitosa

Josenilde Santos Feitosa
Pesquisadora responsável

Apêndice 5 – Termo de autorização e existência de infraestrutura



COLÉGIO ESTADUAL JORNALISTA PAULO COSTA

TERMO DE AUTORIZAÇÃO E EXISTÊNCIA DE INFRAESTRUTURA

Eu, Deise Santos do Nascimento, diretora do ¹Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa do Município de Aracaju, Estado de Sergipe, autorizo a realização do projeto intitulado como **O Sujeito Como Protagonista Do Seu Cotidiano: O Tecer Perceptivo Sobre O Ambiente Dos Alunos Do Ensino Fundamental**, coordenado pela professora pesquisadora Mestranda Josenilde Santos Feitosa sob a orientação da professora Dr^a. Roseane Cristina Santos Gomes, junto aos alunos do 8º ano e que terá por objetivos analisar a percepção dos sujeitos do Ensino Fundamental II do colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE acerca do seu ambiente de vivência escolar e de moradia; identificar as características socioambientais do ambiente escolar e de vivência dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do colégio Estadual Jornalista Paulo Costa/ Aracaju-SE; apreender o significado que os sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do colégio Estadual Jornalista Paulo Costa atribuem ao cotidiano, ambiente escolar e de moradia por meio da percepção; refletir sobre a percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa à luz dos conceitos de ambiente, topofilia e topofobia; desenvolver uma cartilha acerca da percepção dos sujeitos do oitavo ano do Ensino Fundamental II sobre o ambiente escolar e de moradia como recurso pedagógico para ser trabalhado de forma transversal nas disciplinas que os docentes julgarem a temática pertinente. Irá investigar **como as relações que os sujeitos tecem com seu ambiente de vivência podem desvelar-se em uma relação topofílica, topofóbica, ou uma outra maneira de ler e perceber o cotidiano**, junto aos estudantes do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, utilizando a metodologia Kozel, para fazer a leitura dos mapas mentais. Os procedimentos para coleta de dados serão: observação, entrevista, diário de campo, fotografias do ambiente escolar e de vivência e mapas mentais. Todos os procedimentos contribuirão para produção da cartilha.

A realização da pesquisa só será iniciada após a aprovação desta pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe (CEP/UFS).

Estou ciente de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos participantes da pesquisa, dispondo de infraestrutura necessária para desenvolvê-la em conformidade às diretrizes e normas éticas. Ademais, ratifico que não haverá quaisquer implicações negativas aos alunos que não desejarem ou desistirem de participar do projeto.

A aceitação está condicionada ao cumprimento das pesquisadoras aos requisitos da Resolução 466/2012 do CNS e suas complementares, comprometendo-se a utilizar os dados e materiais coletados, exclusivamente para os fins da pesquisa com o devido retorno dos resultados a essa instituição escolar.

Declaro, outrossim, na condição de representante desta Instituição, conhecer e cumprir as orientações e determinações fixadas nas Resoluções nºs 466, de 12 de dezembro de 2012, e 510, de 07 de abril de 2016 e Norma Operacional nº 001/2013, pelo CNS.

Aracaju-SE, 06 de setembro de 2023.

Deise Santos do Nascimento

Deise Santos do Nascimento

Proj^o Deise Santos do Nascimento
Diretora
Port nº 0135/2023
CEJPC/SEJUC

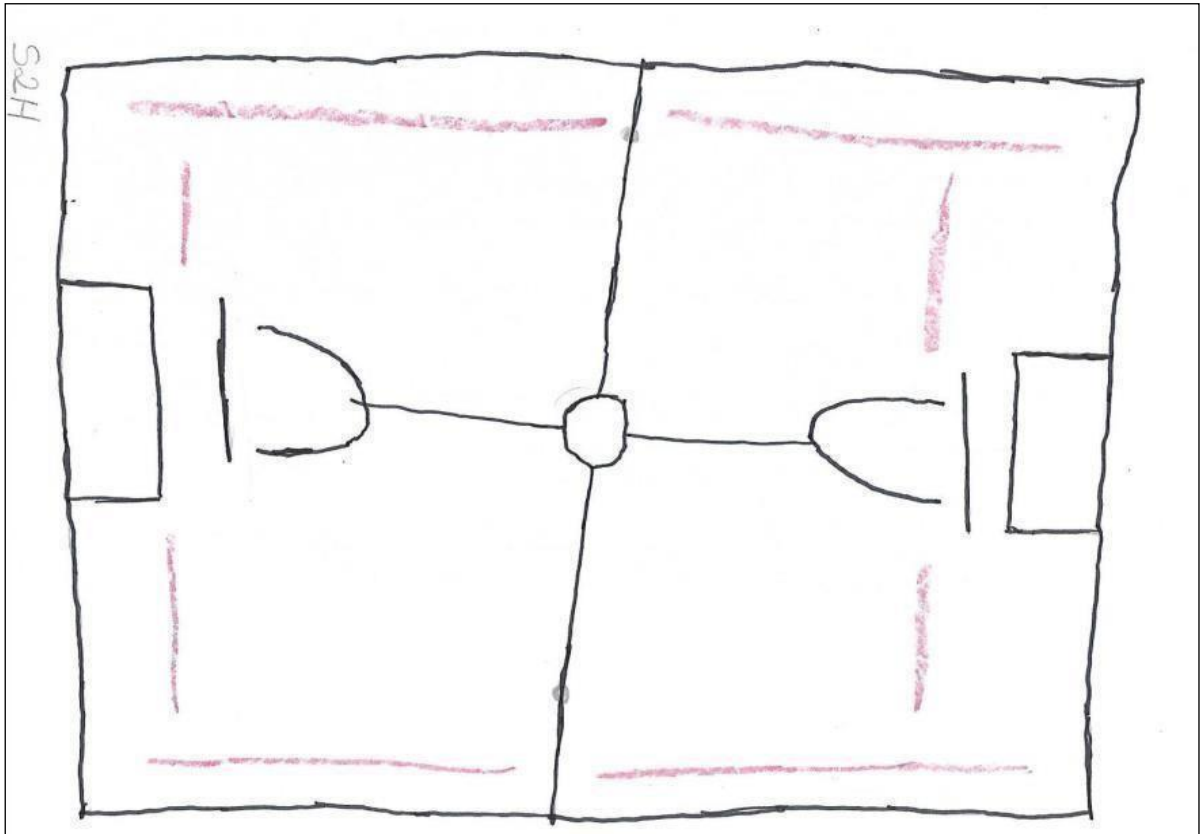
¹Fica localizado na Avenida Centenário, S/N Bugio. Aracaju /SE. Telefone: 3252-2338. E-mail: cejpc.seed@seduc.se.gov.br

ANEXOS

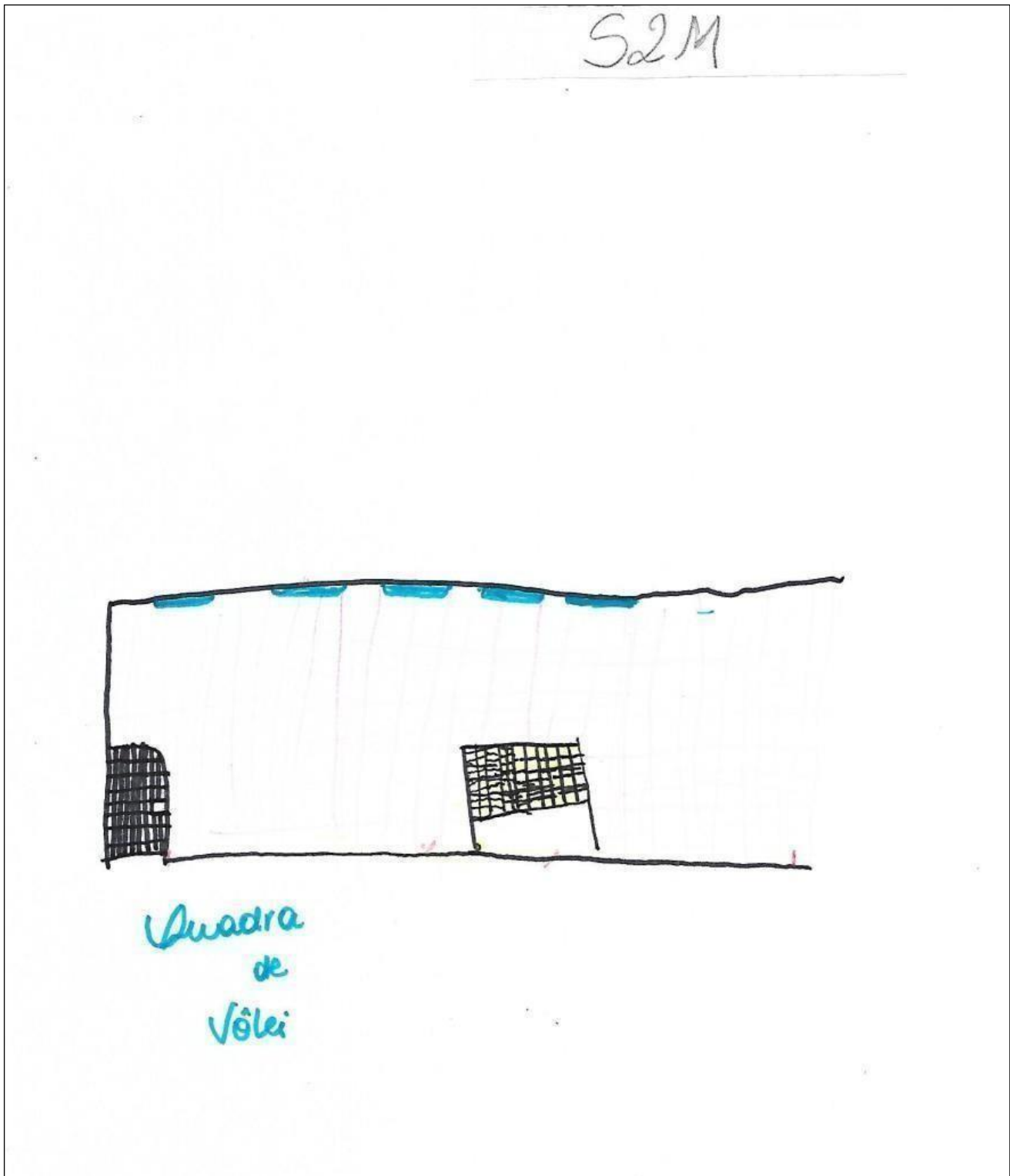
Anexo 1



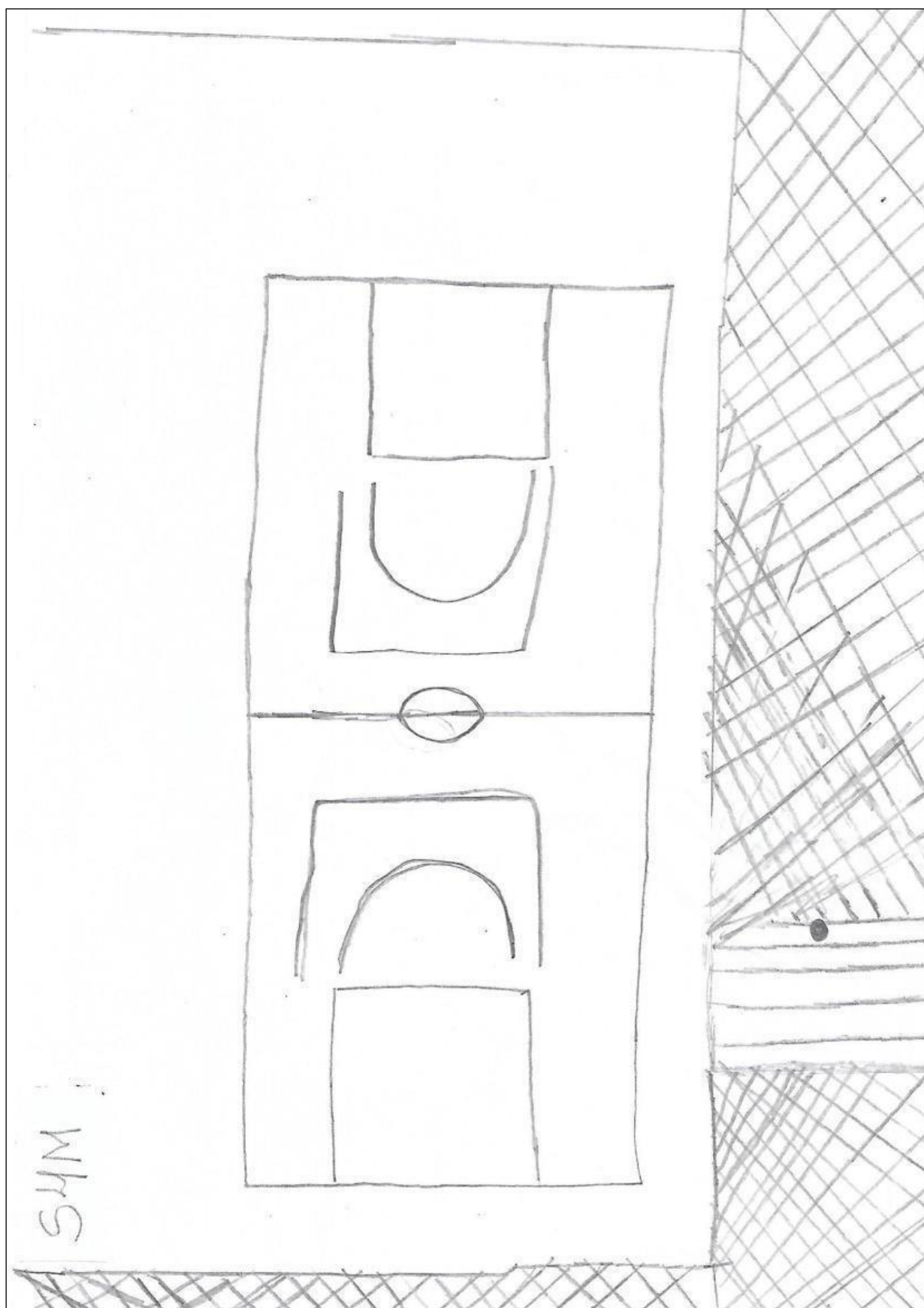
Anexo 2



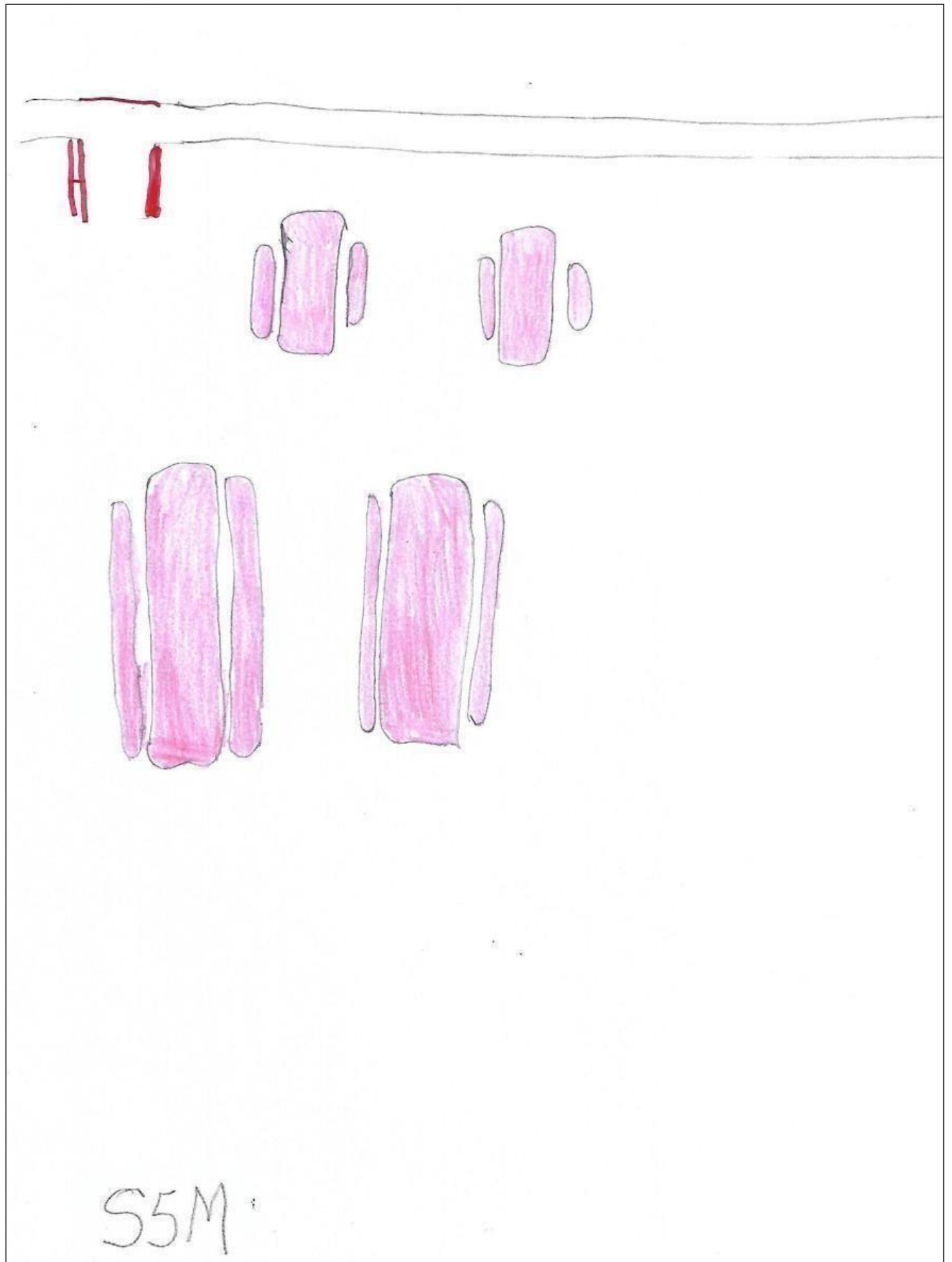
Anexo 3



Anexo 4



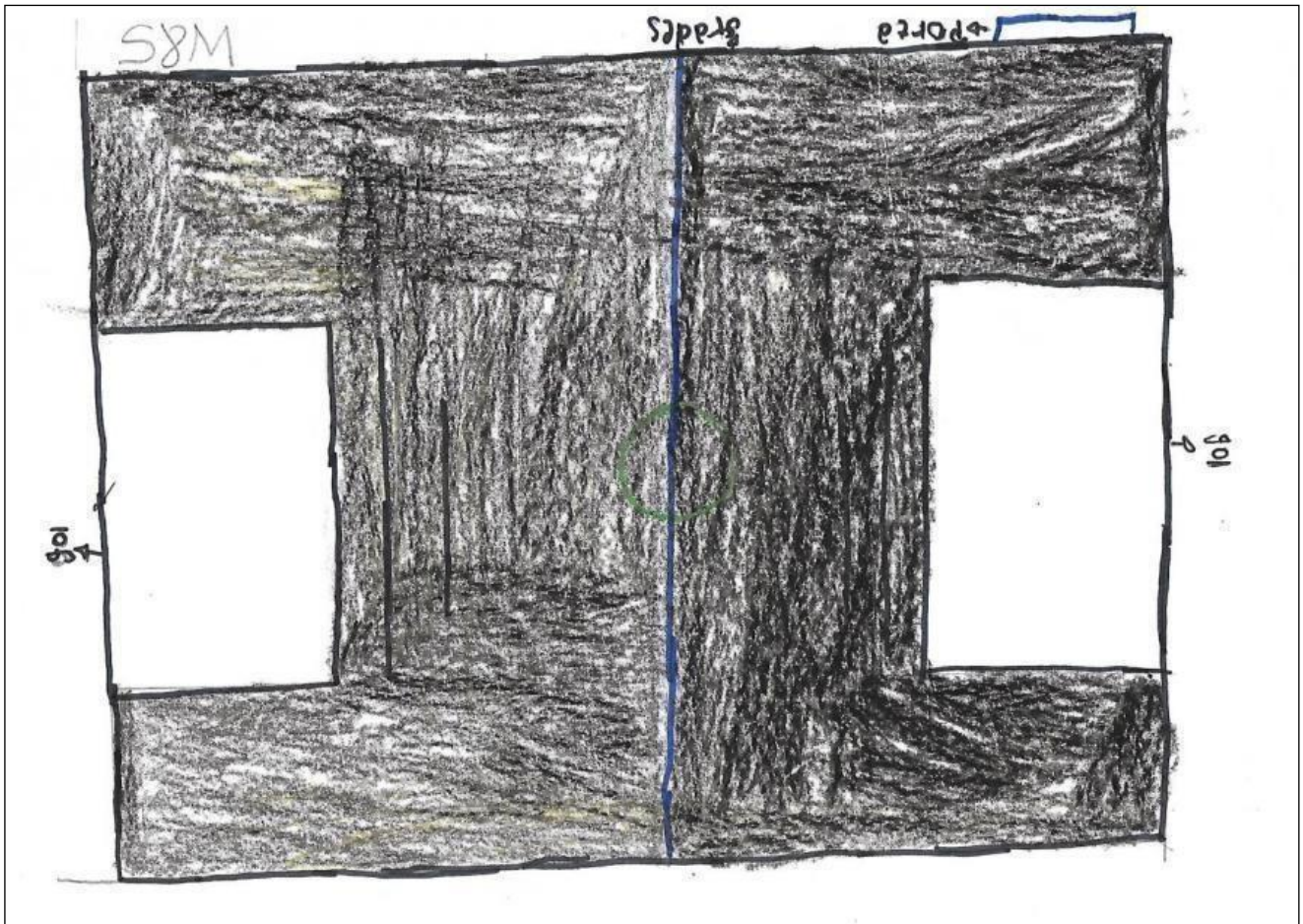
Anexo 5



Anexo 6



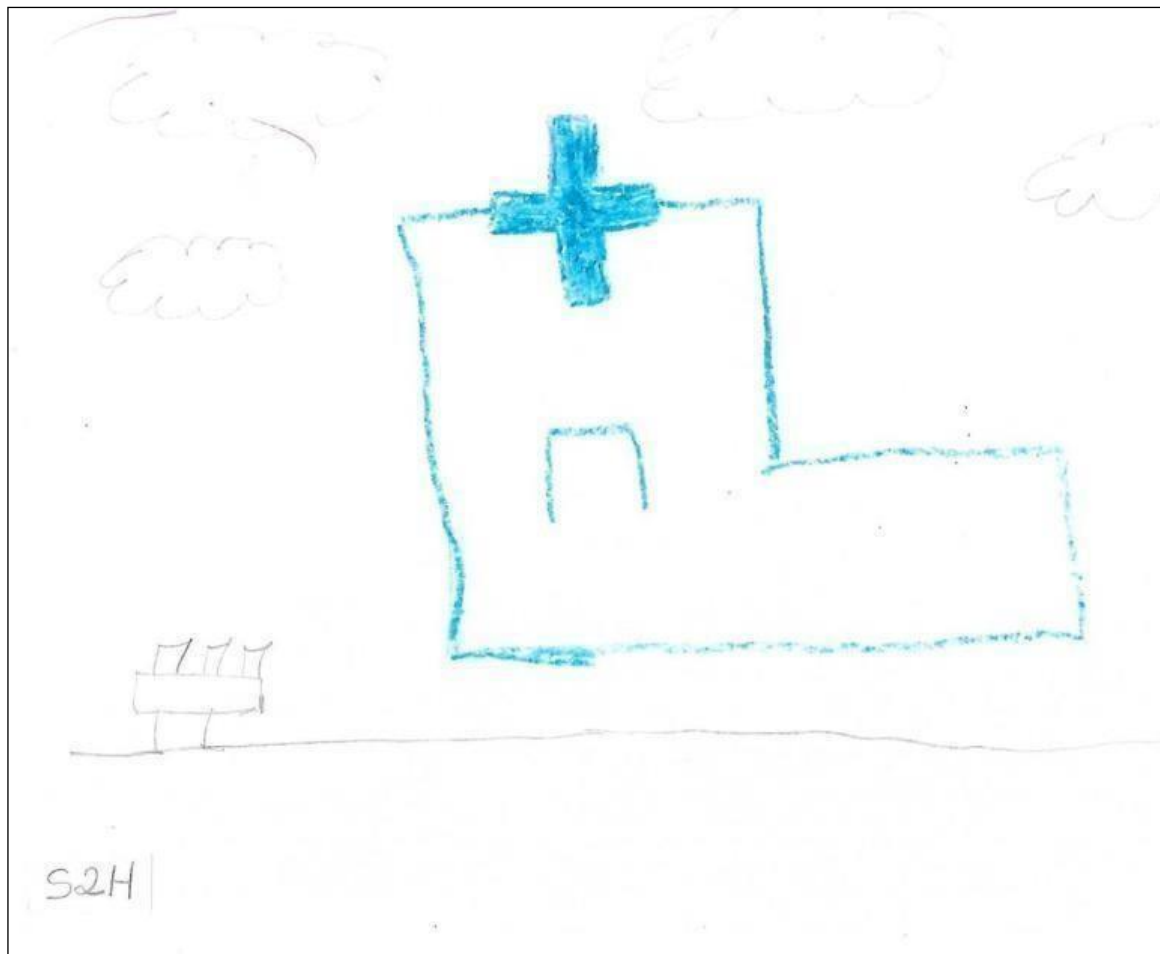
Anexo 7



Anexo 8

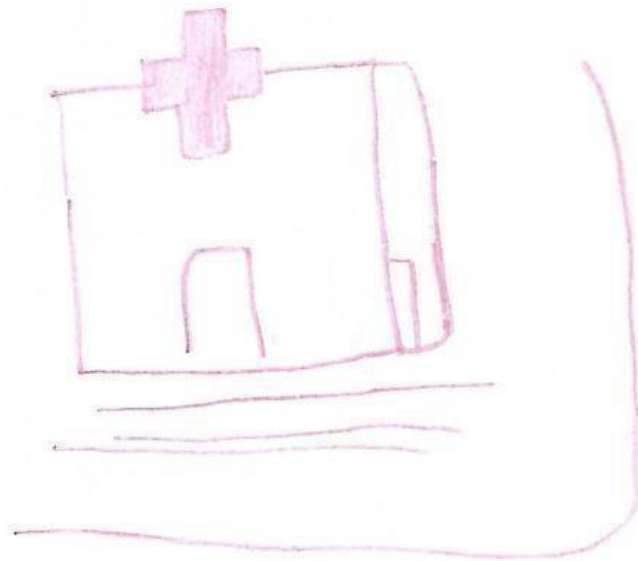


Anexo 9

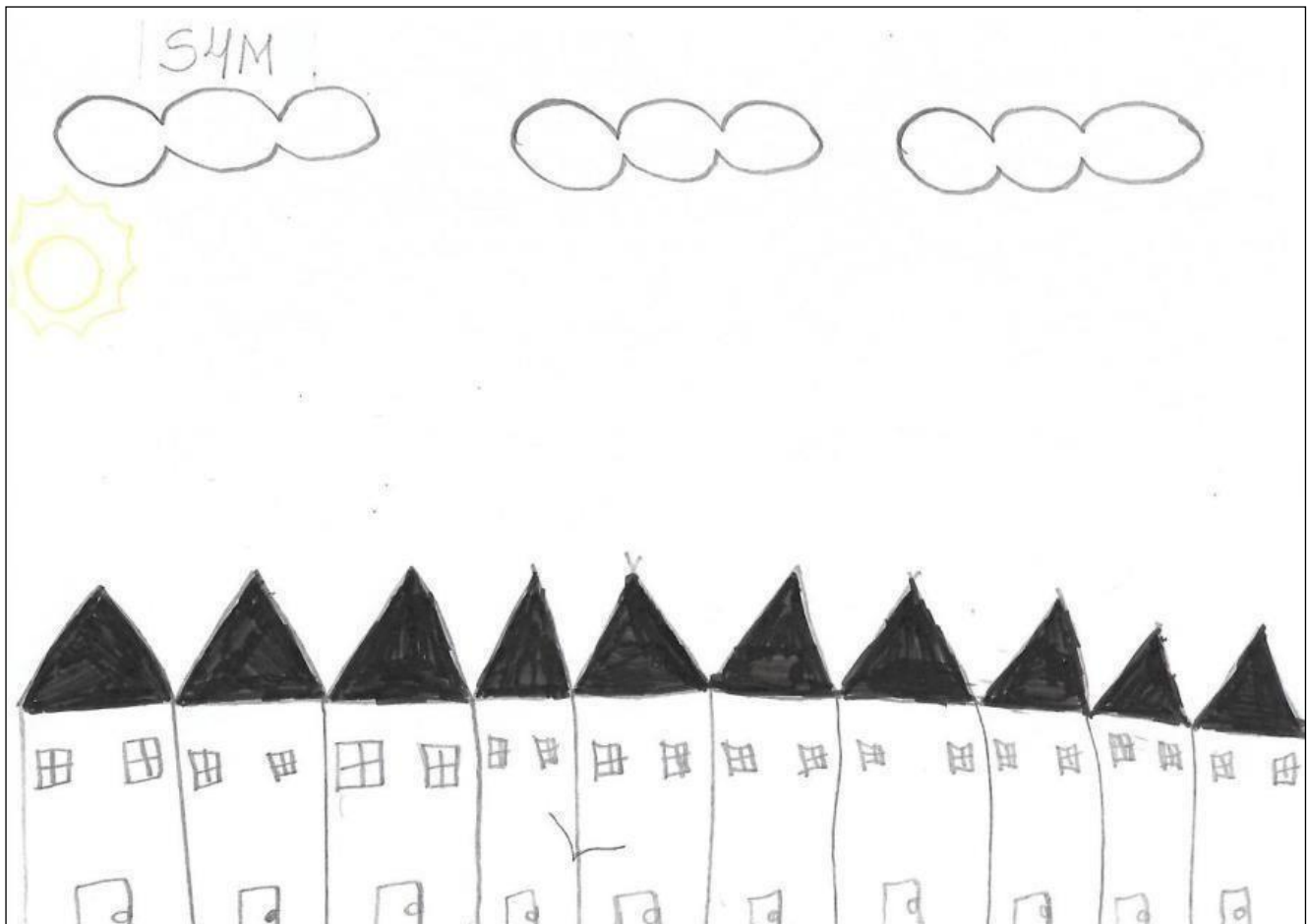


Anexo 10

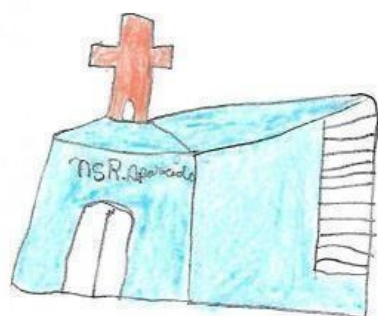
S2M

ParoquiaNossa Senhora
da Aparecida.

Anexo 11



Anexo 12

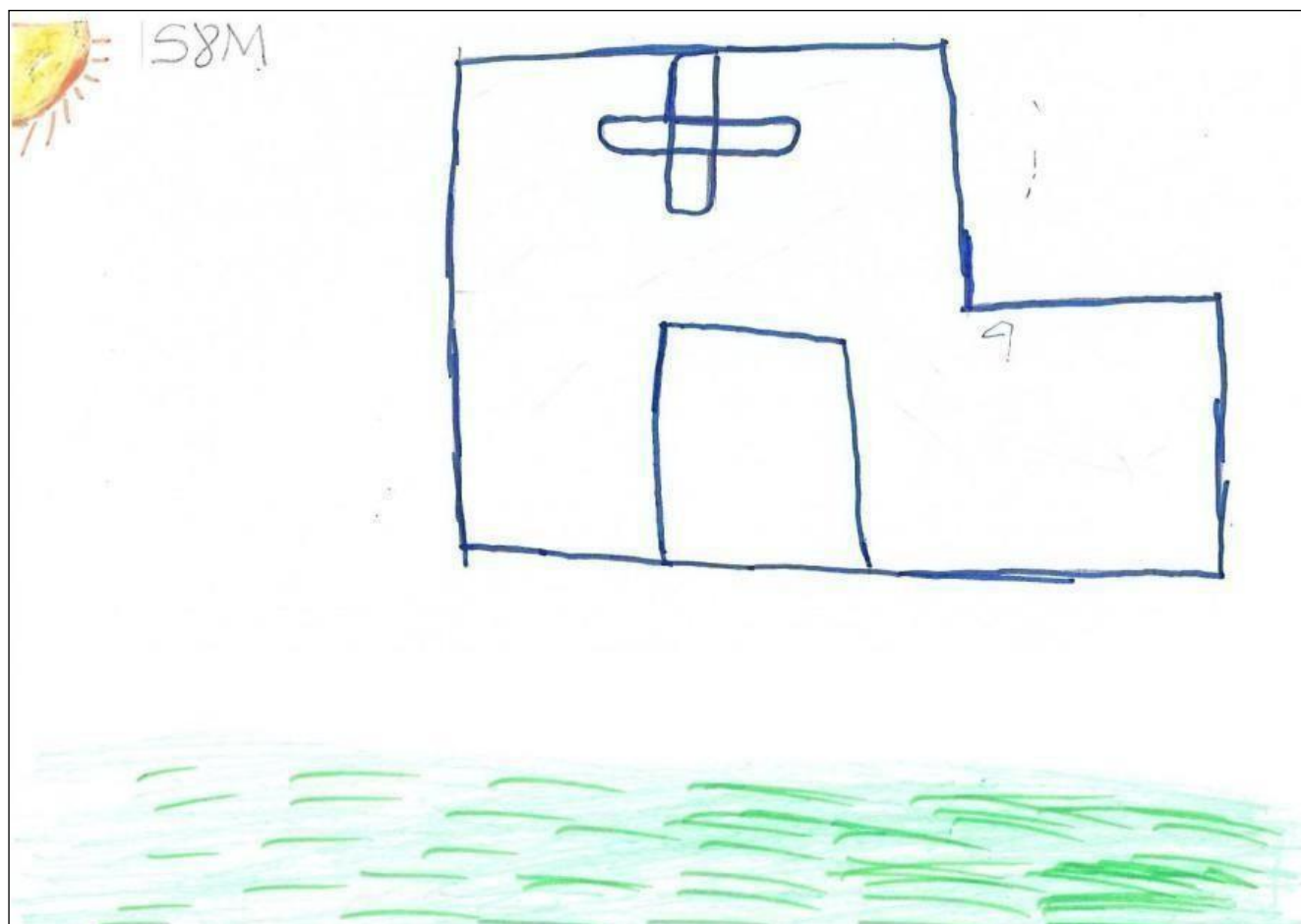


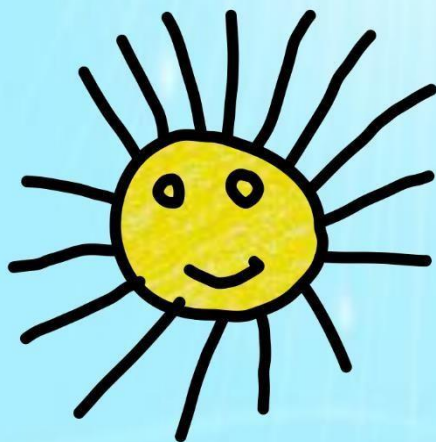
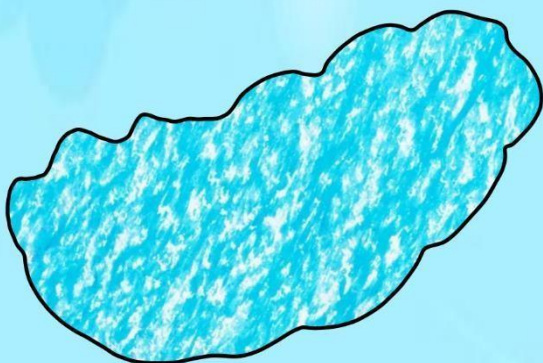
GFM

Anexo 13



Anexo

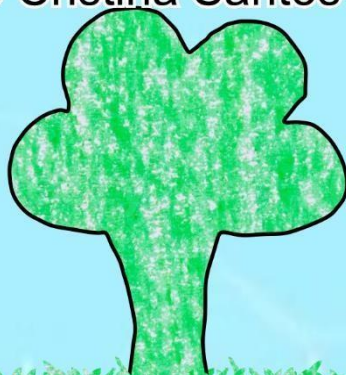




O sujeito como protagonista do seu cotidiano

Josenilde Santos Feitosa

Roseane Cristina Santos Gomes



Josenilde Santos Feitosa
Dr^a. Roseane Cristina Santos Gomes

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta cartilha poderá ser reproduzida ou transmitida em nenhuma forma e por nenhum meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou qualquer sistema de armazenamento de informação, sem que seja citada a fonte.

PESQUISA E PRODUÇÃO DE TEXTO
Josenilde Santos Feitosa

ORIENTAÇÃO ECO-AUTORIA
Prof^a. Dr^a. Roseane Cristina Santos Gomes

SUMÁRIO

Agradecimentos	01
Apresentação.....	02
Tecendo conceitos para se pensar a relação sujeito ambiente	03
O ambiente escolar	05
Meu ambiente de morada	08
Bairro Olaria	09
Bairro São Carlos.....	11
Conjunto Assis Chateaubriand (Bugio)	13
Ambiente Escolar e de morada: tecendo diálogos relacionais.....	15
Considerações Finais.....	16
Referências.....	17

AGRADECIMENTOS



Ao realizar uma pesquisa científica, uma gama de fatores surge, sobretudo, os desafios para se concretizar. Em um estudo sobre percepção ambiental, as pessoas são fundamentais, sem elas não seria possível captar a essência do mundo vivido. Todas as pessoas que estão em minha vida foram importantes nessa jornada, seja com um colo, um ombro amigo, uma palavra de conforto ou um direcionamento. Vocês sempre estiveram segurando minha mão. Palavras nunca serão o suficiente para agradecer tamanho gesto de carinho e amor que temos um pelo outro. Durante esses dois anos de mestrado, conheci muitas pessoas e, assim como as demais, tiveram sua significância para chegar até a etapa final. Sem alguns de vocês, certamente o resultado seria outro. A todos vocês, muito obrigada! Agradeço também a toda a equipe do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, em especial ao coordenador Orlando e aos sujeitos protagonistas da pesquisa. Sem o empenho e a dedicação de vocês, certamente o percurso seria mais difícil. A Deus, minha eterna gratidão!

APRESENTAÇÃO



A percepção se constitui em uma dimensão vivida dos sujeitos, na qual se tecem e são tecidos os significados atribuídos às suas experiências com o mundo, com as pessoas, com seu ambiente rotineiro. Esta cartilha revela a sensibilidade perceptiva dos alunos e dos alunos do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa acerca dos ambientes de moradia e escolar. Ambientes que refletem os sentidos e significados que os sujeitos dão aos seus cotidianos que são permeados por sentimentos topofílicos e topofóbicos.

A cartilha se revela como um produto didático que pode auxiliar profissionais que entendam desenvolver temáticas ligadas à educação ambiental, meio ambiente, cotidiano, percepção entre outras temáticas nas quais os sujeitos estejam como protagonistas da sua história e participe da relação sociedade-natureza. Assim sendo, a cartilha está estruturada em quatro seções: A primeira, denominada “Tecendo conceitos para se pensar a relação sujeito- ambiente” refere-se aos conceitos concebidos: percepção, ambiente, topofobia, topofilia, entre outros. Na segunda “O ambiente escolar” a ênfase está nos mapas mentais desenvolvidos pelos alunos acerca dos sentidos e significados de seus ambientes escolar e de moradia. “O ambiente de moradia”, o foco está nos significados que os alunos atribuem ao seu ambiente de moradia. Na última sessão, “Ambiente escolar e de moradia: tecendo diálogos relacionais” o foco está na relevância da relação ambiente escolar e ambiente de moradia.

TECENDO CONCEITOS PARA SE PENSAR A RELAÇÃO SUJEITO AMBIENTE



➤ **Ambiente:** Tuan (1980) define como algo que possui significado, vivências e experiências para esse ambiente deixando evidente os sentimentos.

➤ **Topofobia:** é o sentimento derepulsão que o sujeito desenvolve ao vivenciar experiências no ambiente que provocam medo.

➤ **Topofilia:** é o sentimento de afeição, ou seja, todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material.

➤ **Percepção:** processo mental de interação das pessoas com ambiente por meio da representação Kozel (2018).

➤ **Sujeito:** o sujeito é formado pelo histórico-cultural, dotado de subjetividade e objetividade, formado de razão, emoção, experiências e vivências, é protagonista do seu cotidiano.

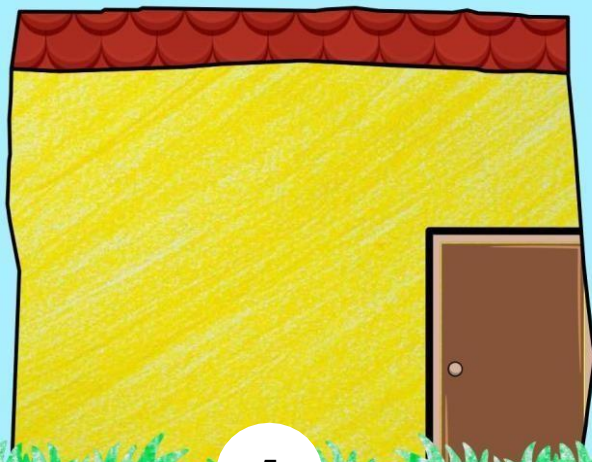
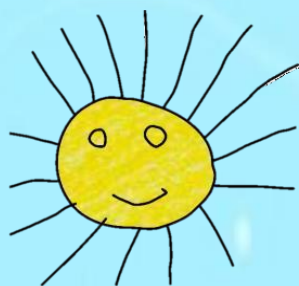
➤ **Signo:** construção social que revela-se na relação que as pessoas se relacionam com o ambiente devivencia (Kozel, 2018).

➤ **Significado:** descreve a relevância que o sujeito atribui a algo, dando sentido, explanação, consideração ou essência que se estende a vários campos e contextos da vida.

➤ **Representação:** é o processo pelo qual são produzidas formas concretas ou idealizadas, dotadas de particularidades que podem também se referir a um outro objeto, fenômeno relevante ou realidade.

➤ **Protagonismo:** é quando o sujeito tem o papel principal na sua própria história, na sua vida.

➤ **Mapa mental:** é uma representação do mundo cultural que o sujeito percebe, abrangendo não apenas objetos e detalhes físicos, mas também valores, experiências e atitudes (Kozel, 2009).



O AMBIENTE ESCOLAR

O ambiente escolar é concebido como um dos espaços da vida social e como tal, é tecido por valores, imaginários, sentimentos diversos, símbolos, ações, entre outras dimensões que dão sentido as representações que os sujeitos desenvolvem no decorrer da vida.

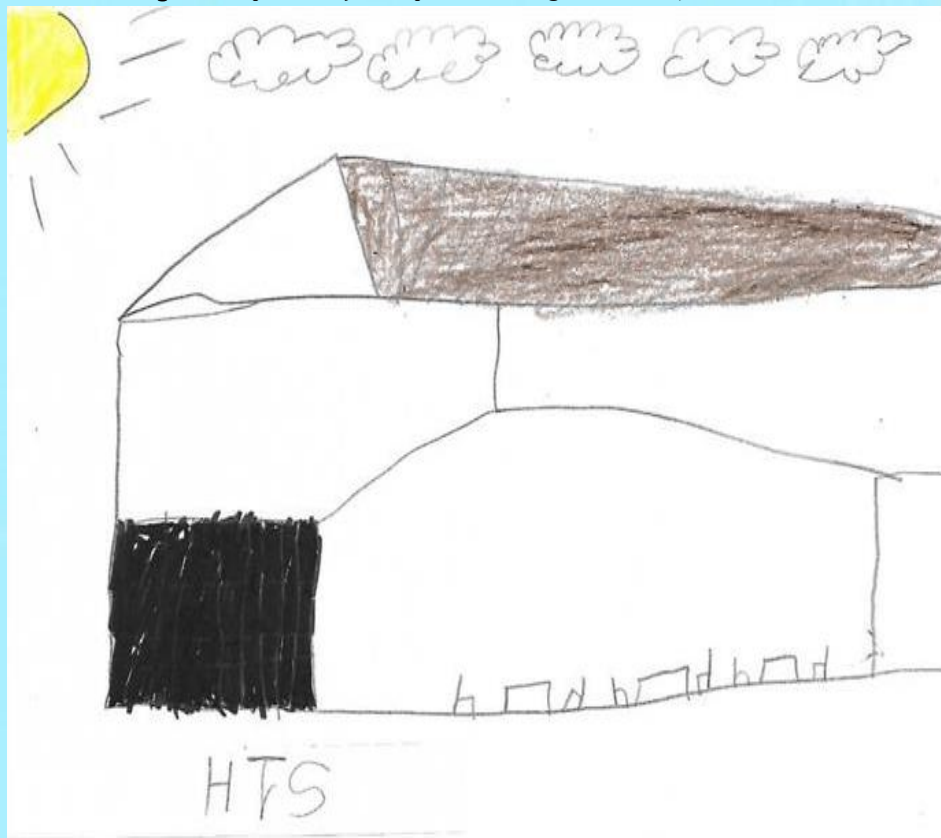
O mapa mental é uma das maneiras de entender como o sujeito compreende o seu mundo pela forma que descreve, ou seja, representa-o. Neste sentido, os mapas mentais são uma forma de representação que reflete a visão de mundo dos sujeitos no contexto das relações que se estabeleceu entre eles e o mundo, entre eles e o seu grupo social.

Metodologia Kozel: Consiste na maneira sistemática de interpretar os mapas mentais.



O mapa mental revela as relações topofílicas que o aluno tem como o pátio da escola, pois é o lugar das trocas de sentimento, de bem-estar, de amizades, o lugar dos encontros, das confidências adolescentes, é o lugar da convivência.

Imagem 1-Representação do pátio do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa

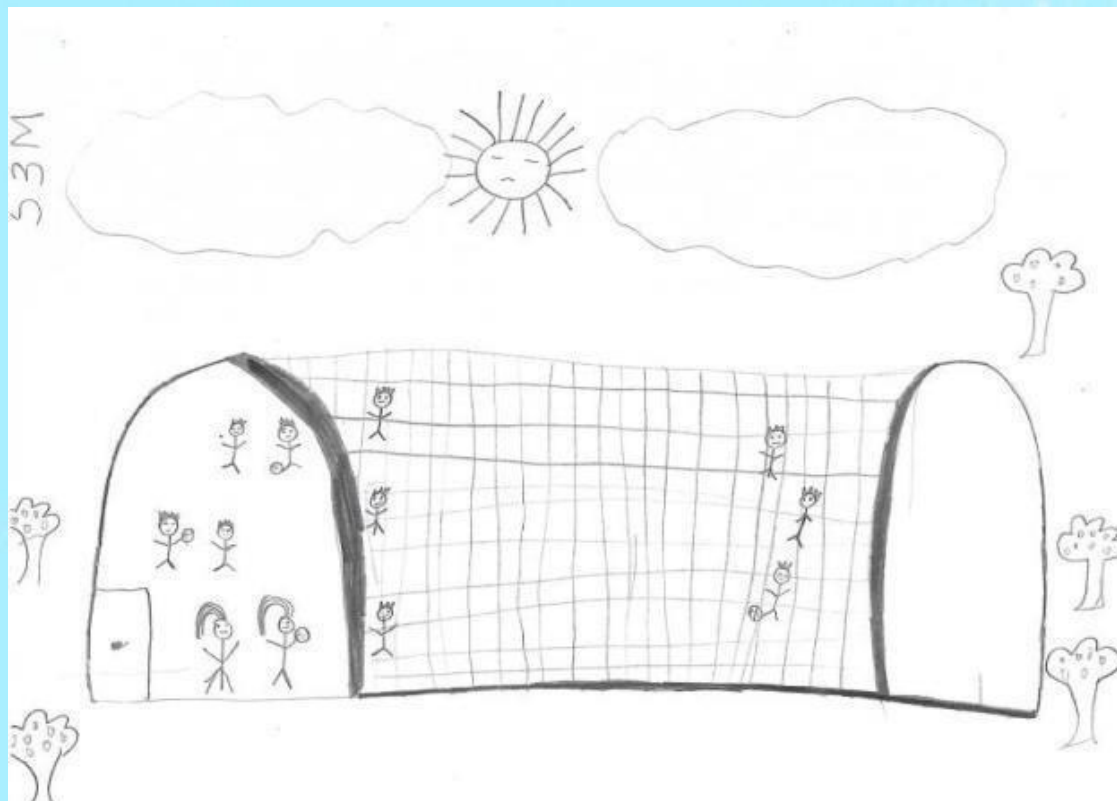


Mapa mental e relato desenvolvido pelo aluno do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, 15 anos.

“Gosto dos colegas do pátio porque é legal e encontro os amigos lá.”

A representação da quadra poliesportiva do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa é expressão do sentir-se bem, do sorrir, do divertir, do brincar, do interagir entre o eu e o outro. É o lugar em que se evidencia a interação sujeito-ambiente em um percurso topofílico.

Imagem 2 - Representação da quadra do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa



Mapa mental e relato: desenvolvido pela aluna do Colégio Estadual Jornalista Paulo Costa, 14 anos.

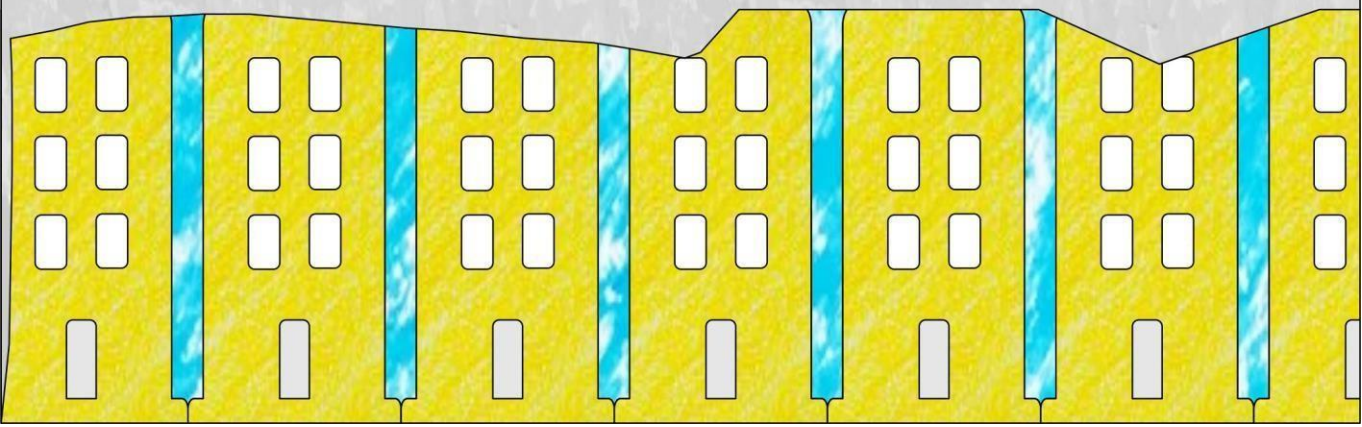
“Gosto da quadra porque é o único lugar divertido. Mas gosto de tudo, não tem nada
Que eu ache ruim.”



VIDA
NOVA
Sobrado



MEU AMBIENTE DE MORADA



BAIRRO OLARIA

Os bairros nos quais habitamos são reveladores das relações cotidianas e socio culturais que se espraiam para os demais ambientes de nosso convívio, a exemplo das ruas onde se localiza a nossa casa, as praças, os espaços esportivos, o comércio, a escola, enfim, tudo o que está contido na paisagem que conforma o nosso bairro. A depender da forma como essas relações se tecem podemos construir laços de afeto (topofilia) ou de repulsa (topofobia).

Imagem 3 - Representação de casa de morador do bairro Olaria



Mapa mental desenvolvido pela aluna Mulher de 15 anos.

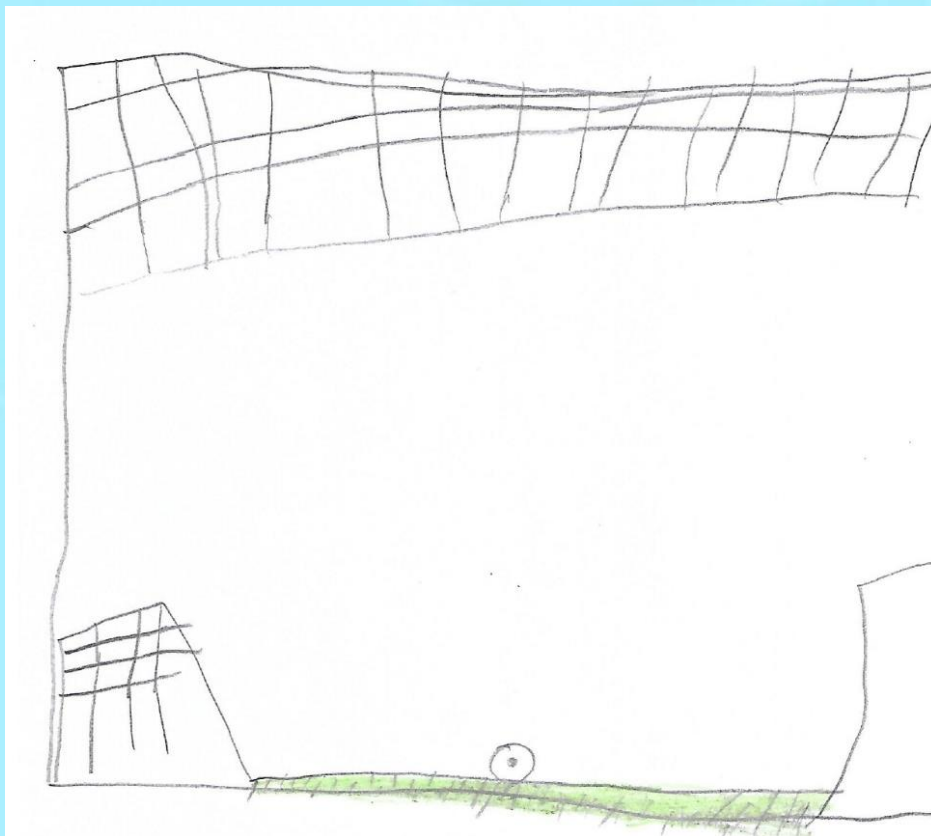
O bairro Olaria, localizado no município de Aracaju-SE, zona oeste, passou por outras denominações até chegar a este. Era conhecido inicialmente como Leprozário devido ao hospital e ao cemitério para leprosos que existiam no século XX. Em seguida, foi denominado Matadouro. Naquela época, havia um frigorífico e um abatedouro públicos na região. Posteriormente, foi designado como Olaria, devido à fábrica de tijolos e telhas. Atualmente, boa parte do bairro é conhecida por São Carlos devido a um loteamento com esta denominação, mas, oficialmente, a Prefeitura de Aracaju o reconhece como Olaria.

O Bairro Olaria contém lugares que expressam sentimentos felizes e proporcionam momentos vividos prazerosos ou não, depende de como cada pessoa concebe seu lugar de morada. Nossa casa é nosso lar, lugar em que o ser humano sente-se seguro e exprime significado. Ao relatar que não gosta do seu bairro, a aluna fez o mapa mental de sua casa, demonstrando ser o único ambiente que gosta de estar em seu bairro. A topofilia ambiental pode ser identificada em vários lugares ou apenas um. Não é pelo número de ambientes que se define a topofilia, e sim o sentimento e o significado que representa.

BAIRRO SÃO CARLOS

O Loteamento São Carlos, localizado na zona oeste do município de Aracaju, faz parte do bairro Olaria, no entanto, é reconhecido como bairro São Carlos pela população local. O loteamento foi planejado para atender especialmente as famílias de baixa renda. Ao longo das décadas, passou por várias melhorias para atender a comunidade.

Imagem 4 - Representação do campo de futebol do Bairro São Carlos



Mapa mental desenvolvido pelo aluno Homem de 14 anos.

“Gosto da praça porque tem campo de futebol”

Imagem 5 - Quadra poliesportiva do Bairro São Carlos



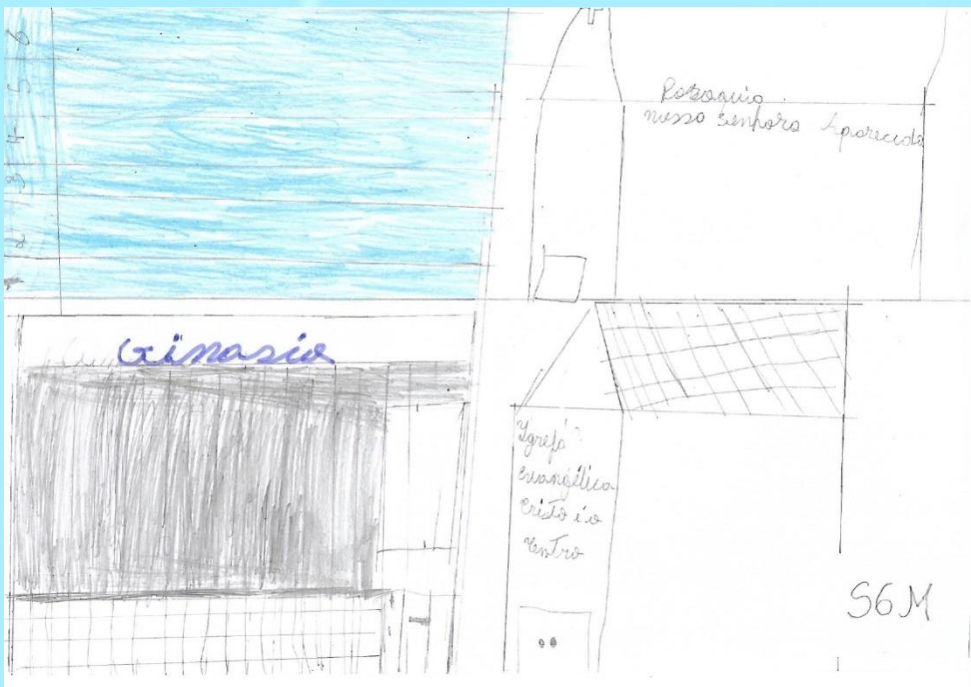
Fonte: Site da Prefeitura de Aracaju. Foto tirada por Wellington Barreto.

O Loteamento São Carlos possui lugares que expressou os sentimentos de afeto, alegria, pertencimento. São lugares que proporcionam momentos de partilha, de interação a partir do lazer, das conversas.

CONJUNTO ASSIS CHATEAUBRIAND (BUGIO)

O conjunto Assis Chateaubriand nasceu em meados da década de 70, visando atender à demanda habitacional da capital. Ficou conhecido como bairro Bugio devido à abundância de macacos dessa espécie que habitavam a região. Sua inauguração ocorreu em dois momentos, o primeiro no ano de 1979 e o segundo em 1980. Aos poucos, o bairro foi se transformando e melhorando a qualidade de vida da população.

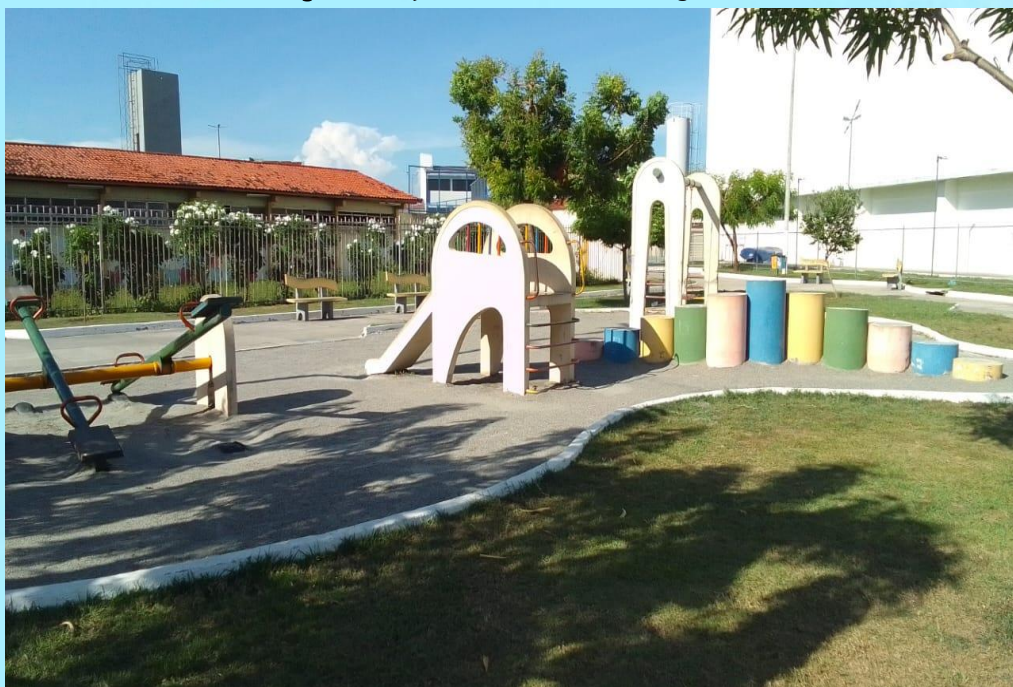
Imagem 6 - Representação de espaços de vivência do conjunto Bugio



Mapa mental desenvolvido pela aluna Mulher de 14 anos

“Gosto da praça em que brinco. Não conheço meu bairro todo, mas gosto do que conheço.”

Imagem 7- Praça localizada no Bairro Bugio



Fonte: Acervo da pesquisadora, 2023

O Bairro Bugio, localizado na zona norte no município de Aracaju, possui lugares que transmite muitas alegrias, porproporciona muita interação entre as pessoas. São lugares de encontros e diversão que abrange todas as faixas etárias.

AMBIENTE ESCOLAR E DE MORADA: TECENDO DIÁLOGOS RELACIONAIS

A conexão entre a instituição de ensino e o local de moradia dos estudantes é crucial para o progresso social, pois possibilita a compreensão de como eles percebem e desenvolvem suas conexões como ambiente a partir do que experimentam. Conceber o ambiente escolar e de moradia dos alunos de forma relacional permite ao professor uma compreensão mais ampla da realidade dos alunos.

Apercepção ambiental dos alunos da Educação Básica é reflexiva do seu cotidiano, envolve várias dimensões de suas vidas e revela muito sobre a relação com o ambiente. Assim, Tuan analisa o ambiente de forma afetiva, uma relação de intimidade e sentimento, onde o sujeito se identifica com aquele lugar, mesmo tendo pouco tempo de experiência, prevalecendo o que foi construído com a experiência.

O lugar, por sua vez, é constituído de afeto e pertencimento, é caracterizado como topofilia, ou seja, os laços afetivos que se criam entre as pessoas e o meio ambiente. E se o sentimento é de aversão aos lugares em que o sujeito vivenciou algo em que a experiência não foi agradável, chama-se topofobia. Por fim, a percepção é a resposta que os sentidos transmitem aos estímulos de modo intencional, no qual certos eventos apontam, enquanto outros recuam para a escuridão ou são retidos. Dessa forma, percebemos que tudo está relacionado e que são as vivências aos lugares que proporcionam evidenciar esses sentimentos acerca da percepção ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

- O objetivo da cartilha é criar um recurso pedagógico interdisciplinar, que pode ser trabalhado de forma transversal pelos profissionais da educação. A cartilha abrange dimensões socioculturais do ambiente escolar e de moradia. Ela busca conectar diferentes áreas do conhecimento, permitindo que os alunos reflitam sobre sua realidade de forma integrada. Dessa forma, o material se torna uma ferramenta para promover debates e ações educativas.
- Valorizar o cotidiano dos alunos é essencial para entender a relação entre sujeito e natureza. Compreender como os alunos percebem seus ambientes, tanto escolar quanto residencial, contribui para o desenvolvimento dentro e fora da escola. Esse reconhecimento do cotidiano estimula a autoestima dos alunos, mostrando que suas vivências são importantes.
- A combinação de conhecimento empírico e científico permite que os alunos se tornem protagonistas, ajudando outros jovens a se identificarem com suas experiências. O conhecimento empírico, baseado na vivência, torna o aprendizado mais próximo da realidade dos alunos.
- Para que o aluno compreenda o ambiente ao seu redor, é importante que ele tenha experiências que o ajudem a analisar o impacto do ambiente. Esse processo é valioso tanto para os professores quanto para os alunos, que assumem o papel de protagonistas. As vivências dos alunos fornecem dados concretos para que os professores desenvolvam práticas pedagógicas mais adequadas. Além disso, essas experiências enriquecem o aprendizado ao tornar as aulas mais dinâmicas e conectadas à realidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

KOZEL, Salete. Comunicando e representando: Mapas como construções socioculturais. *In.*: SEEMANN, Jörn (Org.). **A aventura cartográfica: perspectivas, pesquisas e reflexões sobre a cartografia humana**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2005.

MAHEIRIE, Kátia. Constituição do sujeito, subjetividade e identidade. **Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC)** .São Paulo. V.7 n.13 jun. 2002. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v7n13/v7n13a03.pdf> . Acesso em: 02set 2022.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: uma perspectiva da experiência**. Tradução Livia de Oliveira. Eduel, 1983.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Unesp, 2005.[1979].

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.